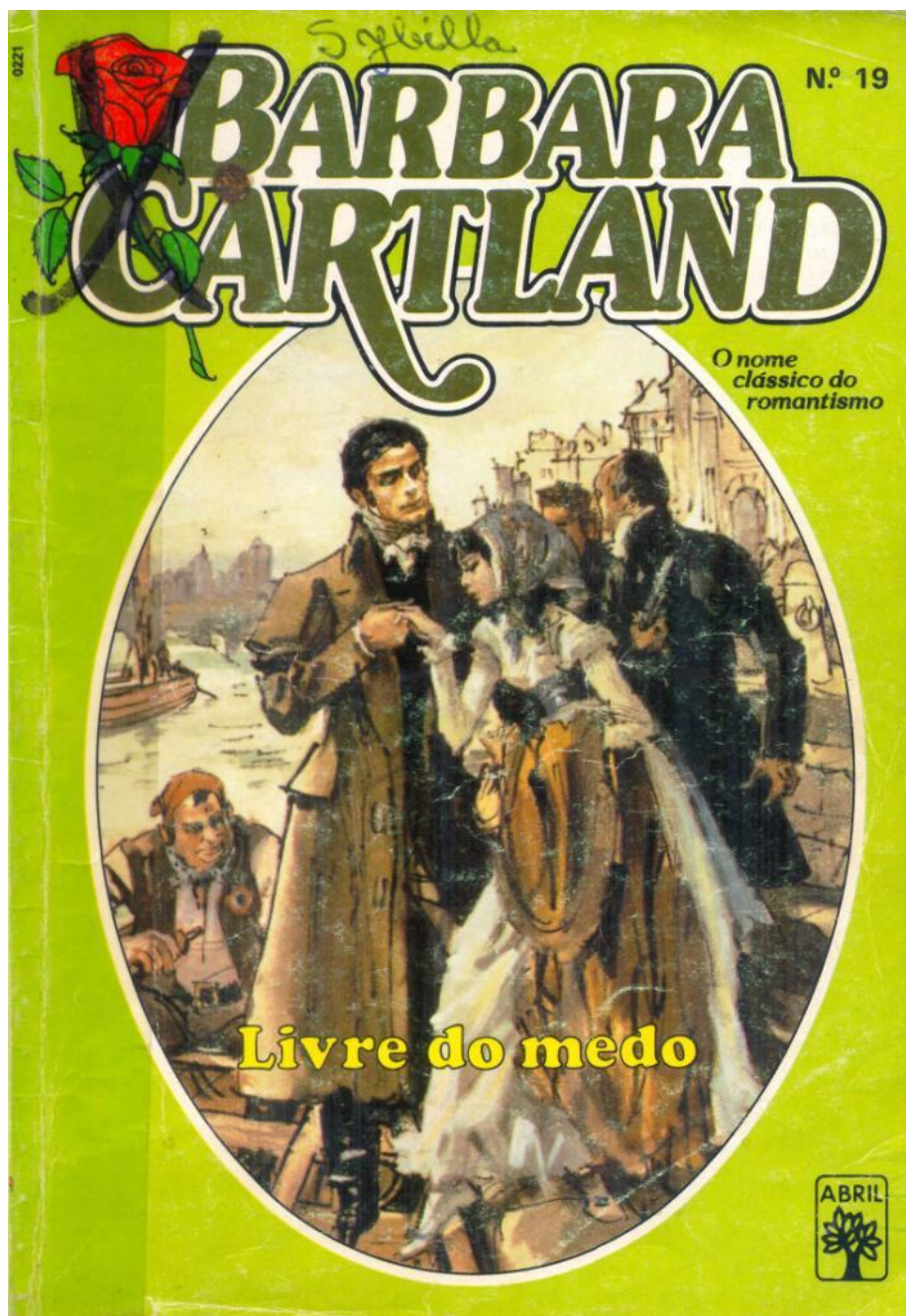




Livre do medo

Barbara Cartland



A mais famosa e perfeita autora de romances históricos, com 350 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

Título original: Free from fear
Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1980
Tradução: T. MOREIRA
Copyright para a língua portuguesa: 1981
EDITORA EDIBOLSO LTDA. — São Paulo
Uma empresa do GRUPO ABRIL
Composto na LLNOART
e impresso nas oficinas da
ABRIL S. A. CULTURAL E INDUSTRIAL

A noite não estava fria, mas Yolanda tremia de medo enquanto cavalgava pelos bosques da periferia de Paris, ao lado do duque de Ilkeston, fugindo da polícia de Napoleão Bonaparte. Yolanda sabia que nada representava para o rico e orgulhoso duque, mas ela o amava e não poderia deixá-lo na hora da aflição. Depois da desesperada corrida, embarcaram num barco para chegar na Inglaterra.

No meio da viagem os soldados de Napoleão invadiram a embarcação! Nesse momento de angústia e perigo, Yolanda estava nos braços do duque, preferindo morrer com ele, do que viver sozinha!

NOTA DA AUTORA

Em maio de 1803 os planos de Napoleão Bonaparte para invadir a Inglaterra começavam a se concretizar. Nos portos da Europa, oficiais navais, mestres, marinheiros e armadores recebiam ordens imperiais secretas, todas dirigidas no sentido da invasão.

Ao mesmo tempo, o primeiro cônsul tentava manter um relacionamento amistoso com o governo de Londres, através do embaixador inglês na França, lorde Whitworth.

Contudo, mesmo assim, quando um dia Whitworth preparava-se para viajar, o governo francês negou-lhe permissão para obter os cavalos necessários. Apesar dessa dificuldade ele partiu, finalmente, em 11 de maio de 1803 para Calais. Cinco dias mais tarde o embaixador francês em Londres foi chamado de volta a Paris. E no dia 18 os ingleses declararam guerra à França, capturando dois navios franceses.

Furioso, Napoleão Bonaparte ordenou a prisão de todos os viajantes ingleses que se encontravam na França. Dez mil pessoas foram presas, numa atitude que contrariava todos os princípios civilizados.

É nesse momento dramático da história européia que se desenrola este romance envolvendo a doce figura de Yolanda Tiverton e do orgulhoso duque de Ilkeston.

CAPÍTULO I

1803

Quando arrumava as flores na sala de estar, Yolanda teve a impressão de ouvir seu irmão chamando-a do vestíbulo.

A princípio, pensou que estava imaginando coisas, pois não o esperava de volta tão cedo.

Desde que se levantara, às quatro e meia da manhã, para ajudá-lo a se vestir, estivera rezando para que ele não se ferisse, ou que, por algum milagre, aquele duelo não se realizasse!

Agora eram oito horas, e ele deveria chegar dali há uma hora ou mais. Mas, para sua surpresa, já estava em casa.

Rapidamente colocou as flores murchas, que retirara de um vaso, sobre a mesa, e correu para vê-lo entrando no vestíbulo, gritando por seu nome mais uma vez.

— Yolanda, onde você está?

— Aqui, Peter — respondeu ela.

La perguntar-lhe o que acontecera, mas quando viu aquela expressão estranha em seu rosto, sentiu a voz morrer na garganta.

Havia algo de violento em seus olhos e seu rosto estava mais pálido do que nunca.

Sir Peter Tiverton sabia perfeitamente que era um homem atraente, um dândi jovem e elegante, que não ficava nada a dever aos outros janotas e almofadinhas que seguiam servilmente a moda ditada pelo Beau Brummel.

Mas naquele momento, com os cabelos, normalmente bem arrumados, em total desalinho, a gravata amarrotada e a expressão de espanto, sir Peter parecia outra pessoa.

— O que aconteceu? — perguntou Yolanda, quase sussurrando.

— Eu... o matei! — respondeu seu irmão. — Eu matei o marquês!

— Como? — gritou Yolanda. — E por quê?

— Deus sabe que eu não desejava isso — respondeu Peter. — Pretendia apenas feri-lo. Mas ele estava tão bêbado que, ao tentar atirar, vacilou e não conseguiu me acertar. E, então, acabei ferindo-o mortalmente com um tiro no peito.

— Oh... Peter... que horrível! O que faremos?

— O que faremos? — repetiu o irmão. — Você sabe muito bem o que tenho que fazer!

Yolanda apenas arregalou os olhos, pois não tinha condições de perguntar-lhe mais nada.

— Devo deixar o país imediatamente! — disse Peter. — A menos que queira ser levado aos tribunais!

— Mas era um duelo de honra!

— Você acha que isso faz diferença, quando se trata da morte de alguém tão importante quanto Ramsbury? E tem mais um detalhe: lorde Basil Blake, que era seu

padrinho no duelo, ameaçou-me, gritando: “Você pagará por isso, Tiverton!”

Peter fez um gesto de desespero com as mãos.

— Você sabe como ele era influente junto ao lorde tesoureiro. Quem acreditará em mim quando disser que foi um acidente?

— Mas Peter! Ir embora... como? E para onde?

— Para a França! — respondeu seu irmão. — Quanto dinheiro temos em casa?

— Muito pouco. E, como sabe, uma montanha de dívidas!

— Junte tudo o que conseguir.

— Peter, você não pode me deixar aqui sozinha! Além disso, o que direi quando eles chegarem perguntando onde você está?

Ele ficou em silêncio por um momento.

Voltou-se, então, para a irmã como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Parecia-lhe muito bonita com seus cabelos escuros, mostrando reflexos purpúreos, que emolduravam um rosto pequeno, onde se destacavam os olhos profundamente azuis.

Não eram do tom de um céu claro, mas de uma noite escura. Como o das águas de um mar agitado, sob uma tempestade. Sua pele era clara, herdada do pai inglês, e a tonalidade dos seus cabelos e dos de Peter revelava a ascendência francesa de sua mãe.

— Não, eu não a deixarei aqui sozinha — disse ele, lentamente, quase balbuciando.

— Você irá comigo. Talvez não tenhamos que ficar fora por muito tempo, simplesmente até que os comentários se acalmem.

Não falava com muita segurança, pois sabia que a morte do marquês de Ramsbury provocaria grande repercussão e que não seria esquecida tão cedo.

O relógio de seu avô, pendurado no vestíbulo, soou. Meia hora tinha se passado e Peter mostrou-se inquieto.

— Rápido, Yolanda — disse ele. — Irei pedir aos Gibson que fechem a casa. Por favor, faça algumas malas, para levarmos nossas roupas.

— Sim, querido — concordou Yolanda. — Mas tem certeza absoluta de que deve deixar o país?

— Tenho que escolher entre a França e a prisão — explicou seu irmão.

Como se essa última palavra a impelisse à ação, Yolanda subiu correndo as escadas, enquanto Peter desaparecia pelos quartos do fundo do velho solar, que herdara há três anos de seu pai.

Durante quatrocentos anos, os Tiverton viveram naquela casa. Com o passar do tempo, principalmente a partir do fim do último século, a fortuna da família fora diminuindo.

As fazendas tinham sido vendidas, e, agora, o patrimônio era muito pequeno. Possuíam apenas o solar, a carruagem, os cavalos e os retratos de seus ancestrais. Yolanda tinha a impressão de que eles os olhavam com ar de desaprovação.

Mas ali era seu lar e ela o amava. Ao retirar apressadamente as malas de dentro dos armários, sentia-se não só infeliz por deixar tudo o que lhe era familiar, como também amedrontada.

Por mais que Peter pensasse que a levava consigo para protegê-la, ela sabia que

terminaria cuidando dele.

Peter era impulsivo e irresponsável. Apesar disso, era gentil e compassivo, e, por sua própria vontade, não gostaria de ter ferido ninguém.

O marquês de Ramsbury poderia ser um dos nobres mais importantes da sociedade e respeitado na Câmara dos Lordes, mas, em sua vida pessoal, nada mais era do que uma pessoa dissoluta e bêbada.

O rei e a rainha reprovavam sua amizade com o príncipe de Gales, por temerem sua influência nefasta. Apesar disso, todos admitiam que era um homem muito inteligente.

Por outro lado, sua riqueza e suas vastas propriedades tornavam impossível ignorá-lo ou repudiá-lo, por mais que seu comportamento fosse desagradável.

Yolanda não sabia exatamente quais os motivos que tinham levado seu irmão a se envolver com o marquês, a ponto de ser desafiado para um duelo.

A causa de tudo imaginava ela, deveria ser uma mulher. Suspeitava ainda que, pelo fato de seu irmão ser muito atraente, a dama em questão o teria preferido ao marquês, que já estava na meia-idade e parecia muito mais velho, em razão da vida desregrada que levava.

Qualquer que tivesse sido o motivo, a realidade é que o duelo terminara em tragédia e isso significava que Peter teria que sair do país, deixando sua casa e seus amigos.

Ela mesma tinha poucos amigos, mas sabia que seu irmão era muito popular. E ficou pensando porque seu padrinho no duelo, ao menos, não o acompanhara na volta.

Agora, não havia tempo para perguntar. Por isso, rapidamente, dobrou e colocou na mala as poucas roupas que possuía.

Em seguida, correu ao quarto de Peter, que pertencera a seu pai, preparou sua bagagem, guardando os seus casacos de corte elegante, suas calças de couro de gamo, suas botas enfeitadas com borlas e um grande número de gravatas de musselina fina.

Em uma das gavetas, encontrou algumas moedas perdidas. Naquele instante, lembrou-se de que precisavam de dinheiro!

Achava que deveriam levar muito, se quisessem viver na França, tendo que pagar aluguel e outras despesas.

Mas onde arranjariam esse dinheiro?

Possuíam poucas jóias, que tinham pertencido à sua mãe e que Yolanda gostaria de guardar por razões sentimentais. Convenceu-se, então, de que não deveria ser egoísta e que sua mãe certamente gostaria que ajudasse Peter, a quem adorava.

Havia também o relógio de ouro de seu pai. Era uma peça que tinha passado de pai para filho na família, desde que fora apresentado ao primeiro baronete, pela rainha Anne.

Era penoso pensar que talvez tivessem que vendê-lo. Ao mesmo tempo, considerou, se estivessem em apuros, de que adiantaria continuar com um relógio de ouro, por maior valor histórico que tivesse?

Ao terminar de arrumar as malas, desceu as escadas e foi até o cofre. Viu, então, que Peter já o abrira.

— O que aconteceu com o broche de diamante de mamãe? — perguntou ele.

— Vendemos no ano passado — respondeu Yolanda. — Não se lembra? Você queria

comprar um cavalo e tinha que pagar adiantado por seu alojamento.

— Eu tinha me esquecido — disse Peter. — Mas, com certeza, ainda temos algo de valor, não?

— Estive pensando nisso — afirmou Yolanda. — Restam seis guinés do dinheiro que você me deu para a manutenção da casa, no mês passado. Talvez você consiga sacar um cheque no armazém do povoado.

— Boa idéia! Vou fazer isso — replicou Peter. — Só espero que ele possa ser coberto depois.

— Oh, Peter, você deve ter algum dinheiro no banco!

— Não muito — respondeu ele —, mas precavi-me, pedindo emprestado a meu padrinho, antes de deixar Londres.

— Quanto?

— Com o que já possuía, acho que somam agora cinqüenta libras.

— Isso nos aliviará por enquanto, mas se tivermos que ficar fora por muito tempo...

Olhou para o irmão. Ele se manteve impassível, sem coragem para encará-la.

— Vou dizer-lhe o que devemos fazer — disse ele. — Iremos a Paris e tentaremos descobrir algum parente de mamãe.

— Ela sempre disse que muitos tinham sido guilhotinados durante a revolução!

— Sim, eu sei. Mas os Latour eram uma grande família! Talvez com a política de Bonaparte para formar uma nova Corte, tentando reconciliar-se com o Ancien Regime, os Latour tenham caído novamente nas boas graças dele.

— Talvez não os aceitem ainda — comentou Yolanda.

— Isso não importa, desde que possamos ficar por lá! — De repente, ele sorriu. — Anime-se! As coisas não serão tão ruins quanto imaginamos. Além disso, sempre quis conhecer Paris. Dizem que as mulheres francesas superam as inglesas!

Yolanda suspirou de leve.

Era próprio de Peter sonhar primeiro com as diversões que teria pela frente, deixando de lado as graves circunstâncias que os obrigava abandonar a terra natal.

Sabia que não adiantava repreendê-lo.

Ao contrário, retirou do cofre as poucas peças de valor e colocou-as em uma bolsa de couro que pertencera à sua mãe. Yolanda sempre a levava consigo quando viajava.

— Teremos que deixar algum dinheiro para os Gibson — disse ela.

— É claro! — concordou Peter. Ela tinha certeza de que ele nem pensara nisso.

— E as contas a pagar?

— Os credores terão que esperar até que voltemos! — respondeu Peter. — disse a Gibson que escreverei ao sr. Claymore, que sempre cuidou da propriedade, para continuar o seu trabalho e saldar as dívidas mais urgentes!

Yolanda quis indagar:

— Com que dinheiro?

Depois achou que isso poderia aborrecer seu irmão. Assim, simplesmente ouviu o que ele dizia:

— O café pode ser servido agora. E, tão logo Gibson traga a pequena carruagem,

partiremos!

— Será que lorde Basil já mandou alguém atrás de você? — perguntou Yolanda, com voz assustada.

— Certamente ele viria primeiro me procurar em casa — afirmou Peter. — Conseguirá com facilidade meu endereço no campo, no White. Mas não vou ficar aqui esperando ser preso!

— Não, é claro que não! — gritou Yolanda, com medo.

Correu para cima, para pegar seu chapéu e sua capa de viagem.

Estava bem quente, apesar de ser abril. Porém ela era bastante sensata para supor que poderia fazer frio durante a viagem por mar. Por isso, apanhou uma longa capa de couro, que também pertencera a sua mãe.

Era a vestimenta mais elegante que Yolanda já possuía. Lady Tiver-ton, uma típica francesa, fazia questão de manter-se elegante. E tudo o que vestia ficava melhor nela do que em qualquer outra mulher.

Pronta para sair, Yolanda deu uma última espiada em seu quarto.

O tapete estava puído e as cortinas desbotadas. Mas, por ter passado ali toda a sua vida, considerava aquele aposento como uma parte de si, e sentia muito ter que deixá-lo.

Olhou para a parede acima da lareira, onde estava pendurado um retrato de sua mãe.

Era uma pintura muito bonita, feita por um artista que ficara fascinado pela beleza da comtesse Marie de Latour e a transferira para a tela.

Yolanda parecia-se muito com a mãe. Contudo, sua pele clara e alguns pequenos detalhes indefiníveis não a caracterizavam nem como francesa, nem como inglesa.

Era como se reunisse o que havia de mais belo nas mulheres de ambas as nações. Aqueles que a conheciam confirmavam essa impressão, não somente a respeito de sua aparência, mas também por seu caráter e personalidade.

Agora, fixando-se no rosto de sua mãe, transformava-se novamente em uma criança, e suplicava:

— Olhe por nós, mamãe! Ajude-nos, pois, embora esteja com Peter, terei muito medo!

Por um momento, Yolanda esperou, como se achasse que sua mãe pudesse responder. De repente, lágrimas sentidas começaram a escorrer pelo seu rosto. Deparou, então, com Gibson, que viera apanhar as malas.

— Não é justo que tenha que partir assim, lady Yolanda — disse ele, com seu jeito ranzinza, mas que demonstrava aquela afeição e familiaridade típicas dos velhos criados.

— É verdade, Gibson — respondeu Yolanda. — Só que não posso deixar que sir Peter vá sozinho. Você sabe muito bem que ele ficará em apuros, se não estiver a seu lado!

— Ele se meterá em complicações de qualquer jeito, senhorita, com ou sem a sua presença! afirmou Gibson.

Não esperou que ela respondesse. Colocou a bagagem nos ombros e saiu para o corredor, em direção à escadaria.

Alguns minutos depois, eles partiram, deixando a Sra. Gibson soluçando com pesar.

Peter nada disse. Nem olhou para trás, para ver a casa pela última vez. Yolanda sentia pela tensão demonstrada em seus lábios e pela postura de seu queixo, que ele estava tão preocupado quanto ela.

Evitaram conversar sobre o assunto. Quando chegaram ao armazém do povoado, Peter entrou para tentar descontar um cheque, desculpando-se por aquele incômodo de ter que partir para Londres tão inesperadamente.

— Não creio que disponha de muito, sir Peter — disse-lhe o Sr. Brewster, proprietário da loja!

— Bem, arranje-me o que tiver. — Peter falou. — Não tenho tempo de ir ao banco, e estou com muita pressa!

— Pressa, pressa, isso é o que me diz desde que era criança — respondeu o Sr. Brewster, hesitante. Sempre sem tempo para fazer isto ou aquilo!

Riu, e Peter foi obrigado a fazer o mesmo.

— O Sr. Brewster começou a mexer em uma gaveta.

— Ah! Tinha me esquecido disto — disse ele. — Está com sorte, sir Peter. Recebi ontem à noite onze libras. É tudo o que tenho!

— Fico-lhe muito agradecido, Sr. Brewster.

Preencheu um cheque e entregou ao comerciante, que perguntou:

— Quando voltará?

— Não estou certo — disse Peter, enquanto caminhava para a porta, e acrescentou: — mas logo receberá notícias!

— As suas encomendas habituais serão entregues — respondeu o sr. Brewster. — E guie cuidadosamente. Não queremos acidentes, não é sir?

— É claro que não!

Correu para o veículo e sentou-se junto à Yolanda, que segurara as rédeas, enquanto ele estava na loja.

— Quanto conseguiu? — perguntou ela, quando partiram.

— Quase onze libras.

— Só isso?

— Era tudo o que ele tinha.

Não conversaram por muito tempo. Mais tarde, Peter retomou:

— Conseguiremos mais um pouco com a venda de nossa pequena carruagem e dos cavalos, quando chegarmos a Dover.

— Vai vender os cavalos?

A voz de Yolanda demonstrava seu espanto.

— Não conseguiremos pagar o aluguel de um estábulo, enquanto estivermos fora do país.

— Mas, Peter eles quase fazem parte da família, sempre viveram conosco. Como pode deixar que fiquem nas mãos de estranhos?

Sabia, no entanto, que não receberia nenhuma resposta. Certamente, não teriam condições de sustentar os animais, enquanto estivessem no exterior. Mesmo que isso parecesse uma traição, aqueles cavalos, que tanto amavam tinham que ser vendidos.

Durante a viagem, Yolanda tinha a sensação de que, a cada quilômetro que transpunham, era mais difícil deixar a Inglaterra.

O que encontrariam na França, que compensasse abandonar tudo aquilo que lhes era familiar e que, na verdade, era o único mundo que ela conhecia?

Lera nos jornais notícias de que o armistício firmado há um ano mudara a atitude dos franceses em relação aos seus inimigos, os ingleses.

Yolanda sabia que Bonaparte, o primeiro cônsul, não gostava de ser retratado pelos cartunistas como um déspota barbudo, parecendo personagem de uma novela corsa, saqueando, incendiando e matando.

Agora, ele era descrito como o homem mais importante da Europa, recebendo a saudação de suas tropas com toda a pompa e esplendor da realeza. Metade das nações do mundo prestavam-lhe homenagens.

Yolanda lera a entrevista de um turista em Paris, afirmando ter visto aquele homem, encarado quase sempre como um bárbaro, montando um cavalo que pertencera ao último rei da França, ser recebido por famosos generais e admirado por mulheres maravilhosas de diversas nacionalidades.

Parecia estranho que aquela sua imagem tivesse mudado tão rapidamente. Para Yolanda, importava mais que a paz fosse restabelecida e que não houvesse mais tantas mortes.

O jornal Times lhe informara que o primeiro cônsul começara a freqüentar a missa, todos os domingos, na capela de Tuilerie.

— Tenho certeza de que estarei segura na França — pensou ela.

Era estranho recordar-se de como sua mãe lamentara e odiara a Revolução Francesa. Logo depois, Napoleão Bonaparte lutara contra os ingleses, enquanto tentava restaurar a unidade nacional na França.

— Ele é um novo-rico e nunca será aceito pela aristocracia francesa — declarou lady Tiverton com segurança.

De repente, todos começavam a admirar aquele homem que dera vitórias ao seu país, em vez de derrotas e caos interno.

A distância até Dover era longa, mas Peter era um condutor hábil. Assim, chegaram logo após o meio-dia.

Ele deixou Yolanda no porto, com sua bagagem, e saiu, sem lhe dizer aonde ia. Mas ela tinha certeza de que ele iria vender os cavalos e o veículo.

Tentou não pensar nisso, pois sentia vontade de chorar.

Sentada sozinha no cais, olhava os passageiros que esperavam para subir a bordo do navio que cruzaria o canal, achando-os pouco atraentes.

Peter queria alugar para ela uma saleta particular, mas Yolanda o convencera a desistir.

Enquanto seguiam para Dover, pouco tinham conversado. E ela tivera tempo suficiente para pensar nas medidas econômicas que deveriam tomar, uma vez que dispunham de pouco dinheiro.

Sua intuição lhe dizia que as jóias de sua mãe, que pareciam tão sofisticadas, não

teriam muito valor comercial.

Não tinha noção do preço dos alimentos e alojamentos na França, mas sabia que estrangeiros eram sempre explorados.

E, então, mais otimista, lembrou-se de que ela e Peter não eram completamente estrangeiros na França.

Por sua descendência materna os dois falavam a língua francesa tão fluentemente quanto o inglês. E, ao olhar-se em um dos grandes espelhos que decoravam as paredes do hotel, Yolanda notou que parecia mais francesa que inglesa.

Talvez, durante a viagem, fosse melhor serem confundidos com os franceses. Seriam menos enganados. E, em muitas partes da França, os ingleses ainda eram vistos como inimigos.

Era uma idéia a se analisar. Quando Peter voltou, Yolanda esperou até que ele lhe contasse o resultado dos negócios.

— Fiquei desapontado — disse ele. — A carruagem alcançou o preço que eu esperava, mas os cavalos, não.

— Espero que tenham ido parar nas mãos de um bom cavaleiro — disse Yolanda — e que não sejam obrigados a puxar carroças super carregadas.

— Parecia ser um camarada decente — explicou Peter. Ela sentia que seu irmão lhe dizia isso mais para confortá-la.

Como não suportasse mais falar sobre os cavalos, Yolanda contou a Peter sua idéia de passarem por franceses, durante a viagem.

— Nunca farei isso — afirmou Peter. — Além disso, disseram-me que possuir um título aqui é um triunfo e que este país republicano é mais aristocrata que qualquer outro!

Por mostrar-se tão incisivo, conseguiu que Yolanda capitulasse imediatamente.

— Está bem, querido, faremos exatamente o que você deseja! Apenas achei que com isso poderíamos economizar, de uma forma ou de outra!

— Sinto o calor do dinheiro em meu bolso, neste momento! — Peter exclamou.

— Lembre-se de que deverá durar muito — disse Yolanda ponderadamente.

Como insistia em ser muito cuidadosa, não permitiu que ele lhe comprasse a passagem com direito a uma cabine no navio.

O preço do bilhete não era muito caro: meio guinéu para os cavaleiros e cinco shillings para os criados.

— Posso passar por sua criada — disse, Yolanda brincando —, ou você por meu valete.

— Já comprei nossas passagens — respondeu Peter. — Nosso navio partirá daqui à uma hora. Quanto mais cedo embarcarmos e conseguirmos um lugar confortável, melhor!

— Quanto tempo durará a travessia?

— Foi a primeira coisa que perguntei — esclareceu. — E o bilheteiro respondeu: “Quando o vento está favorável, sir, alcançamos Calais em três horas!”

— E as previsões são boas? — ela continuou.

— A resposta é não! — disse Peter. — Nesse caso, levaremos de cinco a seis horas. Você é uma boa marinheira?

— Não tenho a menor idéia. Você sabe muito bem que nunca viajei de navio antes.

— Tenho uma agradável suspeita — gracejou Peter — de que sou um marinheiro de água doce. De qualquer forma, logo descobriremos isso!

Apesar dos protestos de Yolanda, ele decidiu preparar-se, tomando vinho e fazendo com que ela também bebesse um copo.

Ao embarcarem, perceberam que as ondas fora do cais já estavam se agitando e o vento balançava as velas do navio.

A embarcação parecia pequena demais para o grande número de pessoas que deveria transportar.

Peter acomodou Yolanda num lugar confortável, abaixo do convés. Depois de pedir-lhe que permanecesse ali, subiu até o tombadilho, para olhar o navio deixando o porto.

O barco deixava-se arrastar pela maré, e ondas muito fortes o impeliam rapidamente ao alto mar. Yolanda não precisava ouvir o que os outros diziam para ter certeza de que teriam uma viagem muito desconfortável pela frente.

Enquanto todas as pessoas a sua volta passavam mal, Yolanda conseguia manter-se em boa forma fechando os olhos e desviando o pensamento para outras coisas.

Naquele ritmo de viagem turbulenta e desconfortável, o tempo parecia arrastar-se infinitamente. Faltavam quatro horas para que alcançassem Calais.

Ao entrarem no porto francês, Yolanda viu Peter pela primeira vez, desde que tinham deixado Dover.

Achara que talvez ele tivesse ficado no tombadilho por causa do cheiro desagradável do salão. Mas, ao observá-lo mais atentamente, percebeu que estava terrivelmente enjoado.

Seu rosto estava acinzentado, suas roupas amarfanhadas pelo vento. Como ele se mostrasse incapaz de dar ordens, Yolanda tomou a iniciativa e conseguiu um carregador, dizendo-lhe que levasse sua bagagem para a alfândega.

Ele a obedeceu sem relutância, observou Yolanda, e como ela falava fluentemente o francês, e Peter não estava em condições de conversar com os oficiais de alfândega, decidiu passar-se por francesa.

— Está voltando para casa, mademoiselle? — perguntou o oficial gentilmente.

Era óbvio, pela expressão de seus olhares, que a estavam admirando.

— Sim, monsieur, e estamos muito contentes em regressar!

Então, pela primeira vez, o oficial notou Peter a seu lado, dando a impressão de que iria sentir-se mal novamente.

— Pardon, madame — disse ele. — Não tinha notado que era casada. Seu marido também é francês?

— Oui, oui, monsieur — afirmou Yolanda, jovialmente. — Mas não gosta do canal.

— Nem nós! — exclamou o oficial, com uma piscadela. — E, um dia, nós o atravessaremos definitivamente. Tome nota disso.

Não havia dúvida que ele se referia a uma invasão dos franceses à Inglaterra. Yolanda suspirou.

Conseguiu ainda sorrir para o oficial, mostrando-se descontraída de forma que ele a

deixou ir sem maiores revistas. As outras pessoas tiveram que abrir todas as valises que traziam e mostrar inclusive o que levavam nos bolsos e bolsas.

O carregador apanhou a bagagem, enquanto o oficial informava-lhes que o melhor hotel em Calais era o Hotel d'Angleterre.

Yolanda ia responder que preferiam um hotel menos luxuoso, mas ao notar que Peter estava à beira de um desmaio, decidiu que, por aquela noite, poderiam fazer uma extravagância.

Poucos dos companheiros de viagem tomaram a mesma direção. Ao chegarem ao Hotel d'Angleterre, viram muitos turistas com aparência de gente importante, damas e cavalheiros elegantes, não muito diferentes deles próprio.

Yolanda pediu dois quartos individuais anexos e tentou não aparentar contentamento ao saber que os melhores aposentos já estavam ocupados. A diária de dois dos disponíveis era bem mais barata. E assim, ocuparam alojamentos simples, mas confortáveis no segundo andar. Sua bagagem foi levada para cima. Tão logo Peter entrou em seu aposento, jogou-se na cama.

— Peça-me um brandy, pelo amor de Deus! Sinto-me como se fosse morrer! — disse, gemendo.

Yolanda fez o pedido. Ao assinar a nota, ficou chocada com o preço da bebida. Era para evitar isso que estavam se fazendo passar por franceses.

— Eu lhe disse que os viajantes são sempre explorados falou a Peter, quando este se sentou para tomar a bebida.

— Vou lhe dizer uma coisa — afirmou ele. — Ficarei o resto da minha vida no continente, pois não quero nunca mais ver o mar!

— Tivemos azar que a viagem tivesse sido tão turbulenta!

— Isso é desculpa — respondeu Peter. O balanço do mar é sempre horrível.

Alguns minutos depois o brandy começou a fazer efeito e ele passou a sentir-se melhor.

Levantou-se da cama, tirou o paletó e colocou-o sobre uma cadeira. Então, olhou-se no espelho e resmungou ao ver o estado deplorável de sua gravata.

— Não sei como não nos mandaram para as dependências de empregados! Olhe minha roupa!

— Você está muito desarrumado, querido — disse Yolanda. — Deixe-me ajudá-lo a mudar de roupa. Em seguida, poderá descer e comer alguma coisa.

— Não conseguirei nem olhar para comida agora — afirmou Peter. — Mas poderia tomar outro brandy.

— Acho que não é bom beber muito com estômago vazio...

— Não mencione essa palavra — exclamou Peter. Yolanda riu.

— Pobre Peter! Logo você se sentirá bem! Como este é o melhor hotel de Calais, a comida deve ser ótima!

Enquanto falava, abriu a mala dele, pegou algumas roupas e uma gravata limpa. Depois saiu e dirigiu-se ao seu quarto.

Entre seus poucos vestidos, Yolanda escolheu um de musselina branca debruado em

azul. Sobre ele, poderia usar um bonito xale de lã, que pertencera a sua mãe.

Estava sentada à frente de um pequeno e desajeitado espelho, arrumando os cabelos, quando a porta se abriu.

Peter entrara, parecendo tão furioso e agitado que Yolanda, instintivamente, levantou-se.

Imaginou que, talvez, aqueles que o perseguiram já tivessem atravessado o canal! Tentou perguntar-lhe o que acontecera, mas, antes que o fizesse, ele falou, com uma voz totalmente irreconhecível:

— Fui roubado!

— Roubado? — repetiu Yolanda.

— Levaram tudo o que possuíamos!

— Não pode ser verdade!

— Sei quem fez isso. Foram uns homens que estavam a meu lado, quando me sentia mal, junto à amurada. Pensei que estivessem me ajudando. Eles me seguravam, parecendo muito amigáveis e solidários. Mas acho que, na verdade, estavam apenas tentando surrupiar a minha carteira.

— Oh... Peter... você tem certeza?

— Verifique você mesma. Não me deixaram um centavo!

Apavorada, Yolanda deu um grito. Como se quisesse convencer-se de que Peter estava imaginando coisas, correu ao quarto do irmão.

Ele jogara seu casaco sobre a cama e Yolanda começou a remexer todos os bolsos, apenas para constatar que, realmente, estavam vazios.

Ao embarcarem, ela vira que Peter colocara as notas recebidas do Sr. Brewster no bolso interno do casaco e as moedas na bolsa de malha que sempre carregava.

Agora, era tarde demais para que tivesse a idéia de guardar parte daquele dinheiro em sua própria bolsa.

Como poderia adivinhar, ou imaginar, que Peter, muito mais forte e geralmente atento e perspicaz, fosse roubado dessa maneira?

Colocou novamente o casaco sobre a cama. Peter estava na porta, observando-a.

— Que diabos faremos agora? — perguntou ele, desconsolado.

— Venha para o meu quarto, para que possamos conversar sem sermos ouvidos — sugeriu Yolanda.

Peter seguiu-a, fechando a porta atrás de si. Fez-se silêncio, até que Yolanda opinou.

— Talvez... possamos voltar para casa e tentar conseguir mais algum dinheiro.

— E ser preso?

— Não, compreendo que é impossível! Mas Peter, não podemos continuar desse jeito. Estou quase certa de que as jóias de mamãe, que estão em minha bolsa, não têm grande valor!

— Eu deveria ter-lhe prevenido sobre isso — disse Peter. — Elas são apenas imitações que papai presenteou à mamãe, pois ele não podia gastar muito.

— Ainda tenho os seis guinéus das despesas da casa.

— Bem, isso é tudo o que nos resta, além da miséria. O que sugere que façamos?

— Sinto como se minha cabeça estivesse oca e, realmente, não consigo pensar em nada — respondeu Yolanda.

— Tenho a mesma sensação. — Concordou Peter. — Fui muito idiota em não ter percebido que aqueles homens estavam cuidando de mim, por eu ser uma presa fácil naquele momento.

Ele falava furiosamente.

— E que presa! — continuou ele. — Um verdadeiro simplório! Um caipira, vítima de uma cidade grande!

— Não deve se culpar, querido! Você estava doente!

— Muito doente! — confirmou Peter. — Mas isso não justifica o meu descuido!

Sentou-se na cama. Então, disse:

— A melhor coisa a fazer é mandá-la de volta à Inglaterra e explodir os meus miolos!

Yolanda estendeu suas mãos para ele.

— Não fale assim. Conseguiremos fazer algo. Não seremos tão covardes a ponto de fracassarmos.

— A única alternativa, continuou Peter em voz baixa — é desistir e voltarmos à Inglaterra. Eu me apresentarei às autoridades e assumirei as conseqüências.

— Acha que eu permitiria que fizesse isso? — perguntou Yolanda.

— É claro que não!

Segurava a mão de Peter entre as suas.

— Penso, disse ela, após um momento que você está certo em sugerir que procuremos nossos parentes em Paris. O difícil será encontrar uma maneira de chegar até eles.

Peter não respondeu. Yolanda percebeu que ele estava trêmulo, compreendendo o esforço que ela fazia.

— Seis guinéus darão para poucos dias, se continuarmos aqui. — Afirmou Yolanda. — Além disso, creio que tudo em Calais é muito mais dispendioso que em qualquer outra parte da França.

— Pode estar certa — concordou Peter.

— Ao chegarmos — disse Yolanda, pensativamente vi que os hóspedes deste hotel eram pessoas como nós. Seria possível nos aproximarmos deles para pedir-lhes ajuda?

— Pense que resposta daríamos a duas pessoas, que nunca havíamos visto antes, que se aproximassem, pedindo-nos dinheiro, em uma cidade estranha de um país diferente!

Yolanda suspirou.

— Sim foi uma idéia tola! Se houvesse algum modo de conseguirmos dinheiro suficiente para chegarmos a Paris e alojarmos-nos em aposentos modestos, até encontrarmos nossos parentes.

— Se eles existirem — completou Peter, desconsolado.

— Estou pensando no que poderíamos fazer — continuou Yolanda.

— Você é um bom conhecedor de cavalos. Eu posso costurar e cozinhar, mas não creio que os franceses apreciem o tipo de pratos que sei fazer.

— Você dificilmente poderia trabalhar na cozinha — disse Peter e eu não me imagino

como cavaliário.

— Não devemos ser orgulhosos!

— Será melhor voltarmos para a Inglaterra! Não desejo vê-la sofrendo por minha culpa, por minha idiotice. Tomaremos o primeiro navio de volta, pela manhã. E rezemos para que o vento esteja favorável.

— Espere um minuto! — exclamou Yolanda. — Não concordo com isso, até que tenhamos analisado tudo cuidadosamente. Tenho uma idéia!

Voltou-se para o irmão e viu que ele colocava as mãos na testa.

— Você está se sentindo mal — disse ela, com um tom de ternura na voz. — Por que não se deita um pouco? Tenho certeza de que os franceses não costumam tomar as refeições muito cedo. Haverá comida no refeitório até mais tarde.

— Não temos como pagar — Peter falou de tal maneira que Yolanda se deu conta de que ele estava realmente mal.

Deitou-o na cama, com a cabeça recostada nas almofadas.

— Vou descer para saber quanto custa o jantar — disse Yolanda. — Se tiver oportunidade, falarei com o proprietário do hotel. Quem sabe ele seja um tipo simpático, ao qual eu possa contar sobre a enrascada em que estamos.

— Pelo amor de Deus, espere até amanhã! — pediu Peter. — Se ele achar que não temos dinheiro, nos colocará na rua esta noite mesmo!

— Tenho certeza de que não o fará! — afirmou Yolanda. — Tente dormir um pouco. Sei que se sentirá melhor!

Em seguida, dirigiu-se à porta. Enquanto Peter pensava em tentar impedi-la, ela já estava fora do quarto.

— Yolanda!

Gritou ele. Mas ela já se fora.

CAPÍTULO II

Ao caminhar pelo corredor, em direção às escadas, Yolanda percebeu que dois criados se aproximavam.

A mulher usava um grande avental sobre o vestido e uma touca na cabeça. O homem, também de avental, vestia um colete aberto sobre a camisa branca.

Eram bem diferentes dos criados ingleses, pensou ela. E percebeu também que formavam um casal, que trabalhava junto.

Sua mãe lhe contara, anos atrás, que isso era comum na França.

— Bonjour, madame! — cumprimentaram ambos, polidamente, ao passarem por ela.

Yolanda alcançou o topo das escadas e viu, no saguão, várias pessoas que chegavam e outras que partiam, com suas bagagens.

Na recepção, ao lado da porta, alguns viajantes pagavam suas contas, enquanto outros solicitavam acomodações, ficando desapontados ao saber que não havia lugar.

Caminhou entre eles até o local onde supunha ser a sala de jantar, devido ao ruído de talheres e vozes.

Não se surpreendeu ao ver que o refeitório já estava lotado e os garçons corriam de mesa em mesa.

Imaginava uma maneira de descobrir o preço da refeição, notando que os pratos servidos pareciam caros e exóticos. Viu também que a maioria dos hóspedes bebia champanha.

— Não poderemos comer até que eu consiga saber o preço de tudo pensou nervosamente.

Voltou à recepção, onde um inglês alto, envolto em uma capa de tweed e falando francês com um forte sotaque, acabava de pagar sua conta.

Quando ele saiu, Yolanda pensou em falar com o proprietário, mas foi empurrada para o lado por um outro homem. Imediatamente, o proprietário mostrou-se atenciosíssimo.

— Monsieur Hartley — disse ele, pronunciando mal o nome. — Seu patron chegou?

— Certamente, monsieur Dessin — respondeu o inglês. — O iate está no porto.

Ele falava francês, com um leve sotaque britânico.

— Então o senhor duque finalmente chegou! — disse o proprietário.

— Está tudo pronto para recebê-lo. Não precisa se preocupar, monsieur Hartley.

— Sabia que poderia confiar no senhor — respondeu o inglês. Observando-o melhor e ouvindo suas palavras, Yolanda compreendeu que o Sr. Hartley era uma espécie de secretário.

Cavalheiros ricos e distintos sempre tinham ao seu serviço um empregado desse tipo, que seguia à frente deles, arrumando-lhes acomodações, providenciando-lhes carruagens e cavalos e assegurando que seriam recebidos com toda a consideração.

— Infelizmente foi uma travessia muito difícil — comentou o sr. Hartley.

— É sempre assim nesta época do ano — confirmou monsieur Dessin.

— Nunca podemos confiar no mar.

— É verdade — concordou o sr. Hartley. — O mar já estava agitado, antes mesmo que o iate do duque deixasse Dover. Até a criada de quarto de mademoiselle Gabrielle Dupré ficou apavorada e se recusou a embarcar.

O sr. Hartley contava o fato como se fosse uma tragédia. Monsieur Dessin esfregava as mãos, num gesto tipicamente francês.

— Les domestiques! — exclamou ele. — São sempre assim! Não têm interesse pelo trabalho!

— Isso quer dizer — continuou o sr. Hartley — que preciso pedir-lhe, monsieur, que me consiga imediatamente uma criada boa e experiente!

— É impossível! — replicou monsieur Dessin. — Minhas camareiras farão, certamente, tudo o que for possível para atender a mademoiselle. Mas, quando o hotel está lotado, arranjar uma criada particular torna-se muito difícil.

— O senhor sabe que monsieur le duc não aceitará um não como resposta! — insistiu o Sr. Hartley.

Seu tom de voz deixava transparecer que ele temia não apenas pela reação de seu patrão, mas por seu próprio emprego.

Apoiou os cotovelos no balcão da recepção, e inclinou-se para o proprietário, enquanto pedia, quase implorando:

— Pense, monsieur, pense em dar um jeito nessa situação. Deve haver alguém que possa cuidar de mademoiselle, ao menos até chegarmos a Paris. E dinheiro não é problema!

Ao ouvir isso, Yolanda pressentiu que essa era a solução para seus problemas.

Até aquele momento, ouvira a conversa apenas superficialmente, enquanto calculava quanto ela e Peter gastariam com o jantar, e analisava se seria conveniente dizer ao proprietário que tinham pouco dinheiro.

Então, quando os dois se calaram e monsieur Dessin pôs a mão na testa, tentando solucionar a questão ela interveio suavemente:

— Pardon, monsieur, mas não pude deixar de ouvir sua conversa. Penso que talvez possa colocar-me a sua disposição!

O sr. Hartley virou-se, olhando-a atônito.

— A minha disposição, mademoiselle? — perguntou ele.

— Sim, naturalmente. Sou uma criada de quarto muito experiente. Acabei de chegar da Inglaterra, onde cuidei de uma dama muito distinta por muitos anos.

Monsieur Dessin, que também olhava para Yolanda surpreso, sorriu levemente.

— Parece, monsieur Hartley, que a sorte caminha ao seu lado. É verdade que esta jovem acabou de chegar, em um navio que, assim como o iate de monsieur le duc, fez uma viagem muito atribulada.

Ia continuar a conversa, mas um outro viajante, que estivera o tempo todo tentando chamar a sua atenção, perdeu a calma:

— Se não me atender, sairei já sem pagar a conta!

Monsieur Dessin correu, para atendê-lo, às pressas, deixando Yolanda com o sr. Hartley.

— É verdade? — perguntou ele. — Parece muito jovem, para ser uma criada experiente!

— Pareço mais jovem que sou, monsieur — respondeu ela — e, naturalmente, trago referências que provam que eu disse a verdade.

— Gostaria de vê-las.

— Irei buscá-las em cima — disse Yolanda. — Mas há algo que preciso lhe dizer.

— O que é?

— Estou viajando com meu... marido!

Ao falar, Yolanda não pôde evitar uma nota de angústia em sua voz. A possibilidade de viajar como criada até Paris parecia ter caído do céu. Contudo, ela não poderia seguir sem Peter.

— Um marido? — disse o Sr. Hartley, um pouco pensativo. E o que faz ele?

— Sabe lidar com cavalos — explicou Yolanda, lembrando-se do que dissera a Peter.

— E ele cavalga bem?

— Muito bem!

— E tem alguma referência?

— Sim, naturalmente, monsieur! Ele trabalhava para sir Peter Tiverton.

O sr. Hartley parecia aliviado ao ouvir um nome com título. Então, ele continuou:

— Durante a tempestade, um dos batedores do duque quebrou a perna e teve que permanecer a bordo.

— Tenho a certeza, monsieur, de que meu marido poderá substituí-lo satisfatoriamente. Era ele quem cuidava de todos os cavalos de sir Peter.

— Gostaria de vê-lo imediatamente — disse rispidamente o Sr. Hartley. — Tragam também, as referências.

— Sim, monsieur — concordou Yolanda — mas levaremos alguns minutos, pois os papéis encontram-se ainda em meio à bagagem.

— O Sr. Hartley olhou para a porta da frente.

— Sua graça estará aqui a qualquer momento — disse ele. — Assim, apresse-se! E espero que não esteja me enganando!

— Garanto-lhe que tudo o que lhe disse é verdade, monsieur, e que não ficará desapontado.

O sr. Hartley voltou-se novamente para a porta.

— Rápido! — disse ele. — Esperarei por você aqui.

Yolanda levantou a barra de suas saias, e subiu as escadarias apressada. Entrou no quarto onde Peter repousava.

— Levante-se — disse rapidamente. — Encontrei um emprego até Paris para nós dois.

Peter sentou-se e encarou-a.

— O que está dizendo? Sobre o que está falando?

— Serei uma criada de quarto... e você um batedor! — respondeu Yolanda. — Vamos já para o meu quarto! Temos que escrever nossas referências!

— Acho que você enlouqueceu... — começou Peter, mas ela já estava abrindo a mala e pegando uma caixa de papel de carta, que era de couro, e também fora de sua mãe.

Dentro, havia folhas de pergaminho branco, com o timbre dos Tiverton.

Estendeu uma a Peter, dizendo:

— Rápido! Escreva uma elogiosa referência a você mesmo, por parte de sir Peter Tiverton, dizendo que cuidou admiravelmente dos seus cavalos e que ele sente muito a sua partida, motivada por seu próprio desejo de retornar à terra natal.

Peter apanhou o papel, atônito, olhando Yolanda, enquanto ela providenciava um pequeno tinteiro e uma pluma.

— Felizmente lembrei-me de trazer minha caixa de cartas — comentou ela. — É que queria escrever aos Gibson, dizendo-lhes que não se preocupassem conosco.

Mexeu mais uma vez na caixa e falou satisfeita.

— Aqui está outra pena! Ainda bem que há duas. Vamos, Peter, apresse-se! O duque chegará a qualquer momento!

— Que duque? — perguntou Peter.

— Não sei seu nome. Descobri apenas que tem um iate e viaja com uma mulher chamada mademoiselle Gabrielle Dupré, de quem deverei ser a criada de quarto.

— Gabrielle Dupré? — exclamou Peter. — Não acredito!

— Por que não? O que sabe sobre ela?

— É uma atriz. Acabou de fazer uma curta temporada no King's Theatre, que foi comentada por todos os cantos de Londres. É linda! É fantástica! Todos os homens do White estão apaixonados por ela!

— Que espécie de personagens ela representa? Peter hesitou antes de responder:

— Não é famosa pelo que faz ou diz, mas por sua aparência!

— Por isso é que um duque a está escoltando de volta a França, Yolanda.

— Realmente você pretende que eu seja um batedor? — perguntou Peter.

— Pelo menos, deverá cavalgar até Paris. Yolanda apanhou a sua pena, completando:

— Por favor, pare de falar, Peter, enquanto eu redijo a minha referência. Devemos decidir como nos chamaremos de agora em diante. Já disse que éramos franceses.

— Tinha certeza de que faria isso.

— Não queremos que o duque saiba quem somos realmente.

— Não, é claro que não.

— Bem, você é Pierre Latour, podemos muito bem usar o sobrenome de mamãe. — Quanto a Yolanda, é um nome francês medieval.

De repente, Peter sorriu:

— É muito bom que sua imaginação continue funcionando a todo vapor! Sinto como se tivesse perdido a capacidade de raciocinar.

— Deixe tudo por minha conta — disse Yolanda. — Mas escreva...escreva rapidamente!

Enquanto isso ela redigia sua própria referência, enaltecendo as qualidades de

Yolanda Latour como criada. Assinou Margaret Tiverton, seu segundo nome de batismo.

Como sua mãe dizia, por causa de seu sangue francês, Peter era um jovem muito esperto.

E, quando começou a escrever sua própria referência, lembrou:

— Não posso descer vestido desta maneira! Por isso, arrancou a gravata. Yolanda orientou-o:

— Aqui, os criados usam apenas uma gravata alta à volta do pescoço, completada com um laço à frente. Além disso, o colarinho não deve ser muito alto.

— Não sou idiota! — reclamou Peter.

Colocou sua referência sobre a mesa onde Yolanda escrevia, e dirigiu-se ao seu quarto.

Pela primeira vez, Yolanda lembrou-se de sua própria aparência. Felizmente, pensava agora, vivendo na tranquilidade do campo, nunca se preocupara em seguir a moda. Por isso seus cabelos, que eram longos e espessos, costumavam estar preso em coque.

Tinha uma vaga noção de que a moda era usá-los cacheados, cobrindo as orelhas. Considerou, então, que seu penteado era bastante adequado para uma criada.

Seu vestido, feito por ela mesma, de musselina barata, facilmente poderia ser visto como uma roupa usada por qualquer criada, quando não estivesse a serviço.

De qualquer forma, o Sr. Hartley ficaria tão contente em ter alguém naquele momento, que não se preocuparia com suas vestes, mas apenas com suas aptidões para o trabalho.

Com as duas referências em mãos, Yolanda dirigiu-se à outra porta, encontrando Peter, com um inesperado brilho no olhar. Mudara a sua aparência de cavalheiro da moda, para a de um criado!

Escovara e passara fixador nos cabelos. Trajava-se como sugerira Yolanda.

Não havia nada que pudesse fazer para disfarçar a elegância de seu paletó e de suas botas, mas vestiu seu colete de montaria, que o tornava perfeito para o papel que deveria representar.

— Peter, você é maravilhoso! — exclamou Yolanda. — Sabia que concordaria em entrar nessa aventura. Além disso, não há mais nada que possamos fazer.

— Como você já disse, é melhor que ir a pé até Paris — disse Peter, com um sorriso. — Ao menos nossa alimentação estará garantida e, quem sabe, nossa bebida, também!

— Vamos descer para termos certeza de que conseguimos o emprego! — sugeriu Yolanda. — E, lembre-se, eu sou sua esposa!

— Minha esposa? Você não tinha me dito isso!

— Na França, é comum os casais trabalharem juntos, mamãe contou-me isso há muito tempo e lembrei-me do fato quando vi um par de criados caminhando pelo corredor.

— Bem, aqui vamos nós, sra. Latour! Espero que demonstre ser uma esposa respeitável e obediente!

Yolanda fez uma careta para ele e ambos riram, enquanto seguiam pelo corredor e

desciam as escadas, até onde o Sr. Hartley os esperava.

Quando o alcançaram, Yolanda fez-lhe uma pequena reverência, achando que já deveria ter agido assim antes.

— Eis nossas referências, monsieur!

O Sr. Hartley fixou seu olhar em Peter, surpreso com a altura e boa aparência do rapaz.

— Espero que me desculpe pela minha aparência um pouco desalinhada neste momento. É que fizemos uma travessia difícil e sou um péssimo marinheiro.

Suas palavras trouxeram um leve sorriso ao rosto preocupado do Sr. Hartley.

— Você não é o único. Como sua esposa deve ter-lhe contado um dos batedores de sua graça quebrou a perna durante a tempestade.

— Ele foi mais infeliz — comentou Peter. — Mas espero poder servir sua graça.

— É o que também espero! — concordou o sr. Hartley.

— As referências parecem satisfatórias, Latour — concluiu ele. Quando falava, ouviu-se um burburinho na porta principal.

Então, uma figura imponente apareceu. O Sr. Hartley devolveu as duas referências a Yolanda e correu ao encontro da mulher que entrara no hotel, curvando-se para saudá-la.

Nunca Yolanda vira pessoa tão bonita ou vistosa.

Usando um chapéu de copa alta, muito em moda, enfeitado com penas de avestruz verde-esmeralda, ela vestia uma capa de viagem de veludo, com uma gola de zibelina e debruada com essa mesma pele do fecho da roupa até os pés.

Do lado esquerdo trazia um enfeite da mesma pele, no centro do qual destacava-se um imenso broche de diamante e pérolas, que combinava com os brincos, presos em suas pequenas orelhas e meio ocultas por seus cabelos vermelhos de um tom muito vivo.

Seus longos cílios estavam maquilados, fazendo, com que seus olhos se salientassem em suas faces empoadas.

— Nunca fiz uma viagem tão horrível, desconfortável e desagradável! — afirmou mademoiselle Gabrielle Dupré, em voz suficientemente alta, para que todos ouvissem o comentário.

Na verdade, à sua aparição, instalara-se um súbito silêncio.

Como sabia que tinha uma platéia presente, deixou de lamentar-se e sorriu de uma maneira que, como depois Yolanda constatou, fora usada para conquistar primeiro Paris e, depois, Londres.

— Posso dar-lhe as boas-vindas, mademoiselle? — disse monsieur Dessin, curvando-se tanto, que seu nariz quase tocou o chão. — É um prestígio para meu hotel sua presença. Todos aqui estarão a sua disposição!

— Tudo o que desejo é champanha, um banho quente, e um bom jantar — afirmou Gabrielle Dupré — e nessa ordem.

Em seguida caminhou em direção às escadarias. Monsieur Dessin acompanhou-a, assegurando:

— Tudo será como deseja, mademoiselle. Os aposentos já estão prontos e todas as flores disponíveis nesta parte da França foram colocadas em um arranjo para lhe dar as

boas-vindas.

Quando Gabrielle Dupré passou por Yolanda, ela sentiu o exótico perfume que envolvia a dama como uma nuvem, e ouviu o farfalhar da seda.

Observava-a curiosamente, como se nunca tivesse visto ninguém como aquela atriz. Ao começar a subir as escadas, Yolanda sentiu a mão do Sr. Hartiey em seus ombros.

— Acompanhe mademoiselle — disse ele. — Cuide dela. Faça tudo o que ela pedir.

Era uma ordem. E, ainda que não pudesse evitar um pequeno suspiro, Yolanda obedeceu-o.

A atriz caminhava lentamente e, quando Yolanda já estava em meio à escada, virou-se para Peter.

Ao fazê-lo, percebeu que alguém mais entrara no saguão e, então, soube porque o Sr. Hartiey não abandonara o seu posto. Não havia necessidade de perguntar quem era o recém-chegado.

Uma olhada foi o suficiente para descobrir que era o duque, seu patrão.

Nunca imaginara que um homem pudesse parecer tão importante, tão imponente e, ao mesmo tempo, conservar-se tão inglês.

Era alto e portava-se de maneira tão arrogante, como se fosse uma condescendência sua pisar em algo tão inferior como a terra sob seus pés.

Suas roupas elegantes, da última moda, caiam-lhe muito-bem. Na verdade eram apenas um complemento de sua figura majestosa.

Fora o rosto dele o que mais impressionara Yolanda, apesar da magnífica postura para um duque inglês.

Suas feições eram bem delineadas e definidas. Piscava os cílios preguiçosamente, num gesto de total indiferença pelo que o cercava. As linhas de seu rosto, do nariz aos lábios, eram rudemente fortes.

— Tudo está pronto. Sua graça: os melhores quartos do hotel, as flores, os...

O duque estendeu a mão.

— Poupe-me a repetição dos chavões, Hartiey! — disse ele, com voz profunda. — Veja as bagagens!

— Sim, é claro, sua graça! Imediatamente! Obsequiosamente, atingindo o nível da humildade abjeta, o sr. Hartiey correu para a porta da frente, enquanto o duque dirigia-se à escadaria.

Foi então que Yolanda se deu conta de que permanecera o tempo todo olhando para ele.

A atriz, seguindo monsieur Dessin, alcançara o último degrau e já caminhava pelo corredor.

Yolanda apressou-se. Não importava o que acontecesse futuramente. Ela sabia que estava travando conhecimento com um tipo de vida que, além de nova, nunca imaginara que existisse.

Ao seguir Gabrielle Dupré para o quarto, maior e mais confortável do primeiro andar, perfumado por flores da estação, teve a certeza de que a diária ali custava uma fortuna.

Imediatamente, a atriz sentou-se frente à penteadeira e olhou para o espelho.

— Mon Dieu! Como odeio o mar! — exclamou, enquanto desfazia os laços que prendiam seu chapéu.

— Solidarizo-me com seus sofrimentos, mademoiselle — disse monsieur Dessin. — Mas uma taça de champanha, a melhor de minha adega, logo trará de volta o brilho a seus olhos!

Falava com aquele tom de admiração que somente um francês sabe empregar à voz. Ao colocar seu chapéu sobre o chão, Gabrielle Dupré virou-se e sorriu, quando Dessin lhe estendeu uma taça de champanha.

Ao apanhá-la, ela viu Yolanda parada à porta:

— Quem é? — perguntou com ar arrogante.

— Sua criada de quarto, mademoiselle — explicou monsieur Dessin.

— Madame Latour acabou de chegar da Inglaterra e tivemos muita sorte em tomá-la ao seu serviço.

— Parece muito jovem — disse Gabrielle Dupré.

— Mas tem uma experiência considerável — garantiu monsieur Dessin.

Voltou-se para Yolanda, pedindo uma afirmação.

— Não é verdade?

— Naturalmente, monsieur — respondeu Yolanda.

Chegou um pouco mais perto deles, para completar sua apresentação.

— Trago aqui minhas referências, se mademoiselle estiver interessada! Monsieur Hartley já as examinou.

— Suponho que ele saiba o que me convém — disse Gabrielle Dupré.

— Tudo o que espero é que conheça suas tarefas, não tenha problemas em viajar de navio ou carruagem e não sofra de alguma doença.

— Farei tudo para não incomodá-la, mademoiselle.

— Se incomodar, estará despedida! — afirmou ela.

Yolanda percebeu que o tom com o qual se dirigia aos criados era muito diferente do que aquele que mostrava quando representava para a platéia.

Não precisou responder. Nesse momento, os carregadores entraram trazendo uma grande quantidade de malas.

Eram todas grandes, extremamente pesadas, e confeccionadas com o couro mais caro. Havia pelo menos uma dúzia de caixas de chapéus.

Aproveitando a oportunidade para se retirar, monsieur Dessin dirigiu-se à porta.

— Se quiser algo, mademoiselle — lembrou ele, curvando-se mais uma vez — basta apenas me mandar uma mensagem.

Gabrielle Dupré fez um gesto teatral. Então, tendo esvaziado sua taça, ela a estendeu a Yolanda.

— Encha-a — disse asperamente — e, em seguida, prepare o meu banho.

Yolanda fez o que a atriz ordenara. Depois, vendo uma porta aberta do outro lado do quarto, percebeu, aliviada, que se tratava de uma toalete reservada.

Uma banheira já estava preparada no centro do cômodo, tendo ao lado diversas tinas

de água quente e fria.

— A banheira fica aqui, mademoiselle — disse ela. — Tão logo queira se despir, eu preparo seu banho.

Olhou para a pilha de malas e perguntou:

— Poderia informar-me, mademoiselle, em que mala estão as peças que deseja usar esta noite?

A atriz bebeu seu champanha e encarou-se no espelho.

— Suponho que saiba ler, não? — perguntou ela, secamente. Yolanda recriminou-se por não ter notado que uma das malas trazia uma etiqueta onde estava escrito: *Aujourd'hui*” em letras meio apagadas.

Ao abri-la, encontrou um negligé, uma camisola. Havia também vários objetos de toalete, os quais, rapidamente, colocou sobre a penteadeira.

Yolanda pusera seu xale de lã sobre uma cadeira. Percebeu, então, que seu vestido de musselina branca atraía o olhar da atriz e ouviu-a dizer:

— Creio que tenha trajes mais apropriados que esse que usa agora.

— Sinto muito, mademoiselle — explicou Yolanda — Mas o vestido preto e o avental que vestia onde trabalhava não me pertenciam e eu só podia usá-los enquanto estava a serviço.

— Gosto que meus criados estejam vestidos de acordo — disse a atriz. — Porém, creio que terá que usar esse mesmo até chegarmos a Paris.

Fez uma pausa, antes de completar, de uma forma quase ferina:

— Naturalmente, se não corresponder, terei que demiti-la, assim que encontrar alguém para substituí-la.

— É claro, mademoiselle, entendo. — disse Yolanda, em um tom suave.

— Tire meu vestido — ordenou Gabrielle Dupré. — Não entendo porque fica parada, falando de si, quando estou faminta e sedenta.

Após mademoiselle ter se banhado e vestido um diáfano e elegante negligé, Yolanda deu-se conta de que ela era uma tirana, que gostava de ficar sempre culpando seus subordinados por alguma coisa.

Pensou que isso talvez acontecesse em razão de sua profissão. Tendo que representar freqüentemente para o público uma imagem de doçura e encanto, comportar-se de modo oposto tornava-se interessante quando essa platéia reduzia-se a uma pessoa.

Passou a considerar essa nova faceta de sua patroa, enquanto penteava seus cabelos. Então ouviram batidas à porta.

— Devo ir ver quem é, mademoiselle? — perguntou Yolanda.

— É claro! — afirmou a atriz.

As batidas não vinham da porta que dava para o corredor, mas de outra, que ligava o aposento a uma sala-de-estar, igualmente decorada com flores.

Abriu-a e deparou com um inglês, provavelmente um valete do duque.

Era um homenzinho magro que parecia muito diligente. Ao olhar para Yolanda, mostrou um brilho de admiração nos olhos.

— Sua graça manda cumprimentar e avisar mademoiselle que está preparado para o

jantar — disse em um francês razoável.

— Mademoiselle está quase pronta — explicou Yolanda.

— É o que sua graça espera.

Falando em voz baixa para que somente Yolanda ouvisse, ele continuou:

— Sua graça não gosta de esperar e menos ainda que a comida esfrie.

A maneira como falava era divertida e Yolanda sorriu ao responder:

— Darei o recado à mademoiselle. Voltou até a penteadeira onde estava a atriz, que ainda aplicava cremes, loções e pó em seu rosto.

— Sua graça está pronta para o jantar, mademoiselle.

— Eu também.

Levantou-se, comentando:

— Se não estivesse tão cansada, faria você procurar um negligé mais elegante que este trapo! Nunca gostei dele!

— Mas fica muito bela com ele, mademoiselle — disse Yolanda, pensando que assim a agradaria.

— Acha realmente?

Gabrielle Dupré olhou-se novamente no espelho e, então, deu um pequeno grito.

— Minhas jóias! Sua imbecil! Esqueceu-se de minhas jóias! Sabia que havia algo errado!

— Desculpe-me, mas não sei onde estão!

— Onde sua última patroa as guardava: no depósito de carvão? No porta-jóias, naturalmente Está aí, no chão!

A caixa para a qual Gabrielle Dupré apontava era tão grande, que nunca Yolanda desconfiaria que fosse um porta-jóias. Ao abri-la, suspirou espantada.

Nunca vira tantas jóias valiosas, todas arrumadas em compartimentos forrados de veludo.

Havia colares de diamantes, esmeraldas, turquesas, topázios, safiras, pérolas e, combinando com cada peça, os respectivos broches, brincos, braceletes e anéis.

Gabrielle Dupré ficou indecisa se deveria usar um colar de diamantes ou outro de fios de pérolas perfeitas, de leve coloração rosa.

Finalmente, ofuscando os olhares com os diamantes, saiu do quarto em direção à sala-de-estar. Ao alcançar a porta, voltou-se para Yolanda, que olhava para ela, com a caixa de jóias nas mãos.

— Tiens! — exclamou ela. — Está esperando que eu abra a porta? Com certeza, sabe que lhe compete fazer isso, não?

— Pardon, mademoiselle — disse, rapidamente, Yolanda — Deve desculpar-me, mas fiquei completamente fascinada por sua aparência. — Era realmente verdade.

Nunca imaginara que uma mulher pudesse usar tantas jóias e nada mais...

Somente quando a atriz se levantara é que Yolanda percebera que, exceto pelo negligé sobre a camisola, igualmente transparente, Gabrielle Dupré estava praticamente nua.

Mesmo desculpando a habitual excentricidade das atrizes, isso lhe parecia

escandaloso. Pensou que seria melhor que Peter não a visse naqueles trajes.

Como Gabrielle Dupré a esperasse, Yolanda correu e abriu a porta da sala-de-estar, fazendo uma reverência.

Percebeu nesse momento, porque a atriz considerava importante uma entrada triunfal.

Parecendo ainda mais atraente do que ao vê-lo em sua chegada, o duque estava de pé, parado no centro da sala.

Mostrando-se notável mesmo com suas roupas de viagem, agora com traje de noite, ele parecia mais imponente e soberbo que qualquer rei.

Não era a brancura impecável de sua gravata, nem seu culote de seda preta, enfeitado com fivelas de diamantes; nem a maneira como se postava, qual um sultão, pronto a receber as homenagens de seus subalternos, que o tornavam tão glorioso.

Era, pensava Yolanda, aquele ar de desrespeito estampado em seu rosto, que lhe dava aura de grandiosidade.

Seus olhos estavam semicerrados; seus lábios revelavam um leve escárnio. Dava a impressão de extrema energia e vitalidade, embora ele próprio tentasse não demonstrar isso.

Quando Gabrielle Dupré parou, exatamente como se estivesse sobre um palco, e o duque pôde ver sua nudez resplandecente, Yolanda notou um leve sinal de malícia em seus olhos.

Com um leve murmúrio que parecia sincero, mas que Yolanda sentia ser mais uma dissimulação, Gabrielle adiantou-se, dizendo:

— Mon cher desculpe-me se o deixei esperando. Estava impaciente para ficar ao seu lado e não perder um minuto sequer de sua companhia, mas, confesso, estava muito fatigada, após aquela terrível viagem.

Aproximou-se do duque, que pegou sua mão e a levou aos lábios.

— Você está maravilhosa — disse ele. — Tenho certeza de que é isso o que deseja ouvir de mim.

Ele falava corretamente o francês, com sotaque parisiense.

— Apenas se for sincero — respondeu Gabrielle Dupré. — Mas se não o agradar, creia que ficarei completamente dêsolêe.

— Então, confirmo o que disse — enfatizou o duque. Novamente beijou a mão da atriz. Nesse momento, Yolanda percebeu que seus olhos pousaram nela, por uma fração de segundo.

Isso a despertou para o fato de que mais uma vez, estava parada, admirando tanto o duque quanto a atriz, sentindo-se estranhamente fascinada por eles.

Com uma reverência tardia, voltou-se e fechou a porta atrás de si.

Então, com um sorriso divertido, pôs-se a arrumar o quarto.

Colocou as jóias no lugar e fechou a caixa. Depois chamou um camareiro para retirar a água da banheira, antes de sair à procura de Peter.

Tinha a impressão de que estaria livre por algum tempo, pois o jantar com o duque

ainda demoraria um pouco a ser servido. Além disso, achava que Gabrielle Dupré não tinha muito o que se despir, quando fosse para a cama.

Em todo caso, aprendera com Annette, a criada de sua mãe, que deveria estar sempre esperando por sua patroa, por mais tarde que ela deitasse.

Quando o quarto já estava arrumado, Yolanda saiu pelo corredor e subiu ao segundo andar.

Pensava que Peter estivesse esperando por ela. Ficou mais despreocupada, quando viu que ele dormia.

— Finalmente chegou! — disse ele, ao ouvir Yolanda entrar — Achei que não viria nunca mais.

— Não consegui me livrar mais cedo — explicou Yolanda. — Oh, Peter, tenho muito o que lhe contar. Pelo que vi, achei mademoiselle Dupré e o duque figuras realmente extraordinárias!

— Com certeza, você acabou ganhando a ameixa do bolo — comentou Peter. — Mas conte-me tudo, enquanto comemos. Tenho tanta fome já estava roendo as unhas.

— Temia mesmo que você estivesse muito faminto — disse Yolanda.

— Acabei terminando de fazer o que você deixou pela metade — falou Peter.

— O que quer dizer?

— Descobri, através do sr. Hartley, que nós comeremos no refeitório dos camareiros e que, naturalmente, tudo será debitado na conta do duque.

— Isso é bom! — exclamou Yolanda.

— É claro que, você já sabe quem é ele, não?

— Quem? O duque?

— Sobre quem mais estaria falando?

— Nunca ouvi seu nome.

— Ele é o duque de Ilkeston. Significa algo para você?

— Parece que já li algo sobre ele nos jornais.

— Sem dúvida! Ele é o duque mais importante da Inglaterra, abaixo somente da realeza! Também é o mestre da Casa Real de Sua Majestade.

— Então, devo ter ouvido comentários sobre ele — disse Yolanda. De repente seus olhos arregalaram-se e ela exclamou:

— Peter, será que ele sabe quem somos nós?

— Para Ilkeston eu significo menos que um verme sob seus pés — garantiu Peter. — Vamos descer para jantar e lhe contarei tudo sobre ele.

Chegaram ao refeitório dos camareiros. Embora não se comparasse à sala de jantar do hotel, era um aposento bastante confortável.

A maioria dos empregados do hotel ocupava uma grande mesa ao centro do refeitório. Os criados do duque, em razão da distinção hierárquica, sentavam-se em pequenas mesas, dispostas lateralmente.

Yolanda notou que o Sr. Hartley já apresentara Peter como novo empregado de sua graça e, à sua volta, viu o primeiro, segundo e terceiro cocheiros, bem como a equipe de batedores, dos quais Peter era o quarto membro.

Percebeu também que, pelo fato de pensarem que ela e Peter eram franceses, os outros criados não se mostravam muito comunicativos. Quando se sentaram em uma mesa colocada ao canto da sala, Yolanda disse:

— De vez em quando, devemos falar inglês, mas seria bom acentuarmos a linguagem com um sotaque francês.

Peter concordou.

— Já fiz isso — disse ele. — Expliquei-lhes também que, por ter vivido muito tempo na Inglaterra, consigo falar o inglês quase fluente. Na verdade, eles foram muito agradáveis comigo e os batedores me convidaram até para um drinque.

Tudo se devia à sua simpatia, pensou Yolanda, que transformava Peter em uma pessoa bem-humorada, agora mais do que nunca.

— Sua graça, com certeza, viaja muito confortavelmente — ela comentou.

— Seu cortejo é maior ainda — ressaltou Peter. — O Sr. Hartley me contou que o contador e o seu outro secretário já seguiram à frente, para examinar se tudo está de acordo em Paris. Ele tem também um valete.

— Eu já o conheci.

— Seu segundo valete ficou a bordo do iate — continuou Peter — e, tão logo alcancemos Paris, nos juntaremos a um outro grupo de criados franceses.

— Você terá que me explicar o que eles fazem — pediu Yolanda. — Afinal, só estava com os Gibson e estou achando tudo muito confuso.

— Foi você que nos meteu nisto!

— Mas pense na sorte que tivemos! Não precisaremos pagar nada por nossa hospedagem e, quando chegarmos a Paris, poderemos procurar algum dos Latour. Quem sabe ainda nos recebam de braços abertos!

— Espero que seja assim — disse Peter. — Por enquanto, considero muito inteligente de sua parte ter encontrado emprego para nós tão rapidamente.

Yolanda sorriu e notou que os outros batedores olhavam para ela, mal conseguindo disfarçar sua admiração.

Peter também deve ter percebido, a expressão de encanto em seus rostos, pois sugeriu, em voz baixa:

— Não se esqueça: nós nos casamos recentemente e estamos muito apaixonados. Você não pode interessar-se por nenhum outro homem, a não ser por mim.

— É claro!

Mas, pelo modo com que Peter falara e pela maneira como os outros batedores insistiam em encará-la, Yolanda rapidamente quis confirmar.

— Você quer dizer que...

— Apenas que temos que ser cuidadosos — explicou Peter. — Você é bonita demais para este tipo de aventura!

— Dificilmente diria isso, se tivesse visto mademoiselle Dupré.

— Quem se atreverá a olhá-la, estando ela em companhia do duque?

— Considerou Peter.

Lembrando-se da razão pela qual se encontravam ali, Yolanda suspirou

profundamente e, temendo o futuro, indagou:

— Descobriu quanto vão nos pagar?

— Não, mas espero que seja uma quantia substancial — afirmou Peter. — Quando penso naqueles bandidos que roubaram minha carteira no navio, tenho vontade de voltar para estrangulá-los.

— Por favor, Peter, não se meta em confusões. Se o fizer, os franceses poderão mandá-lo de volta à Inglaterra e você será preso!

Peter enrugou a testa e Yolanda percebeu que ele já pensara nisso antes.

Como não quisesse que a primeira refeição deles na França se tornasse melancólica, Yolanda tentou divertir o irmão, falando-lhe a respeito das jóias de Gabrielle Dupré, e cogitou:

— Ficou imaginando o que ela e o duque estão conversando agora, durante o jantar. Gostaria de ser uma mosca para poder espiar tudo.

Por alguma razão, essa sua observação chamou a atenção de Peter.

— E uma coisa que não deve fazer — lembrou ele rapidamente. — “Por falar nisso, o que estava fazendo na sala-de-estar?”

— Mademoiselle Dupré mandou-me abrir a porta, para que pudesse encenar uma aparição teatral. Era como se estivesse sobre um palco, tendo o duque como seu espectador.

— Ele a viu?

— Acho que sim... quando beijava a mão de mademoiselle! Nesse momento, seu irmão ficou carrancudo.

— Ouça, Yolanda — observou ele. — Fique afastada do duque e de seus olhares. Entendeu bem?

— Por quê? — perguntou Yolanda. — O que quer insinuar?

— É provável que não à noite, enquanto Gabrielle Dupré estiver aqui. Mas não quero encrenca para o nosso lado.

— Encrenca com o duque? Por que haveria?

— Não há necessidade de maiores comentários — ponderou Peter, irritado. — Faça o que eu lhe disse. Mantenha-se longe dele. Se, por acaso ele se dirigir a você, finja que é meio tola.

— Eu... não entendo. Está sugerindo que ele... pode ficar interessado em mim? — Peter continuou calado e ela riu. — Isso é absurdo! Para ele, não passo de uma criada!

Os lábios de Peter contraíram-se.

— Sim, eu sei — concluiu ele, após uma longa pausa — e isso só piora tudo.

CAPÍTULO III

Acomodada em uma confortável carruagem puxada por quatro cavalos, Yolanda pensou satisfeita que essa era uma maneira muito agradável de chegar a Paris com Peter.

Ao deixarem Calais, passou a viajar sozinha no interior da carruagem, uma vez que Hawkíns, o valete do duque, preferiu sentar-se na boléia, junto com o cocheiro.

Seguiam cerca de quatrocentos metros atrás da carruagem ocupada pelo duque e por Gabrielle Dupré. De vez em quando, ao passarem mais lentamente por algum povoado, podia ver Peter, montado em seu cavalo, e percebeu que ele também estava contente.

Peter parecia diferente, usando a libre do duque, uma peruca empoadada e um quepe preto. Ele já reclamara do traje, pois o casaco estava muito apertado.

— É por causa de seu sangue inglês que você é assim claro? — brincara Yolanda. — Os Franceses são tradicionalmente franzinos e morenos.

— Eu explico a todos que somos oriundos da Normandia — disse Peter, — quando fazem observações a respeito de nossa pele clara.

Yolanda ia afirmar que achava revoltante que fizessem observações pessoais a seu respeito, mas lembrou-se de que os batedores a consideravam uma criada como eles, sendo, por isso, alvo de críticas e comentários.

Na verdade, nem tivera muito tempo de pensar nesses detalhes, pois estivera ocupadíssima, por ocasião da partida em Calais, arrumando toda a bagagem de Gabrielle Dupré.

A atriz mudara de opinião sobre o traje que ia vestir uma dúzia de vezes. Yolanda preocupava-se com o horário, pois se atrasassem, ela a culparia por sua ineficiência e o duque a despediria.

Duas outras camareiras a ajudaram. Mas, ao descer a escadaria para tomar a carruagem, onde viajaria com Hawkins, arfava de cansaço.

— Sua graça não espera por ninguém! — dissera Hawkins, secamente. Yolanda resistiu ao impulso de dizer-lhe que nesse caso, o duque não deveria escolher uma companhia que encontrava tanta dificuldade em se aprontar.

Embora os cavalos seguissem numa marcha satisfatória, o duque com certeza, não desejava viajar em disparada para Paris.

Quando ele e mademoiselle Dupré pararam para o almoço, a carruagem de Hawkins e Yolanda continuou até o lugar onde passariam a noite. Assim, ela teria tempo de ter desempacotado algumas peças, quando a atriz chegasse à hospedaria.

O Sr. Hartley já se encontrava no local e todo o primeiro andar do edifício que fora reservado para o duque. Flores variadas enfeitavam os aposentos de mademoiselle, assim como a sala-de-estar. Também o quarto onde Yolanda dormiria era bastante confortável.

Mais uma vez ela teve oportunidade de conversar rapidamente com Peter, enquanto o duque e mademoiselle jantavam.

Peter esperava por ela, para conduzi-la ao refeitório da criadagem, que não era tão

agradável como o do Hotel d'Angleterre. Como a sala era pequena, eles foram obrigados a se sentar junto aos outros criados do duque. Tudo o que dissessem naquele momento poderia ser ouvido.

Quando o jantar terminou, Peter conduziu Yolanda para fora do hotel, em direção a um pátio nos fundos.

— Você está bem? — perguntou ele, em inglês.

— Sinto-me como se tivesse sido atropelada por uma carruagem! — comentou Yolanda. — Mas acho que mademoiselle está satisfeita com o meu trabalho e é isso o que importa!

— É melhor cavalgar até Paris do que viajar em um daqueles coches desconfortáveis — lembrou Peter.

— Você se saiu bem! — observou Yolanda. — Nós teríamos que viajar em uma diligência, sem molas, bastante sacolejante e ruidosa, para pagar uma passagem barata.

— Nós tivemos sorte — concordou Peter. Então, fez uma pergunta, que demonstrava uma certa angústia:

— O duque reparou em você?

— Não o vi mais — garantiu Yolanda.

Percebeu que Peter ficara mais despreocupado.

Tendo vivido sempre calmamente no campo, Yolanda era muito ingênua e não tinha noção da espécie de relacionamento que havia entre o duque e Gabrielle Dupré.

Já ouvira Peter contar que os dândis de St. James passavam a maior parte do tempo com as dançarinas do Convent Garden. Para ela isso significava apenas que eles se divertiam dançando com as mulheres nos inúmeros cabarés existentes na parte oeste de Londres.

Yolanda nem desconfiava que Gabrielle Dupré era amante do duque. Supunha que a admiração que nutria por sua arte o levara a presentear-lhe com aquelas jóias magníficas guardadas dentro da caixa, que, agora, estava sob seus cuidados.

Quando a atriz estava escolhendo as peças que iria usar durante o jantar, mais uma vez trajando um negligé, que fizera Yolanda corar diante de sua transparência, hesitara entre um conjunto de turquesas e diamantes e outro de esplêndidas esmeraldas.

— As esmeraldas farão uma fascinante combinação com seus cabelos vermelhos, mademoiselle — sugerira Yolanda.

— Você está certa! — Concordara Gabrielle Dupré, estendendo a mão em direção ao colar. Mas, de repente, mostrou-se nervosa.

— Não! É claro que não posso usá-las! Elas me foram dadas pelo marquês de Chalon, a quem o duque detesta!

Seus lábios vermelhos sorriram maliciosamente, ao murmurar:

— Quero que o duque sinta ciúmes, mas não do marquês!

Agora, observando o enorme porta-jóias de couro, em meio aos solavancos que deixavam para trás uma nuvem de poeira, Yolanda imaginava quanto valor havia contido ali.

Deveria representar uma soma enorme e considerou estranho que urna pessoa tão

jovem como Gabrielle Dupré, que não teria mais que vinte e quatro ou vinte e cinco anos, pudesse ter recebido tantos prêmios por sua atuação, em tão pouco tempo.

— O que quer que aconteça em seu futuro — cogitou Yolanda — ela estará segura, ao contrário de Peter e eu, que não temos nada, a não ser seis guinéus e as jóias falsas de mamãe.

Tornava-se ridículo comparar as poucas jóias simples que sua mãe possuía, entre elas o anel de casamento usado agora por Yolanda, com aquelas enormes esmeraldas e a grande quantidade de outras jóias pertencentes a Gabrielle Dupré.

De certa forma era injusto que uma mulher com um talento teatral fosse tão bem recompensada, em detrimento de outras mulheres, que permaneciam no trabalho de seus lares.

Ao pensar nisso, Yolanda lembrou-se do amor que seus pais sentiam um pelo outro e da felicidade, que sempre parecia envolvê-los em um romance contínuo.

Isso era o que realmente uma mulher desejava, considerou ela. Mesmo uma atriz como Gabrielle Dupré.

Quando ficasse velha, e sem atrativos para conquistar uma platéia, estas jóias lhe garantiriam pelo menos um teto e a comida, mas nunca a real felicidade de um amor.

— Tenho sorte de ainda contar com a companhia de Peter — disse a si mesma, chegando próximo à janela, na tentativa de vê-lo à distância.

Falava a verdade quando afirmava que não havia visto o duque, após aquela noite em que abrira a porta da sala-de-estar.

Tinha sido informada de que o duque normalmente se levantava cedo e cavalgava, antes do café da manhã.

Yolanda percebera que, apesar de seu ar lânguido, ele era muito forte e do tipo atlético que praticava exercícios.

Por isso, não se surpreendera quando soubera através de Peter que, após o almoço do primeiro dia, quando ela e Hawkins tinham seguido adiante, o duque tomara o cavalo de um dos batedores e cavalgara por uma hora, antes de retornar à carruagem.

No dia seguinte, partiram novamente e, segundo Peter, já estavam na rota de Paris.

Yolanda deixou a janela de sua carruagem aberta, esperando poder ver a paisagem, e desejando um dia ter a oportunidade de visitar aquelas igrejas, recentemente reabertas por Napoleão, após o seu fechamento durante a revolução.

Gostaria, também, de ter conversado com alguns daqueles camponeses que via em suas pequenas aldeias, através das quais passavam tão rapidamente, que só lhes sobrava uma rápida visão de suas lojas e crianças já bem nutridas.

Notou que a maioria dos grandes castelos permanecia fechada. E, j embora as igrejas estivessem abertas, seus vitrais estavam quebrados e as lápides de seus pátios tinham sido arrancadas.

Com certeza, havia muito que ver, muito o que conversar com os franceses.

Após aquele longo dia de viagem, cuidando da bagagem, servindo mademoiselle e tomando suas refeições muito tarde, junto com Peter, estava feliz por poder ir para a cama e dormir pesadamente até ser acordada no dia seguinte muito cedo.

Quando chegaram a Chantilly, a última parada antes de Paris, Yolanda quis visitar o castelo Prince de Conde e conhecer seus famosos jardins, que haviam sido percorridos por sua mãe quando criança, admirando as fontes, as quedas de água e os pássaros que voavam entre as árvores.

Acreditava que não havia nada mais disso agora. Mesmo assim ela gostaria de ter a chance de conhecê-lo.

Ao terminar o jantar com Peter, sendo mais uma vez impossível conversarem intimamente, ele e os outros batedores saíram em direção aos estábulos, a fim de verificar se os animais estavam bem acomodados, pois não confiavam nos cavaleiros franceses.

O tempo esquentara desde que tinham deixado a Inglaterra e, enquanto seguiam para o sul, observava que a primavera chegara à França.

Yolanda saiu do hotel, chegando a uma área verde que, dificilmente, poderia ser chamada de jardim.

No entanto, havia muitas árvores bonitas com folhas palidamente esverdeadas e flores selvagens crescendo entre a grama que invadia uma pequena trilha.

Na Inglaterra, haveria uma grande quantidade de narcisos e primulas, nessa época do ano. Mesmo assim, aquele lugar era agradável, e ela podia ver os campos cultivados, projetando-se contra o horizonte.

Tinham jantado mais cedo e o sol, naquele momento, começava a baixar, radiantemente purpúreo.

O cenário era tão belo, que Yolanda ficou olhando o céu, sentindo todo o seu ser elevar-se.

De repente ouviu, uma voz cínica e arrastada perguntando: — Está apenas se confraternizando com a natureza ou esperando a chegada de alguém mais humano?

Yolanda virou-se e verificou que o duque se aproximara, sem que ela tivesse percebido.

Por um momento, ela ficou parada, achando que, com suas roupas elegantes, ele parecia deslocado naquele jardim.

Lembrou-se então de fazer uma reverência.

— Estive desfrutando do pôr-do-sol, monseigneur.

Era assim que os criados franceses se dirigiam a ele, chamando-o pelo título normalmente concedido à realeza e aos bispos da Igreja.

— Mademoiselle Dupré disse-me que você tem cuidado muito bem dela — comentou o duque. — Foi uma sorte encontrá-la disponível.

— Foi bom também para mim monseigneur — concordou Yolanda

— Pois estou viajando para Paris muito mais confortavelmente do que poderia.

— Sua casa fica em Paris?

— Não, mas é para lá que meu ir... meu marido e eu desejamos ir! Quase cometera um engano, atrapalhando-se com as palavras, e sentiu suas faces corarem diante de sua estupidez.

— Está casada há muito tempo? — perguntou o duque.

— Há pouco, monseigneur.

— E ainda está apaixonada? Ou foi seu dote que atraiu seu marido, mais que sua aparência?

Por um momento, Yolanda ficou confusa com a observação do duque. Depois, lembrou-se de que os casamentos franceses eram sempre arranjados por conveniência, mesmo nas classes mais baixas. O dote de uma mulher era considerado coisa de grande importância.

Achou um atrevimento da parte dele fazer tal pergunta. Sentindo aquilo como se fosse um desafio, enfatizou:

— Nunca pensei em me casar, monseigneur, a não ser por amor!

— Você é feliz em conseguir manter-se idealista! Achou que ele zombava dela e continuou.

— Todos nós precisamos de ideais em nossas vidas.

— Você é muito jovem — falou o duque. — Quando for mais adulta, verá que os ideais caminham lado a lado com a ambição e o sucesso.

— Talvez seja isso que faça com que muitas pessoas cometam erros — asseverou Yolanda — principalmente aquelas que têm a responsabilidade de dirigir o país.

Enquanto falava, pensava nas privações sofridas pelos ingleses durante a guerra, dos homens que ficaram desempregados, quando a paz fora declarada, sem receber recompensas ou compensações por seus esforços.

— Está criticando seu todo-poderoso conquistador Napoleão Bonaparte?

Yolanda percebeu que se portara como inglesa. Outro erro, pois o duque a considerava francesa.

Demorou um pouco para conseguir achar uma resposta. Então, lembrou-se das atrocidades cometidas pelos franceses nos países que tinha conquistado, matando muitas pessoas, por onde passavam.

— Toda a guerra é cruel e quase sempre sem sentido — completo apaixonadamente —, no final, ninguém ganha, a não ser o saldo da morte.

Esquecera-se, por um momento, com quem falava. Como o duque não respondesse, deu-se conta de que se excedera, comprometendo o papel que representava, pois se dirigira a ele como a um igual.

De repente, sentiu medo de estar arriscando tanto sua posição e a de Peter.

— Desculpe-me, monseigneur — quis conduzir ela, rapidamente. — Não deveria ter falado de meus sentimentos, que não devem interessá-lo.

— Permita-me retornar à hospedaria. Fez uma reverência e, quis sair, mas o duque insistiu:

— Não há pressa. E estou curioso em saber porque pensa dessa maneira e como adquiriu esse excelente domínio da língua francesa, tendo vivido na Inglaterra.

— Eu sou francesa, monseigneur.

— Julgando pela maneira como fala, parece parisiense.

Yolanda achou que o duque era mais perspicaz do que imaginara.

Era tarde demais para se lembrar de ter falado em linguagem popular, em vez de ter usado o francês aristocrático. E considerou que seria um erro dar maiores explicações.

— Onde vivia na Inglaterra? — continuou o duque, antes que Yolanda pudesse, mais uma vez, sugerir sua volta à hospedaria.

— Trabalhava para lady Tiverton, monseigneur.

— Tiverton? Será que já ouvi esse nome?

— Acho difícil, monseigneur. Os Tiverton viviam calmamente no campo, e não viajavam muito para Londres.

— Gostava de trabalhar para eles? . — Sim, monseigneur.

— Parece estranho que, durante a guerra, tivessem empregados franceses, a menos, naturalmente, que você fosse ligada aos emigrantes que deixaram a França durante a revolução.

Yolanda, pensando velozmente em datas e na sua idade, agarrou-se a essa explicação como algo plausível.

— O senhor tem razão. Meus pais anteriormente estiveram na embaixada francesa, e depois trabalharam para um casal de aristocratas que escapou da guilhotina.

— Imaginei que isso acontecera — confirmou o duque. — E, agora, você está vendo seu próprio país pela primeira vez.

— Sim, monseigneur.

— Tendo vivido tanto tempo na Inglaterra, simpatiza-se mais com seu país de origem ou com aquele que a acolheu?

Seguiu-se um silêncio, durante o qual Yolanda tentou pensar rapidamente o que responder. Depois, disse-lhe:

— Acredito que estou no meio termo, sem saber a qual das nações devo me ligar.

— Imagino que se sinta assim — disse o duque — e espero que, descobrindo a França, não se decepcione.

Havia algo na maneira como ele falava que fez Yolanda encarar o duque. E nesse instante, seus olhares cruzaram-se.

Seus cílios ainda piscavam e ele ainda continuava com aquele tom de voz arrastado e quase indiferente. De repente, lembrou-se de que Peter tivera razão ao avisar que se mantivesse distante dele.

Não conseguia explicar por quê, mas sentira intensamente sua presença como homem. Era quase como se a estivesse ameaçando e ela tinha intuição do perigo.

— Acabei de pensar... monseigneur... — ponderou ela rapidamente e de forma quase incoerente — que... como o senhor está aqui, talvez mademoiselle esteja precisando de mim!

Fez uma reverência e, correndo, voltou para o hotel, como se lá fosse um santuário, onde devesse buscar proteção.

Somente ao subir a escadaria é que teve consciência não apenas da conversa com o duque, mas de que ele era muito mais irresistível e impressionante do que achara da primeira vez que o vira.

— Devo obedecer a Peter — disse a si mesma — e manter-me longe do duque.

Chegaram a Paris na tarde seguinte e Yolanda descobriu que não ficariam em um hotel, como supunha. Ficaram alojados numa grande casa que pertencera a um aristocrata

francês.

Agora, a mansão era propriedade do novo governo e fora colocada à disposição do duque pelo próprio Napoleão Bonaparte.

Não era apenas confortável, mas muito bonita. Os quartos a serem ocupados por mademoiselle Dupré davam para um jardim, cuidado por uma multidão de jardineiros,, que trabalhavam de manhã à noite. Yolanda estranhara que agora, após ter sido escoltada por um duque até Paris, a atriz não fosse para seu próprio apartamento, localizado numa das zonas mais elegantes da cidade.

Quando comentou isso com Peter, ele riu.

— Mademoiselle Dupré sabe muito bem de que lado seu pão contém a manteiga — afirmou ele — e tem consciência de que um pouco da glória do duque recai sobre ela também.

Achou que Yolanda ainda não tinha entendido e continuou:

— Será que não compreende que é muito importante para Bonaparte que alguém tão influente como o duque de Ilkeston o visite em sua própria capital? Ele está ansioso por criar uma aura real à sua volta e a Inglaterra tem sido a única nação a se recusar a prestar-lhe homenagens. Como sentia muito satisfação em mostrar seus conhecimentos a respeito das intenções de Bonaparte, Peter continuou:

— Ouvi, no White, que o primeiro-cônsul estava empregando todo o seu charme para cativar os visitantes ingleses. Lorde Aberdeen disse que ficou fascinado por seu sorriso. E contaram-me também que lorde Bo-ringdon quase que se tornou favorável aos franceses em suas opiniões.

— Não aceito que, de uma hora para outra, Bonaparte tenha deixado de ser o tirano que sempre foi. Não esqueci que matou muitos inocentes e um grande número de marinheiros ingleses — disse Yolanda.

Peter balançou os ombros.

— No momento estamos em paz, graças a Deus! Pessoalmente, não estou preocupado com política, mas com minhas próprias dificuldades.

Na primeira noite em que puderam conversar sem serem ouvidos, Yolanda perguntou:

— Agora que já chegamos a Paris, como começaremos a procurar nossos parentes?

— É o que estou tentando descobrir — respondeu Peter. — Não vai ser fácil E o fato de estarmos vestidos como empregados e de trabalharmos para Ilkeston piora tudo.

Fez uma pausa e continuou:

— Penso em vestir minhas próprias roupas e me apresentar nas Tulherias. Acho que Bonaparte ficará encantado em conhecer sir Peter Tiverton.

Yolanda soltou uma pequena exclamação.

— Como pode fazer isso se temos apenas seis moedas? Ao menos, espere até que encontremos nossos parentes e outro teto, antes de abandonarmos o emprego.

— Para você tudo está muito bem — observou Peter. — Ao menos, pode falar com mademoiselle. Eu estou farto da conversa dos criados. Além disso, todos os empregados ingleses vão voltar para a Inglaterra amanhã, com exceção de Hawkins.

— Por que vão embora?

— Os criados ingleses e franceses não se misturam — Peter explicou, sorrindo. — Se visse como os batedores são agressivos, quando não estão em serviços, diria que a guerra não acabou!

Yolanda não conseguiu deixar de rir.

Sabia como a classe trabalhadora podia ser absolutamente parcial. E, embora os dirigentes dos dois países tivessem assinado um tratado de amizade, os empregados ingleses ainda odiavam os froggies, como chamavam os franceses.

— Não é muito bom pensarem que somos franceses — disse Peter, após um momento.

— Vão nos deixar ficar?

— Sou considerado um bom cavaleiro — disse, com uma ponta de orgulho.

— Tenho certeza disso! Mas, lembre-se, se deixarmos o serviço do duque, teremos que caminhar com nossos próprios pés.

— Não me esqueci disso — respondeu, irritado. — Não é necessário que fique me lembrando a toda hora de minha estupidez ao ser roubado daquela maneira!

— Não estava querendo mencionar isso, querido — assegurou Yolanda. — Apenas sugeri que fôssemos cautelosos. Estou com medo que mademoiselle queira me dispensar, agora que pode escolher outra criada entre dezenas de moças francesas.

— Ela disse alguma coisa? Yolanda balançou a cabeça.

— Não, mas ela nota os mínimos erros, e poderá me despedir no momento em que quiser.

— Você está certa — disse Peter. — Temos que ter cuidado, até encontrarmos outra maneira de ganhar dinheiro. Mas não quero ser mais um lacaio qualquer!

Yolanda sabia que ele ficava aborrecido em não poder freqüentar os bailes e soirées que, segundo seus amigos, estavam abertos aos visitantes ingleses de boa posição social.

Peter talvez quisesse também tomar parte nos divertimentos noturnos de Paris, aos quais não tinha acesso simplesmente devido à falta de dinheiro.

Tinham recebido o ordenado de uma semana, mas não era muito.

Yolanda guardou sua parte cautelosamente, sabendo que deveria economizar cada centavo, tendo em vista um futuro incerto.

Tão logo chegaram a Paris, percebeu que o duque recebera uma série de pessoas, que o convidavam para um encontro com alguém muito importante.

Por isso, muitas vezes, era-lhe impossível acompanhar mademoiselle Dupré, ou mesmo jantar com ela.

A atriz ficava furiosa por não ter sido convidada nessas ocasiões e, freqüentemente, desabafava com Yolanda.

1

— Por que fui deixada de lado? — gritava furiosamente quando o duque saía para jantar. Quem era madame Bonaparte, antes de seu casamento, senão uma prostituta de alta classe, que já enganara seu marido uma centena de vezes?

Falava mais para si mesma do que para Yolanda, que não compreendia nada. Então,

ela completava:

— Vou mostrar-lhe que não sou apenas uma diversão. Ele vai aprender que também tenho condições de ter acesso ao poder!

Sua voz enfraqueceu e ela ficou em silêncio por um momento. Então, disse:

— Traga meu material de escrever, rápido! Yolanda obedeceu apressada e levou papel de carta, tinta e pena até a penteadeira de mademoiselle, sem notar que havia uma bela escrivainha no outro quarto.

Gabrielle Dupré demorou um bom tempo escrevendo sua carta. Ao terminar, selou-a e, entregando-a a Yolanda, disse:

— Mande isto imediatamente ao ministro e diga ao laçao que espere a resposta.

Yolanda apanhou a carta e, fora do quarto, viu a quem era endereçada, com uma caligrafia feia e grosseira: Monsieur Joseph Fouché

Ficou imaginando quem seria aquele homem. Perguntaria a Peter mais tarde.

Tinha a impressão de que a carta era importante. Havia algo de sinistro e maligno na maneira como Gabrielle Dupré falara.

Yolanda entregou a carta ao mordomo. Ele pareceu surpreso ao ver a quem mademoiselle escrevera, mas simplesmente disse, com um tom de respeito na voz:

— Diga à mademoiselle que suas ordens serão cumpridas. Yolanda subiu novamente as escadas.

Não gostava das noites em que mademoiselle ficava longe do duque, pois, obrigada a permanecer no quarto enquanto a atriz jantava sozinha, era difícil encontrar-se com Peter.

Nessa noite, para sua surpresa Gabrielle insistiu em se vestir, colocando uma de suas roupas mais sofisticadas, que estivera no guarda-roupa, e fizera com que Yolanda levasse para passá-lo.

Sempre que arrumava os cabelos de Gabrielle Dupré, esta levava horas escolhendo as jóias que usaria. Mas naquele momento, após uma rápida observação, a atriz exclamou: — As esmeraldas! Quero usar as esmeraldas!

Yolanda acabava de prender o fecho do colar, quando bateram à porta. Pela maneira como Gabrielle Dupré se portou, percebeu que era quem ela esperava.

O criado trazia uma mensagem na mão. Mas, antes confirmou:

— Monsieur Joseph Fouché agradece a mademoiselle por seu gentil convite e comunica que se encontrará com ela às vinte e uma horas.

Yolanda não precisou repetir o que ouvira, pois a atriz es tivera ouvindo, batendo palmas de contentamento.

— Ele vem! — afirmou ela. — Isso é bom! Mande uma mensagem ao chefe de cozinha, avisando que prepare um ótimo jantar e o sirva às vinte e uma horas em meu boudoir, acompanhado dos melhores vinhos disponíveis!

— Direi ao mordomo, mademoiselle!

Yolanda dirigiu-se à porta, mas a atriz chamou-a secamente:

— Espere um minuto! Yolanda aguardou.

Mademoiselle parecia pensar no que ia dizer. Então, fez a seguinte advertência:

— Diga ao mordomo que, se alguém nesta casa fizer qualquer referência a esta visita,

ou mesmo pronunciar o nome da pessoa, será imediatamente despedido. E isso se aplica a você também. Está claro?

— Muito claro, mademoiselle — replicou Yolanda. — Avisarei ao mordomo.

Yolanda saiu rapidamente. Para ela, monsieur Fouché deveria ser um outro admirador da atriz.

Pareceu-lhe impossível que mademoiselle Dupré pudesse trair o duque, recebendo outro homem em sua casa.

Ao pensar nisso, deu-se conta de como sua mãe ficaria chocada com o procedimento de Gabrielle.

— Sei que essa situação é desagradável, mamãe — disse intimamente Yolanda — mas, ao menos, eu e Peter conseguimos vir de Calais a Paris. E, embora Peter continue resmungando está bem alimentado e pode cavalgar.

Desde que tinham chegado a Paris, mal vira o duque, a não ser de passagem. Mas sabia, através das coisas que Gabrielle Dupré lhe contava, que ele era extremamente generoso.

Logo que chegaram, a atriz encomendou roupas novas, e os costureiros não tiveram dúvida a quem enviar as notas.

No dia anterior, ela recebera um bracelete que deveria ter custado uma fortuna, talvez o bastante para que ela e Peter vivessem um ano.

— Como ela pode ser tão ingrata? — indagava a si mesma, quando, após ter dado as ordens ao mordomo, subia as escadas.

Entrou no quarto de Gabrielle Dupré e encontrou-o vazio. Então, olhou para o boudoir, através da outra porta.

Também não havia ninguém lá. Yolanda estava imaginando onde estaria a atriz, quando viu a porta do outro lado do cômodo, que conduzia aos aposentos do duque, semi-aberta.

Agindo automaticamente, dirigiu-se até lá e viu Gabrielle Dupré, de costas, parada no fundo do quarto.

Era um aposento imponente, com uma imensa cama e com dossel de seda vermelha, com suportes dourados, entalhados e encimados por plumas de avestruzes, que quase tocavam o teto pintado.

Yolanda ia dizer à mademoiselle que suas ordens tinham sido cumpridas, quando notou que a atriz estava junto a uma escrivaninha encostada a uma das paredes.

Ela abriu uma das pequenas gavetas e retirou um documento. Examinou-o, guardou-o novamente e abriu outra gaveta.

Yolanda achou muito estranho que ela estivesse mexendo nos papéis particulares do duque. Então, a atriz tentou uma terceira gaveta, que estava trancada. Frustrada, forçava e sacudia a maçaneta, com a sua força. Mas não conseguiu.

Soltou uma exclamação desconsolada.

Nesse instante, Yolanda deu-se conta de que estava espionando. Voltou, rapidamente, para o boudoir. E então fez a pergunta:

— Mademoiselle... está aí?

Houve uma pequena pausa, antes que Gabrielle Dupré aparecesse à porta.

— Que é que você quer? — disse, disfarçadamente.

— Desejava apenas dizer-lhe, mademoiselle, que transmiti sua mensagem!

— Sim, fez sua obrigação!

— Quer mais alguma coisa, mademoiselle? A atriz pensou um instante e respondeu:

— Uma faca ou um par de tesouras. Então, como se tivesse cometido um engano, consertou

:

— Não, tive uma idéia melhor! Dê-me o molho de chaves de minhas malas. Quero todas elas!

— Está bem, mademoiselle! Yolanda saiu para buscá-las.

Ao voltar, a atriz esperava por ela no centro do boudoir, batendo os pés impacientemente.

Apanhou as chaves, dizendo:

— Pode ir! Não preciso de você nas próximas três horas! Entende?

— Sim, mademoiselle, e muito obrigada. Vou jantar.

— Muito bem. Vá jantar. — Concordou Gabrielle Dupré. — A menos que a mande chamar, não volte aqui até as vinte e duas e quinze.

Ao falar, olhou para o relógio, calculando quanto tempo teria até que o duque aparecesse.

Por estar chocada com o procedimento da atriz, Yolanda correu para baixo ao encontro de Peter. Sentiu-se aliviada, ao vê-lo sentado sozinho no refeitório.

— Oh, Peter, precisava muito vê-lo! — exclamou ela.

— Por quê?

Como a conhecia bem, sabia que algo a preocupava.

Ele hesitou, na dúvida se deveria contar-lhe. Então, comentou.

— Talvez seja uma estupidez minha, mas acho chocante mademoiselle receber um outro homem, quando o duque está fora, somente por se sentir rejeitada!

— Não é surpresa! — disse Peter. — Ela é muito conhecida, e não há um homem em Paris que não se sinta honrado em jantar em sua companhia.

— Ela nos advertiu que se alguém aqui contasse algo a respeito seria despedido!

— Certamente, ela não deseja que o duque fique furioso! — observou Peter, com um sorriso. Não encontraria ninguém tão rico e importante como ele!

— Por que ela procede dessa maneira vergonhosa? — perguntou Yolanda. — É muito desleal.

Peter riu.

— Não se espera que as mulheres sejam leais. E as dessa espécie são capazes de fazer qualquer coisa.

— Sem dúvida — concordou Yolanda, pensando na imensa caixa de jóias.

— Por falar nisso — perguntou Peter — quem é o feliz cavalheiro convidado para o jantar desta noite?

— Nunca ouvi falar dele — explicou Yolanda. — Ela mandou uma carta endereçada

a ele, para um dos ministérios. Seu nome é Joseph Fouché.

Para sua surpresa, Peter ficou boquiaberto, antes de confirmar:

— Tem certeza?

— É claro — continuou Yolanda. — Fui eu quem entregou a carta ao mordomo.

— Que interesse teria ela em vê-lo? — cogitou Peter, murmurando quase para si mesmo.

— Por que não, se quer levar vantagem sobre o duque? Mas, se não deseja que ele fique sabendo, não se trata apenas de querer provocar ciúmes!

— Ele não tem ciúmes de Fouché!

— Não? Por .quê?

— Fouché não é um admirador de mademoiselle, como você está sugerindo.

— Então, quem é ele? — perguntou Yolanda.

— É o homem mais temido de Paris.

— Temido?

— É o ministro da polícia e atemoriza todos que têm algo a esconder.

CAPÍTULO IV

Mademoiselle Dupré sentia-se animada ao se vestir para o jantar.

Permanecera irritada e mal-humorada durante todo o dia, tendo mudado de roupa uma dúzia de vezes, antes de sair para passear. Deixara tantas incumbências a cargo de Yolanda que ela não tivera tempo para ver Peter, ou mesmo sair do quarto.

Ao voltar para um descanso, à atriz estava com uma expressão diferente. Repousara das cinco às sete da noite, para, mais tarde, trocar-se para o jantar.

Yolanda aprendera que, na França, o “cinco-a-sete” era um horário muito especial para as damas, que se retiravam para seus aposentos e recebiam visitas particulares.

Lembrava-se vagamente de que sua mãe lhe contara sobre isso, explicando que era um período de repouso. Mas, no que dizia respeito à atriz, Yolanda suspeitava que, durante seu repouso, ficava em companhia do duque. Talvez estivesse enganada, pois ele se mantinha muito discreto em relação a sua amizade com Gabrielle Dupré.

Yolanda achava que ele a convidara por não querer ficar sozinho naquela casa imensa. Devia apreciar a companhia de alguém que admirava, para conversar quando estava em Paris.

Ao mesmo tempo, não entendia como o duque poderia achar algo de interessante na atriz, além de seus dotes físicos, uma vez que ela era tão mal-educada e inculta.

Peter se preocupava em vê-la em contato com uma atriz como Gabrielle Dupré, mas ela já se acostumara com sua grosseria.

— O duque terá um encontro com os amigos dele — disse a atriz. — Por isso, receberei meus convidados.

Percebia-se um certo tom amargo em sua voz, demonstrando que ela estava ressentida pelo fato de não ser recebida nos círculos sociais do duque.

Napoleão tinha se infiltrado na sociedade francesa. Tornava-se difícil entender essa súbita aceitação, uma vez que os franceses continuavam a afirmar que ele era apenas um estrangeiro.

Mas as mulheres que eram atrizes, ou tinham reputação semelhante a de Gabrielle Dupré, não eram recebidas nas Tulherias, nos bailes, ou nas soirées oferecidas por aqueles que faziam de Paris a cidade da alegria e do prazer.

Yolanda imaginava, sem ter certeza, que as festas às quais o duque ia sozinho eram reuniões muito sérias e politicamente importantes.

Talvez pensasse assim pelo fato de considerar o duque um homem sério.

Não conseguia imaginá-lo dançando alegremente como Peter, ou divertindo-se em uma daquelas festas extravagantes descritas por seu irmão, promovidas pelos dândis londrinos.

Quem sabe estivesse enganada.

Sabia apenas que ele era diferente de todos os outros homens que conhecera. Por isso, não tinha certeza sobre nenhum ponto de seu caráter.

Por outro lado, considerava errado que uma mulher, recebida como hóspede por ele, fosse bisbilhotar em seus documentos pessoais e ainda recepcionasse, às escondidas, o ministro da polícia, na própria casa do duque.

Ainda que ninguém, nem mesmo Peter, pudesse saber o motivo pelo qual monsieur Fouché fora convidado por Gabrielle Dupré, Yolanda tinha a impressão de que a noite transcorreria agradavelmente para ambos.

Mademoiselle estava num raro bom humor, quando se retirara para dormir.

— De qualquer forma, não é assunto que me diz respeito — pensou Yolanda.

Mas não conseguia deixar de pensar na atitude da atriz, revistando a gaveta que o duque mantinha trancada.

Agora, Gabrielle Dupré falava de outra coisa, completamente diferente.

— Hoje à noite — informou ela — vou me encontrar com o proprietário do Théâtre des Variétés. Ele está ansioso para que eu faça uma aparição espetacular no início do próximo mês. Aproveitarei para contar-lhe do meu imenso sucesso em Londres.

— Ouvi comentários de que era impossível conseguir um lugar para vê-la no King's Theatre, mademoiselle — observou Yolanda, tentando parecer admirada.

— É verdade — respondeu a atriz. — E, com isso, ganhei muito dinheiro.

Por um momento mostrou-se feliz da vida, mas, depois de um momento, suspirou levemente.

— Helasf, o dinheiro não dura para sempre e nunca temos o suficiente!

Yolanda ficou calada. Pensava na imensa coleção de jóias valiosíssimas, que atriz possuía.

— Sim, é de dinheiro que preciso — continuou mademoiselle, como se falasse para si mesma. Terão que me pagar muito para terem o privilégio de me ver no Théâtre des Variétés.

A atriz usava um de seus mais sofisticados e exuberantes vestidos. Além disso, enfeitara-se com um conjunto que parecia pertencer à coleção de jóias da Coroa. Ao dirigir-se à porta principal, deixava atrás de si um rastro de perfume exótico.

Yolanda arrumou o quarto. Novamente, ela seria a única pessoa que não tinha compromissos para aquela noite.

Peter saíra com os novos batedores franceses na noite anterior e lhe contara que se divertira muito nos cabarés baratos, ao ar livre, freqüentados pelos parisienses que possuíam pouco dinheiro.

Dançara até ficar exausto e, como já esperava, achara as francesas muito mais alegres que as inglesas.

— Fico contente que tenha se divertido — comentou Yolanda.

No fundo, gostaria de ter ido com ele. Queria muito conhecer Paris nos seus mais diferentes aspectos. Mas, até o momento, tornava-se muito difícil, para ela, sair de casa, mesmo para visitar o Louvre, coisa que tanto desejava fazer.

Desde que Peter a proibira de andar sozinha pela cidade, passara a considerar a possibilidade de convidar uma das criadas para sair com ela.

Depois, descobrira que todas eram casadas e trabalhavam com seus maridos. Em

suas folgas, era natural que não desejassem nenhuma outra mulher em sua companhia.

Sem vaidade alguma, Yolanda sabia que sua boa aparência a afastava das outras criadas. E chegava a concluir, com certa tristeza, que, se as coisas continuassem naquele ritmo, sairia de Paris sem ter visto nada, a não ser o panorama através das janelas da casa.

Concordara com Peter que não era prudente sair sozinha por aquela cidade desconhecida. Mas após um rápido jantar, quando, então, ele a deixou, sentiu-se muito sozinha.

E, além do mais, estava preocupada.

Peter conseguira convencê-la, apesar de todos os seus protestos, a entregar-lhe um daqueles seis guinéus, que estava economizando cuidadosamente para gastá-lo em caso de absoluta necessidade.

— O que fez com o seu salário? — perguntou ela.

— Tive que pagar minha parte ontem — respondeu Peter. — Não podia me divertir às custas dos outros, que são tão pobres quanto eu.

— Peter, não se esqueça: você tem que tentar economizar. Se amanhã perdermos nossos empregos, contamos apenas com algumas libras!

— Alguma coisa irá mudar — garantiu rapidamente Peter. — Veja como você conseguiu que ficássemos aqui sem gastarmos nada!

— Tivemos sorte — repetiu Yolanda mais uma vez. — Mas essa situação pode não durar muito tempo. Por isso devemos ser sensatos.

— Estou farto de ser sensato, de ser um dos criados de Ilkeston e perder meu tempo com cavalos, em vez de me divertir!

Peter falava com um tom de rebeldia na voz. Yolanda compreendeu-o, ainda que não conseguisse encontrar outra alternativa para a vida deles.

Entregou-lhe um dos guinéus, afirmando que não daria um centavo a mais.

Mesmo vestido com sua libre, Peter conservava seu ar elegante e vitorioso. Deveria ser muito penoso para ele ficar separado de todos os seus amigos e da boa vida que levava em Londres.

Participava sempre de bailes e jantares, onde se encontrava com damas que receberiam a aprovação de sua mãe. Yolanda esperava que, em Paris, Peter não se metesse em complicações com as mulheres que o acompanhavam nas danças e diversões.

— Não volte muito tarde, querido — recomendou ela, ao dizer-lhe boa-noite.

Peter sorriu.

— Não tenho intenção de chegar antes do amanhecer, se puder — respondeu ele. — Estou em Paris, Yolanda! E quem deseja dormir quando há coisas muito mais interessantes a fazer?

Renascera um certo brilho em sua voz, que desaparecera desde que tinham deixado a Inglaterra. Yolanda apenas o olhou, preocupada, quando ele saiu, usando o chapéu com penacho, que fazia parte de seu uniforme, ajeitado elegantemente em sua cabeça.

Ao ficar a sós, Yolanda começou a pensar em como se distrair.

Todos os criados franceses estavam lá embaixo, no porão. Apenas um deles permanecia em serviço, no vestíbulo. A casa estava no maior silêncio.

Sentiu vontade de ler alguma coisa. Tivera poucas chances de fazer isso, desde que saíra da Inglaterra. Deveria existir uma biblioteca naquela casa e dispôs-se a encontrá-la.

Desceu pela escada dos fundos, para não ser vista pelo criado, a postos no saguão. Enquanto caminhava pelos corredores, espiou o interior de vários salões, todos espaçosos e ricamente mobiliados, até achar o que procurava.

A biblioteca dava para o jardim. Os livros estavam dispostos em estantes muito requintadas, fechadas com portas de vidro. Verificou que muitos deles eram de autores que desejava conhecer.

Havia tal variedade à escolha que ela passou um bom tempo vasculhando estante por estante, examinando os volumes que mais lhe interessavam.

A encadernação de couro dava a entender que a pessoa que os colecionara devia ser alguém bastante rico e culto, que tinha amor aos livros.

Talvez tivesse sido guilhotinado como os outros aristocratas, ela julgou.

Ou quem sabe ainda vivesse, pobremente, enquanto suas propriedades, agora estivessem em mãos daqueles que tinham arruinado a França com a Revolução, transformando-a no país mais odiado e temido de toda a Europa.

Gostaria de ter conhecido Paris antes da Revolução.

Romanticamente, pensou que desejaria ter entrado em contato não com a pobreza e a fome do povo, mas com o encanto e a beleza da corte de Maria Antonieta, de suas damas, com suas perucas e vestidos sofisticados e do rei, circundado por homens inteligentes e brilhantes.

Não conhecera Bonaparte, mas duvidava que fosse capaz de criar um clima tão idílico quanto aquele que caracterizara a França no passado.

Ficou de repente angustiada, ao lembrar que seu império estava sendo construído sobre os crânios e ossos daqueles que tinham morrido para que ele se instalasse no poder.

Abriu as portas de vidro de outra estante e encontrou as edições de Voltaire, que sempre quisera ler, e um exemplar de Paul et Virginie.

Retirou o épico de Tasso referente às cruzadas, Jerusalém Libertada. Começou a lê-lo, esquecendo-se de tudo... do tempo e do espaço... sentindo-se em outra dimensão.

Completamente absorta, sentou-se à janela para desfrutar os últimos raios de sol e não ouviu quando as portas da biblioteca se abriram. .

.

Não houve ruído algum, mas uma forte vibração atraiu sua atenção. Estava certa de que alguém tinha entrado ali.

Levantou a cabeça e viu que era o duque. Olhava-a de uma maneira estranha, que a fazia sentir-se perturbada.

Ergueu-se rapidamente.

— Pardon... monseigneur — justificou ela. — Sei que não deveria estar aqui... mas desejava apenas um livro para ler.

— E o que escolheu? — perguntou o duque.

Yolanda viu que ele observava a sala, enquanto falava. Percebeu, então, que esquecera as portas das estantes abertas. Além disso, deixara sobre a mesa um livro de

Voltaire, que pretendia levar para ler no quarto.

— Sei que... é um abuso de minha parte — murmurou Yolanda. Não se moveu, enquanto o duque caminhava em sua direção,

— Deixe-me ver o que estava lendo com tanto interesse!

Não restava nada a fazer, a não ser entregar-lhe o volume de Jerusalém Libertada.

O duque pareceu surpreso.

— É deste tipo de literatura que gosta? — indagou.

— Sim, monseigneur.

— Já leu Tasso antes?

— Ainda não tive oportunidade.

— Mas já ouviu falar dele?

— Sim, naturalmente, monseigneur!

— Por que “naturalmente”? — repetiu o duque. — A maioria das mulheres não está preocupada com coisas sérias.

Sem dúvida, ele se referia às mulheres como Gabrielle Dupré. Mas Yolanda sabia que não deveria ser indiscreta e fazer comentários. Permaneceu calada.

O duque segurava o volume em suas mãos. E seus olhos estavam fixos em Yolanda, quando comentou:

— Por que está sozinha? Imagino que seu marido esteja se divertindo!

— Ele está ansioso por conhecer Paris, monseigneur.

Notou uma certa expressão nos lábios do duque, deixando entrever que ele adivinhava a espécie de Paris que Peter desejava ver.

— E você não é curiosa? — considerou ele.

Por achar que ele falava ironicamente, Yolanda disse, sem mentir:

— Claro que sim. Gostaria de percorrer a cidade, mas ainda não tive oportunidade.

— Por que não?

— Tenho muito trabalho a fazer em casa, monseigneur. E Pierre proibiu-me de sair sozinha por Paris.

— Está certo, mas ele poderia muito bem levá-la consigo. Aquilo tinha o ar de provocação e, mais uma vez, Yolanda não respondeu. O duque, então, continuou:

— Ele tem razão. Os lugares que deve freqüentar certamente não a divertiriam e talvez ainda a chocassem.

— Estou muito contente, monseigneur, em estar aqui e poder dedicar-me à leitura.

Um tom de súplica revelou-se nessas últimas palavras. Yolanda ficaria aborrecida se o duque a proibisse de retirar os livros da biblioteca.

— Poderá ler o que quiser — assentiu o duque, quase adivinhando os pensamentos dela. Devolveu-lhe o volume de Jerusalém Libertada.

— Merci, monseigneur. É muita gentileza de sua parte. Tenho interesse em outros livros que estão aqui.

— De qualquer forma — observou calmamente o duque — é uma pena que não possa conhecer Paris.

Yolanda olhou pela janela.

Começava a escurecer. O sol ainda se projetava, dourado, contra a silhueta das árvores do jardim.

— Tenho uma sugestão a fazer — disse o duque.

Yolanda voltou-se para ele. Em seu olhar havia um reflexo dourado do sol, que iluminava também seu rosto delicado.

— Voltei mais cedo que esperava — continuou ele. — Se quiser vir comigo em uma carruagem aberta, mostrar-lhe-ei Paris à noite.

Ela ficou atônita, achando que não tinha ouvido direito.

— Podemos passear pelas margens do Sena — completou o duque — para que possa ver o Louvre e, naturalmente, a Catedral de Notre Dame. São dois pontos que qualquer visitante deseja conhecer em primeiro lugar.

Ao explicar isso, parecia demonstrar um certo desprezo por essas preferências. Sentindo que ele se dirigia a ela de maneira quase impessoal, Yolanda notou que ele já não lhe inspirava nenhum medo.

E mais: desejava muito aceitar o convite.

Muito mais intensamente que pudesse expressar, ansiava em ver a cidade sobre a qual tanto lera. Conhecer-lhe-a à noite deveria ser algo ainda mais excitante. Mas hesitava.

— Acho... monseigneur, que devo recusar seu convite.

— Seu marido está se divertindo. Seria justo que você também o fizesse — ponderou o duque. — Além disso, ele nem precisará ficar sabendo.

Yolanda ia dizer-lhe que seria honesta com Peter e lhe contaria onde estivera. Mas lembrou-se de que, se ele fosse realmente seu marido, as coisas não se passariam desse modo.

— Posso decidir por você e, como seu patrão, ordenar-lhe que venha comigo?

— Isso certamente... eliminaria qualquer remorso em minha consciência.

Ao responder, Yolanda não conseguiu conter um sorriso alegre, que tornou seu rosto ainda mais belo.

— Muito bem — sugeriu o duque. — Apanhe um xale ou algo para colocar sobre os ombros, enquanto mando preparar a carruagem.

Yolanda lançou-lhe um olhar mais expressivo que qualquer palavra. Saiu correndo da biblioteca e dirigiu-se a seu quarto.

Ao chegar notou que trazia consigo a edição de Jerusalém Libertada.

Largou o livro sobre a cama e foi à frente do espelho para ajeitar os cabelos.

Todas as noites, quando descia para jantar com Peter, vestia um dos vestidos de musselina, bem simples.

Como mademoiselle Dupré ainda não tivesse adquirido para ela um daqueles uniformes pretos, comuns às camareiras, Yolanda usava durante o dia uma roupa azul-marinho, que ela mesma costurara para o inverno.

Uma das criadas lhe dera um pequeno avental debruado com renda, que pertencera a uma antiga empregada da casa. Ainda que mademoiselle não tivesse feito comentário algum, Yolanda certificara-se de que era o tipo perfeito de criada desejada por ela.

Agora, com seu vestido de musselina branca, enfeitado com laços azuis, considerava

que seria uma companhia inadequada à magnífica figura do duque. Por outro lado, não se sentia envergonhada de sua aparência.

Com certeza Peter desaprovava sua atitude, afirmando que ela não tinha nada que andar a passeio com seu patrão.

Diria que fora impossível recusar o convite de Sua Graça, pois não queria aborrecê-lo, sob pena de ser despedida.

De qualquer forma, os dados já estavam lançados e era tarde demais para se arrepender ou recuar.

Pegou seu xale na gaveta e, colocando-o sobre os ombros, desceu as escadas, sabendo que o duque estaria esperando por ela no saguão.

Ao vê-lo vestido com sua capa de noite, de cetim, considerou que se estivesse em sua real posição, como Yolanda Tiverton, seria uma atitude extremamente anti-convencional sair a passear a sós com um cavalheiro.

Mas quem ficaria sabendo? Pensou. E se isso acontecesse, quem se importaria?

Ela e Peter eram apenas duas pessoas exiladas da Inglaterra, sem qualquer importância para aquele mundo social, a que tinham pertencido um dia.

E, quando se aproximou do duque, ponderou que era muito melhor ter algum prazer na vida do que nada.

Ele a observara atentamente enquanto descia as escadas. Pela expressão de seu rosto, quase sempre cínica, era impossível decifrar se aprovava ou não sua aparência.

A porta principal foi aberta. Através dela, Yolanda pôde ver que uma carruagem puxada por dois cavalos esperava por eles.

A capota estava arriada e, assim que ela se acomodou, o duque sentou-se a seu lado. Um criado estendeu uma manta sobre seus joelhos e subiu para a boléia, ficando ao lado do cocheiro.

Ao partirem, uma indescritível excitação tomou conta dela.

Como prometera o duque, seguiram em direção ao Sena. À luz do crepúsculo, com as primeiras estrelas surgindo no céu, ela podia ver as águas do largo rio deslizando por baixo das pontes. Ancoradas, as barcas refletiam-se naquelas águas.

— É exatamente como esperava! — exclamou ela.

Sentara-se no canto da carruagem, de forma a poder observar melhor. O duque, comodamente instalado, acompanhava suas reações.

— Fico feliz que não tenha se decepcionado!

— E como poderia?

Seguiram ao longo da margem do rio e, depois, através das velhas ruas parisienses, com suas casas projetadas, que revelavam uma magia toda especial.

Cortando o silêncio que durou algum tempo, enquanto Yolanda olhava extasiada a paisagem, esquecendo-se até da presença do duque, ele sugeriu:

— Que tal pararmos agora e saborearmos um pequeno jantar?

Suas palavras a trouxeram de volta à realidade. Abandonou, por um momento, a visão daquele mundo fantástico. Estava fascinada em conhecer aquela cidade, descrita nos livros de História, com seus reis e rainhas.

— Jantar? — repetiu ela, como se nunca tivesse ouvido falar em comida.

— Gostaria de uma taça de champanhe — disse o duque — e também de ter a oportunidade de conversar com você. Quem sabe eu possa competir com as atrações que Paris exerce sobre você.

— Desculpe-me, monseigneur, se estive... desatenta — justificou-se Yolanda, percebendo que tinha sido indelicada. — É que tudo isso é muito excitante para mim. Sinto-me como se tivesse voltando ao passado e posso vislumbrar a história se desenrolando diante de meus olhos.

— Os meus olhos se contentam com sua presença — comentou o duque.

Devia ser um elogio, mas Yolanda não tinha certeza. Sua maneira cínica de expressar-se tornava difícil concluir se a afirmação poderia ser levada em consideração.

O duque deu uma ordem e a carruagem deixou as ruas centrais em direção à parte mais elegante de Paris, repleta de pequenas praças com árvores e arbustos.

Em uma delas, os cavalos pararam diante de um restaurante, em cuja calçada estavam dispostas várias mesas vazias, usadas durante o dia com um toldo que as cobria.

Demonstrando uma intensa curiosidade, Yolanda desceu do veículo e entrou no restaurante, que lhe parecia completamente diferente do que esperava.

Sempre pensara que todos eles eram grandes e barulhentos, cheios de luzes e de pessoas que falavam e riam sem parar.

Este, no entanto, era pequeno, calmo e tinha o teto rebaixado. Ao olhar a sua volta, verificou que havia várias saletas, cada uma contendo apenas uma meia dúzia de mesas, com sofás apoiados nas paredes, ao invés de cadeiras.

As paredes eram decoradas com espelhos de molduras douradas e pinturas de natureza morta.

Tudo era tão magnífico que, após sentar-se em um sofá de veludo ao lado do duque, Yolanda continuava estarrecida pela beleza do lugar.

— O que gostaria de comer? — perguntou ele. — Ou posso ordenar que preparem algumas das especialidades da casa?

— Por favor... escolha por mim.

O duque levou algum tempo conversando com o maitre, que se mostrou impressionado pela aparência de seu freguês e pela maneira entendida com que analisava o cardápio.

Finalmente o maitre se retirou. E, enquanto o garçom abria uma garrafa de champanhe e o servia em duas taças, o duque falou:

— Tenho a impressão, embora possa estar enganado, de que é a primeira vez que você janta em um restaurante.

— É verdade — concordou Yolanda.

La completar, dizendo que seria uma atitude considerada inadequada, na Inglaterra, que uma senhorita como ela, ou mesmo uma dama, fosse jantar em um restaurante, quando se lembrou que ele supunha que ela realmente fosse uma criada. Talvez, as próprias criadas freqüentassem restaurantes se pudessem pagar as despesas, mas ela não tinha informações a esse respeito.

O duque bebeu seu champanhe e mudou de posição, para poder observar melhor Yolanda.

— Agora, fale-me sobre você — ele pediu. Yolanda balançou a cabeça.

— Não há nada interessante que possa lhe contar. Na verdade, tenho mais perguntas a lhe fazer, monseigneur... se não tivesse tanto receio.

— Por que receia?

— Talvez... me ache um tanto irreverente.

— Prometo-lhe que não terei essa impressão. Mas garanto-lhe que estou curioso a seu respeito.

— Por que... estaria?

— Porque, mesmo querendo parecer tola, tenho certeza de que não é o que aparenta ser.

Yolanda ficou em silêncio, encontrando dificuldades em lhe responder. Então, continuou:

— Se me assegura, monseigneur, que não irá me considerar abusada, posso lhe fazer... uma sugestão?

— É claro! Você aceitou a minha e agora estou interessado na sua!

— O senhor tem consciência de que eu não deveria ter saído esta noite... mas passear por Paris era uma tentação irresistível.

Os lábios do duque contrairam-se levemente.

— Muitas mulheres diriam que seria uma grande tentação não estarem em minha companhia.

— Dificilmente poderia afirmar isso, sem conhecê-lo melhor.

— Tem razão — ponderou o duque seriamente, embora revelasse um estranho brilho no olhar. — Continue!

— O que quero sugerir... é que talvez, durante o tempo que permaneceremos aqui, possamos esquecer que sou uma criada e o senhor o meu patrão... e simplesmente fingir que somos pessoas comuns, que jantam juntas na cidade mais fascinante do mundo!

Yolanda conversava animadamente, pois achava que, se ele concordasse com a proposta, isso aumentaria aquele encantamento que sentia, desde que saíra de casa.

Não queria ficar o tempo todo evitando e disfarçando respostas a perguntas embaraçosas. Enfim, não gostaria de continuar tendo que se manter na defensiva.

Desejava apenas divertir-se vendo Paris, degustando um jantar maravilhoso, melhor que tudo o que já comera antes. Além disso, admitia um pouco envergonhadamente, estava a sós pela primeira vez com um homem, e tão magnífico como aquele!

Após uma breve pausa, o duque assentiu.

— Estou de acordo e acho que o primeiro passo é você me dizer seu nome. Não Latour, que já conheço.

— Yolanda — ela respondeu.

— Combina com você — comentou ele. — Bem, Yolanda, vou entrar no seu jogo. A respeito de quê sugere que conversemos?

— Primeiro gostaria de saber exatamente como vê a situação política da França, agora que está aqui!

Sua indagação surpreendeu o duque.

— É uma pergunta muito estranha, partindo de você — reconheceu ele.

— Concordamos que eu representaria outro papel esta noite... e estou particularmente interessada na França e na atitude do primeiro-cônsul em relação à Inglaterra.

— Muito bem, irei confessar-lhe a verdade — disse o duque. — Neste momento, à distância entre os dois países aumenta a cada dia.

— Mas... por quê?

O duque procurava encontrar palavras antes de continuar.

— Tenho a impressão, embora espere estar enganado, de que a paz está ameaçada.

— Oh... não! — exclamou Yolanda. — Não podemos ser arrastados para a guerra novamente! Como Bonaparte pode insistir em outra guerra que, sem dúvida, destruirá tudo o que ele vem tentando construir?

Ficou chocada, ao dar-se conta de que, se as hostilidades se intensificassem, ela e Peter teriam que deixar a França.

Para onde iriam? Onde poderiam esconder-se não só dos franceses, mas, o que seria mais terrível ainda, dos ingleses?

E, se fosse decretada uma guerra, como fingiam ser franceses, Peter teria que se alistar no exército de Napoleão!

A ansiedade tomou conta de seu rosto, e o duque quis tranquilizá-la.

— A idéia de que seu país volte a lutar com o meu, seguramente a aflige!

— Sim... muito! — asseverou Yolanda. — Certamente monseigneur pode fazer algo para garantir a paz, não é mesmo?

— Você me dá poderes que não possuo. Encontro-me aqui apenas como turista, viajando em busca de diversão.

Yolanda tinha certeza de que não era verdade, ainda que tivesse motivos para duvidar de sua palavra.

— Na Inglaterra, é muito poderoso. Os ingleses não deixarão de ouvi-lo, mesmo que os franceses não o queiram fazer!

— Como muitos ingleses, eu gostaria de que a balança política retornasse a seu antigo status quo!

— Sem dúvida! — disse Yolanda. — Mesmo que a única maneira de conseguir isso seja derrotar Bonaparte.

Ela falava sem medir as palavras. Como seu tom de voz fosse muito claro e incisivo, notou que o duque olhava rapidamente em direção ao outro único casal que estava naquela parte do restaurante.

Um homem de meia-idade jantava com uma mulher sofisticada e bastante atraente. Como estivessem travando uma conversa muito íntima, era provável que nada tivessem ouvido.

O duque abaixou o tom ao dizer:

— Creio que, por mais interessante que esse assunto possa ser, Yolanda, devemos falar de outras coisas.

— Está bem — concordou ela, rapidamente. — Desculpe-me se fui indiscreta.

— Agora é minha vez de escolher o assunto — disse o duque. — Quero saber mais a respeito de sua ascendência.

— Por que... isso lhe interessa?

— Sinto — explicou ele — que, embora parecendo ser uma francesa pela maneira como se expressa e pela cor de seus cabelos, há algo em você que... não me convence.

— Sempre me disseram, monseigneur, que os homens gostam de mulheres misteriosas. Talvez seja esse o meu caso.

— É a primeira coisa feminina que ouço você falar.

— Feminina?

— Você parece não fazer esforço algum para atrair um homem e isso não é uma atitude francesa.

Yolanda riu.

— Certamente, monseigneur, não está insinuando que eu devesse fazer algo tão ousado, como tentar atraí-lo, não é?

Considerou que esse comentário marcava um ponto a seu favor.

Depois, temeu que suas palavras tivessem sido imprudentes demais, muito contestatórias. Na verdade, sem perceber, ela estava flertando com ele.

Sentia-se realmente insegura em seu comportamento, ao ficar a sós com um homem como o duque.

Até então, somente conversara com os amigos de seu pai, quando era criança, e, mais tarde, com os de Peter, quando ainda não eram adultos.

Com o duque era diferente, pois tratava-se de um homem maduro e, mesmo que não ocupasse aquela importante posição, Yolanda achava que sua personalidade seria sempre notável.

Ainda que, de certa forma, continuasse temendo-o, sentia que sua companhia se constituía num desafio difícil de resistir.

Queria discutir com ele. E, talvez porque ele a visse como uma criada, provar-lhe que podia conversar inteligentemente e, mesmo que ele não admitisse, manter-se como uma pessoa igual.

Apesar de não serem tão importantes quanto o duque de Ilkeston, os Tiverton formavam uma família antiga e muito respeitada.

Haviam pertencido à aristocracia há séculos e Yolanda sabia que seu pai nunca abaixara a cabeça a nenhum outro homem, a não ser ao rei.

Muitos nobres de França tinham sido guilhotinados ou reduzidos à miséria. Contudo, sua mãe sempre se conservara orgulhosa de seus ascendentes!

Desde que era uma garotinha, Yolanda aprendera que deveria sentir orgulho, não em razão de sua posição ou riqueza, mas do sangue que corria em suas veias.

— Suponho que tenha consciência de sua beleza! — observou inesperadamente o duque.

Yolanda encarou-o, atônita, achando, por um momento, que ele apenas queria divertir-se às suas custas.

Já ao iniciar o fantástico passeio, percebera quão insignificante era em relação a Gabrielle Dupré.

Considerou que seu rosto era como um desenho a bico de pena, enquanto que o da atriz parecia uma pintura de Rubens!

Como se tivesse dito isso em voz alta, o duque completou:

— Sua beleza é diferente. Não posso me lembrar da última vez que vi cabelos como os seus, com reflexos tão brilhantes, ou olhos que lembram a cor do céu, pouco antes de ser povoado por estrelas.

Meio embaraçada, Yolanda disse: — Isso é muito lisonjeiro, monseigneur, mas... está me deixando envergonhada. Nunca alguém me falou dessa maneira, antes.

— Ninguém?

— Claro que não. Os ingleses não costumam dirigir cumprimentos às mulheres, apenas aos seus... cavalos!

Fez a observação de propósito, a fim de esconder a estranha perturbação que o duque lhe provocava, ao fazer tais elogios. Ele riu, como Yolanda esperava, e continuou.

— Estava na hora de você vir a Paris, Yolanda. Asseguro-lhe que os franceses são capazes não só de expressar sua admiração pela beleza, mas também de não deixá-la escapar!

— Mas o senhor não é francês, monseigneur!

— Talvez possa dizer que sou um tipo especial de inglês, bastante sensível, não é mesmo?

— Se é verdade — disse Yolanda — e eu acredito que sim... então, gostaria de saber por que parece tão cínico e aborrecido em relação a tudo o que o rodeia.

— Como você diz, talvez eu ache realmente a vida aborrecida e estou muito decepcionado para ficar à espera de um milagre.

— Quem sabe se sinta assim por ser rico e obter facilmente tudo o que deseja — sugeriu Yolanda. — Quando as coisas vão mal, quando não se tem dinheiro nem segurança, tudo parece muito amedrontador. Contudo, essas situações conseguem gerar um sentimento de consideração e apreço pelas poucas coisas que possuímos e uma grande coragem para lutarmos pelo que almejamos.

Pronunciou, sem pensar, as primeiras palavras que lhe vinham à mente. Por isso não se surpreendeu quando o duque quis saber:

— E o que almeja?

Talvez ele esperasse, julgou Yolanda, que ela manifestasse desejo por algo trivial, como pelas jóias, como as que dera a Gabrielle Dupré.

De repente, sentiu como se ele estivesse mais uma vez ironizando a situação e, por isso, não respondeu. Após uma pausa, o duque insistiu:

— Desejo que responda à minha pergunta.

— Trata-se de assunto... muito sério!

— Garanto-lhe que achei muito interessante tudo o que discutimos até o momento —

afirmou o duque. — Mas agora quero que me diga o que almeja.

— Neste instante... desejo segurança!

— De que maneira?

Era uma pergunta que ela não poderia responder com maiores detalhes. Como poderia dizer-lhe que sonhava em voltar para casa e ter dinheiro suficiente para viver no solar da família e para impedir que Peter fosse preso?

Talvez seus pensamentos estivessem estampados em seu rosto, pois o duque disse, muito calmamente:

— Conte-me a verdade e confie em mim!

— Gostaria... mas é impossível! Ele ia começar a insistir, mas, naquele instante, chegaram os primeiros pratos do jantar.

Tinham um aroma tão agradável e pareciam tão deliciosos que, de repente, Yolanda deu-se conta que estava faminta. Quando começaram a comer, foi fácil desviar a conversa e o duque assentiu em contar-lhe a respeito dos países da Europa que conhecia.

Sabia que ele tinha viajado muito. Pediu-lhe para que descrevesse Veneza, Roma e a paisagem que vira em Viena, quando ainda era muito moço.

— As austríacas são muito bonitas — comentou ele. — Seus cabelos vermelhos lançam um irresistível encantamento sobre os turistas como eu.

— Por isso é que admira. mademoiselle Dupré? — indagou Yolanda, quase automaticamente.

— O que pensa a respeito de mademoiselle? — quis saber o duque, revidando a pergunta de Yolanda.

Por um momento, ela se questionou se deveria contar-lhe que vira a atriz mexendo em seus papéis particulares, e que, na noite anterior, recebera o ministro da polícia para jantar.

Por fim, considerou que seria totalmente desleal de sua parte informar esses episódios ao duque.

Se ele realmente estava apaixonado por mademoiselle Dupré, e ela não tinha porque duvidar disso seria extremamente desagradável ouvir esses comentários da parte de uma simples criada.

Percebeu que o duque esperava sua resposta. Após uma pausa, manifestou-se:

— Tenho certeza de que... mademoiselle... é uma atriz brilhante. O duque riu.

— Você realmente sabe julgar bem o caráter das pessoas e concordo com sua afirmação. Ela desempenha bem seu papel.

— Ela é também muito bonita — continuou Yolanda —, mas há algo que não compreendo muito bem!

— O que é? — perguntou o duque. — Suponho que seja estupidez de minha parte — considerou Yolanda, mas o senhor parece muito inteligente, excepcionalmente inteligente. Por que, então, escolheu como companheira uma mulher que não tem nenhum dote intelectual e que se mostra sempre tão mal-educada?

Ao fazer esse comentário, lembrou-se de algo que seu pai uma vez lhe dissera:

“Se há algo que realmente abomino é a falta de inteligência. Mulheres que apenas

conseguem sorrir afetadamente e piscar os cílios provocantemente não deveriam ser recebidas em uma sociedade educada. Não contribuem em nada, ao contrário! Francamente, não consigo suportá-las!”

O duque manteve-se calado. Continuou olhando-a com uma expressão estranha. Yolanda achou que, mais uma vez, falara indiscretamente.

— Desculpe-me — remendou ela rapidamente. — Por um momento, esqueci-me com quem conversava!

— É o tipo de pergunta que esperava que fizesse — reconheceu o duque —, mas não creio ser a pessoa adequada para respondê-la.

Sem compreender, Yolanda continuou a ouvir o duque.

— Estou certo de que seu marido poderá lhe dar uma explicação adequada a respeito disso.

Como se esquecera momentaneamente de que deveria continuar representando o papel de esposa de Peter, corou, enquanto tentava consertar a situação:

— Sim... é claro! Poderei perguntar-lhe. Que tolíce a minha! Começou a ficar confusa. Como Peter poderia saber o que o duque achava de interessante em Gabrielle Dupré?

Ao analisar isso, considerou aquela resposta absurda.

Seu silêncio e a expressão de seu rosto fizeram com que o duque percebesse sua perturbação. Então, quis saber:

— Você conversa com seu marido da mesma maneira que está fazendo comigo?

— Pierre não é muito interessado... em coisas sérias — explicou Yolanda.

— Então, de quê ele gosta, além de você?

— De cavalos, especialmente os de raça, de lutas de boxe, jogo de cartas, quando pode participar, dança e de todas as outras coisas que os homens da idade dele acham divertidas.

— Por que se casou com ele?

— Não se esqueça que tínhamos concordado, monseigneur. . . , que, esta noite, não faríamos perguntas embaraçosas!

— Sem dúvida você me fez algumas, e é justo que eu também tenha esse direito!

— Oh, por favor... Foram apenas coisas sem importância! Achei muito fascinante conversar com o senhor! Comportou-se como se fosse um homem comum, em minha companhia. Nunca me sentara junto »: alguém assim... e isso tornou tudo muito excitante!

— Então, eu a excito? — indagou, suavemente, o duque.

Pela segunda vez Yolanda pressentiu aquele sinal de perigo, como da vez que falara com ele no jardim.

Olhou à volta da sala e tudo o que pôde ver foi seu perfil. Após um breve momento, ele repetiu:

— E, então, eu a excito?

— Por favor... está quebrando as regras do jogo!

— Mais regras?

Ela assentiu com a cabeça.

— Talvez seja melhor me dizer quais são.
— Bem... não deve me fazer perguntas como essa, pois me deixam envergonhada!
— Sente-se assim, neste instante?
— Sim... e também quando me fez aquele elogio, embora tenha sido muito gentil e delicado. Além disso, nunca tinha ouvido um comentário igual em toda a minha vida.
— E por que acha que fez isso?
— Não sei. Mas tenho certeza de que é algo que não deveria acontecer pois é contra as regras, fora dos limites...
— Essa é uma expressão muito inglesa para quem se diz francesa.
— Eu vivi... na Inglaterra.
— É claro! Talvez por isso se sinta envergonhada, o que não aconteceria com nenhuma francesa verdadeira.

— Talvez... seja essa a explicação. Volto a insistir que preferia que conversássemos sobre assuntos impessoais.

— Seria impossível e extremamente tolo. Além disso, quero que saiba que não a acho somente muito bonita. Você consegue me intrigar e estou ardente de curiosidade.

A voz do duque soava definitivamente amedrontadora. Yolanda não conteve uma exclamação, quase um gemido...

— Monseigneur, que horas são? Tenho certeza de que já é tarde. Preciso ir agora e esperar a volta de mademoiselle. Se eu não estiver lá, ela ficará furiosa!

— Tem medo de que possa demiti-la?

— Sabe que sim!

— Prometo-lhe que se ela tentar isso, não permitirei que você vá embora.

— Isso poderá causar uma situação embaraçosa e eu terei que partir de qualquer forma. — Garanto-lhe que isso não acontecerá!

— Por favor... por favor, monseigneur. Poderia levar-me para casa agora?

— Tenho a impressão — disse o duque, lentamente — de que não está com pressa por causa de suas tarefas, mas porque quer livrar-se! de mim!

— Não desejaria que fosse assim... mas, sinceramente, senhor, está me deixando com medo!

— Você é facilmente amedrontável, Yolanda!

— Acho que é o senhor que inspira esse sentimento, monseigneur! Ao falar, Yolanda sorriu e encarou-o.

Seus olhares se encontraram. Yolanda sentiu-se uma prisioneira, sem condições de escapar.

Ao sentir-se corar, desviou o olhar e o duque concordou calmamente:

— Como me pediu, eu a levarei para casa.

Apanhou o xale de Yolanda, que estivera sobre um sofá, e colocou-o! sobre seus ombros.

Enquanto fazia isso, sua mão roçou-lhe o pescoço. Yolanda sentiu algo estranho, como se um raio de luz a atravessasse. Era uma emoção inédita, em sua vida.

Como estivesse com medo não apenas dele, mas de si mesma, levantou-se e,

rapidamente, saiu do restaurante. Ele a seguia, muito próximo dela.

A carruagem os esperava e, ao seguirem pelas ruas fracamente iluminadas, vislumbrando o céu estrelado, ela teve a sensação de estar vivendo um sonho.

Então, por baixo da manta, ele pegou sua mão.

Por um momento, pensou em resistir. Como parecesse inútil, pois os dedos do duque eram fortes e pressionavam os seus, deixou-se ficar.

Permaneceram calados, até que o duque quebrou o silêncio:

— O que achou desta noite, Yolanda?

— Foi... encantadora! — murmurou ela. — Revestida por uma magia que nunca pensei existir... exceto na poesia e na música!

Ele sorriu e Yolanda sentiu que seus dedos apertavam ainda mais sua mão.

— É o que gostaria que tivesse sentido. Virá passear comigo em uma outra noite?

— Eu deveria... recusar!

— Mas, ao contrário, diz sim!

— Talvez... seja errado!

— Para quem? Para mim ou para você?

— Penso que... para ambos.

— Mas, como você mesma diz, uma aventura na vida é sempre excitante e não devemos desperdiçá-la. Por isso, concordará, não é?

Não havia necessidade de responder.

Tinha certeza de que ele já sabia que ela aceitaria. E seguiram em silêncio, até chegarem -à casa.

Então o duque ergueu sua mão e ela sentiu os lábios dele, quentes e possessivos, tocarem sua pele nua.

— Obrigado — disse ele, suavemente — pelo encanto que me proporcionou e que eu também nunca tinha conhecido. Por isso não quero perder outra oportunidade.

Era estranho, pensou ela, mas essas palavras, ditas com voz profunda, sem o usual cinismo, fizeram com que seu coração batesse descompassadamente.

CAPÍTULO V

Yolanda desceu para o café da manhã com a sensação de que sua cabeça ainda estava nas nuvens, vivendo aquele sonho maravilhoso.

Encontrara dificuldades para pegar no sono. Ficara pensando todo o tempo no duque e em tudo o que tinham conversado.

Sabia que deveria comportar-se sensatamente e compreender que, para ela, fora uma noite inesquecível, porque nunca tinha feito algo parecido antes. Além do mais, o duque era um homem excepcional.

No entanto, ele também lhe confessara que tinha sido um passeio encantador, de tal forma que lhe parecera inédito também.

Mais de uma vez tentou convencer-se de que aquilo tudo não passara de um exagero convencional. Talvez fosse próprio da gentileza dos franceses com as mulheres.

Mas o duque não era francês, embora se definisse como um inglês sensível. E ela não podia acreditar que ele fizesse elogios gratuitos freqüentemente.

Porém, não tinha certeza de nada.

Apenas de que estava na plenitude da juventude, confusa, e, ao mesmo tempo presa por uma incrível magia, a qual desejava acalantar, antes que desaparecesse.

Não havia mais ninguém no refeitório, a não ser Peter, para alegria dela.

O rapaz estava acabando de tomar seu café. Ao sentar-se a sua frente, ela percebeu a expressão séria de seu rosto.

— O que é? — perguntou Yolanda.

— Estou preocupado!

— Por quê?

— Todo mundo está dizendo que teremos uma nova guerra pela frente.

O rosto de Yolanda contraiu-se.

— É o que... — começou ela.

Então parou, percebendo que quase completara: é o que o duque disse... Afinal, ainda não contara a Peter que o havia desobedecido.

Tinha a impressão de que ele ficaria muito furioso se soubesse que ela não apenas passara com o duque, mas também jantara com ele.

— Foi o que ouvi! — corrigiu ela, aliviada por Peter não ter notado sua hesitação.

— Se a guerra estourar — afirmou ele em voz baixa — nem sei o que acontecerá conosco!

— Não poderemos ficar na França — lembrou rapidamente Yolanda. — Que notícias novas você ouviu?

— O embaixador britânico, lorde Whitworth, deverá retornar à Inglaterra.

— O que isso significa?

— Os franceses acham que é um mau sinal — respondeu Peter. — Ontem, no cabaré, comentavam que ele já ameaçara partir alguns dias antes, mas, no último momento,

mudara de idéia.

— Gostaria de perguntar a alguém sobre o que está acontecendo exatamente — disse Yolanda.

Ao afirmar isso, sabia que a única pessoa que poderia lhe dizer algo de concreto era o duque.

Como que percebendo sua inquietação, Peter exclamou:

— Anime-se! Não acredito que as coisas estejam tão ruins quanto anunciam. Além disso, se houvesse qualquer possibilidade de reinício das hostilidades, o próprio embaixador avisaria a alguém tão importante como Ilkeston de que se tornava perigoso continuar aqui.

— Tem razão — considerou Yolanda, com um sorriso.

— Preciso ir até os estábulos agora. E tentarei descobrir mais alguma coisa. Na hora do almoço, voltaremos a conversar.

Yolanda mostrou-se mais decepcionada. Peter saiu, parecendo muito diferente dos outros empregados. Ela ficou imaginando se o duque também percebia isso.

Com o pensamento voltado para o duque, pôs-se a olhar melancolicamente pela sala, sem vontade de comer mais nada. Surpreendeu-se, quando viu um dos criados aproximando-se dela, e advertindo-a:

— Carta para mademoiselle. Você deverá entregá-la pessoalmente, sem que ninguém mais a veja.

Yolanda ergueu os olhos, atônita, e viu que ele segurava nas mãos um grande envelope.

Era volumoso e, certamente, além da carta, havia algo mais dentro dele.

— De quem é? — perguntou ela. O criado sorriu de modo estranho.

— Não deveria fornecer-lhe maiores detalhes, madame — respondeu ele. — Mas, caso esteja interessada, é da parte do ministro da polícia!

Era o que Yolanda suspeitava, após o aviso de que deveria entregá-la pessoalmente à atriz, às escondidas.

Sentiu-se angustiada ao pensar que mademoiselle estava arquitetando intrigas e traindo o duque.

Levantou-se para apanhar a carta, com certa relutância.

— Farei o que pediu — concordou, friamente.

Subiu as escadas, tendo a sensação de que estava sendo impelida a tomar parte de uma conspiração, embora não tivesse qualquer idéia a respeito do que fosse.

Dali a meia hora, deveria chamar Gabrielle Dupré.

Depois de abrir as cortinas e colocar alguns travesseiros nas costas da atriz, para que ela pudesse tomar seu café na cama, Yolanda depositou o envelope à sua frente.

— Correspondência para mademoiselle — explicou ela. — Disseram-me que a entregasse pessoalmente e que ninguém mais visse a cena.

A atriz não respondeu, Yolanda trouxe uma bandeja contendo café e croissants, que já estava depositada do lado de fora do quarto.

Enquanto ela arrumava tudo sobre uma mesinha, posta sobre a cama, Gabrielle

Dupré, que já abrira o envelope, ordenou:

— Verifique se o duque voltou de sua cavalgada e traga-me outra xícara. Quero que ele venha tomar café comigo esta manhã.

Era a primeira vez que isso acontecia, pensou Yolanda, enquanto sei dirigia à porta que se comunicava com a sala-de-estar.

Ficara sabendo que o duque fazia a primeira refeição em seu próprio quarto, muito cedo. E, quando retornava da cavalgada, tomava banho, trocava-se e depois se dirigia à biblioteca, certamente para colocar sua correspondência em dia, imaginava Yolanda.

Mas, de repente, teve o pressentimento de que ele se ocupava em redigir um relatório para o governo inglês, acerca da situação na França.

Pela importância política que o duque tinha na Inglaterra, tinha certeza de que o primeiro-ministro não deixaria passar essa oportunidade de usar seus serviços.

Yolanda já estava a par dos comentários gerais: Napoleão Bonaparte planejava invadir a Inglaterra.

Peter dissera que os criados brincavam com a idéia de se construir uma armada de barcos de quilhas rasas, que transportasse os soldados através do canal.

— Não creio que isso seja possível — dissera ele. — Todo mundo em Paris considera isso como uma grande piada. Mas, se os franceses desembarcarem sem encontrarem muita oposição, seguramente vão se dirigir a Londres.

Até então, Yolanda pensara tratar-se de uma grande fantasia, como aquelas criadas pelos cartunistas ingleses.

Mas, agora, o pequeno calafrio que a percorria trazia-lhe dúvidas quanto a isso.

A sala-de-estar estava vazia. Caminhou até a porta do quarto do duque e bateu nervosamente.

Sentia-se envergonhada e um pouco embaraçada em fazer aquilo, mas não podia deixar de obedecer às ordens da atriz.

A porta foi aberta por Hawkins e Yolanda sentiu-se aliviada ao perceber que não havia mais ninguém no quarto.

— Bom-dia, madame!

Ele sempre sorria quando se dirigia a ela. Yolanda gostava do senso de humor que se revelava em seu olhar e que o tornava, segundo Peter, uma pessoa espirituosa, quando não havia mulheres por perto.

— Bom-dia, monsieur Hawkins — cumprimentou Yolanda. — Mademoiselle gostaria que monseigneur tomasse café com ela esta manhã.

— Espero Sua Graça a qualquer momento — explicou Hawkins. — Quando ele aparecer, dar-lhe-ei o recado.

— Obrigada.

Nesse momento, ouviu que a porta do corredor se abria. Rapidamente, voltou-se e se dirigiu aos aposentos da atriz.

— Sua Graça acabou de retornar, mademoiselle — informou ela, um pouco ofegante.

— Então, traga-me outra xícara, como lhe pedi — disse, asperamente, Gabrielle Dupré.

Felizmente, havia uma do outro lado da porta, sobre uma mesa. Para facilitar seu próprio trabalho, os criados costumavam deixar alguns copos e pratos extras ali.

Yolanda colocou a xícara sobre a bandeja de café de Gabrielle Dupré, notando que o envelope misterioso tinha desaparecido.

A atriz arrumava seus cabelos com um pente adornado com pedras preciosas, que deixava ao lado da cama, olhando-se em um pequeno espelho de ouro decorado com suas iniciais cravejadas com pequenos diamantes.

Com seus longos cabelos vermelhos soltos sobre os ombros, parecia' ainda mais bela. Yolanda, então, deu-se conta de que fora tola ao perguntar ao duque porque a achava uma companhia atraente.

Naturalmente, ele ficava contente só em olhar para uma pessoa tão bela!

Entendia agora por que qualquer homem desejava tocar a pele alva e macia de Gabrielle Dupré!

Lembrou-se ainda da estranha sensação que os lábios do duque provocaram, ao beijar-lhe a mão.

Muito tempo depois, revirando-se na cama, sem sono, continuava a sentir o toque daqueles lábios!

Voltou à realidade e começou a arrumar o quarto, quase automaticamente, apanhando coisas, jogadas por todos os cantos na última noite, j quando a atriz chegara cansada e eufórica por ter bebido muito vinho e j fora direto para a cama, sem mesmo se lavar.

Yolanda segurava algumas roupas. Ia perguntar-lhe se precisava de algo mais, quando notou que a atriz, após encher a xícara do duque com café, colocava algo dentro.

Nesse momento, ela quase avisou que o duque não gostava de açúcar! Notara isso na noite anterior, quando ele recusara o açúcar que o garçom lhe oferecia. Por sua vez, ela aceitara, agradecida, por achar o j café francês muito forte.

Isso significa que terei que trazer outra xícara pensou ela. Então, como não quisesse que o duque a visse desempenhando as funções de criada, correu em direção à porta que levava ao corredor. Ao sair, ouviu-o conversando com Hawkins, na sala-de-estar. Correu para o seu próprio quarto, que ficava ao fundo do corredor. Achava que era um privilégio especial não ter que se hospedar nos alojamentos destinados à criadagem. Sabia que essa deferência decorria de suas próprias funções: estando bem próxima, ela poderia mais facilmente servir sua senhora durante todas as horas do dia e da noite.

— Isso facilitou tudo para nós. De outra forma, como fingimos ser casados, teríamos que ocupar um mesmo quarto — observara Peter certa ocasião.

— Onde você dorme? — quisera saber Yolanda.

— No porão, junto com os outros criados — afirmou Peter. — Não é muito desconfortável. As camas são melhores do que aquelas que ocupamos nas hospedarias, durante a viagem de Calais até aqui.

Yolanda rira.

— Lembro-me de uma cama que era toda ondulada — confirmou ela. — Por isso, sei bem como você sofreu!

Riram juntos, lembrando de suas experiências. Yolanda tinha a consciência de que, na verdade, uma camareira ocupava um posto mais alto, dentro da hierarquia doméstica, conforme lhe contara sua mãe.

Assim, ela poderia esperar mais conforto que as outras criadas e empregados de nível mais inferior.

Uma hora mais tarde, uma arrumadeira veio avisar-lhe que mademoiselle Dupré a chamava

— Onde você estava? — perguntou ela, com visível mau humor, quando Yolanda entrou em seus aposentos.

— Esperava que me chamasse, mademoiselle — afirmou Yolanda. — Não gostaria de interrompê-la, enquanto monseigneur permanecesse aqui.

— Ele já saiu há muito tempo — disse a atriz. — Desejo me trocar. Quero vestir aquele traje que chegou ontem. Irei a um almoço festivo, no qual deverei estar excepcionalmente elegante.

Ela simplesmente parecia uma figura fantástica, usando um chapéu adornado com flores e plumas. Diamantes de diversos tamanhos brilhavam em suas orelhas e à volta de seu pescoço.

Yolanda pôde ver que uma pequena carruagem a esperava à frente da porta principal. Pela libre usada pelo cocheiro, percebeu que o veículo não pertencia ao duque.

Gostaria de saber quem é o dono dessa carruagem, pensou Yolanda.

Voltou para o quarto e estava fechando a caixa de jóias, como sempre desarrumada por sua dona, que retirava todas as peças para escolher as que combinavam com seus trajes, quando ouviu uma batida na porta que se comunicava com a sala-de-estar.

Abriu-a e deparou-se com Hawkins.

— Mademoiselle saiu? — perguntou ele.

Olhou de relance dentro do quarto, de modo que Yolanda não precisasse responder.

— Sim, foi almoçar fora.

— Pensei que fosse esperar por Sua Graça.

— Não, ela disse que estava indo para um almoço muito importante — informou Yolanda.

Sempre falava em francês com Hawkins, mas, embora ele tivesse uma fluência surpreendente nessa língua, Yolanda sentia-se na obrigação de pronunciar as palavras mais lentamente. Algumas vezes, tinha a impressão de que ele não entendia exatamente o que ela dizia.

— É estranho! — exclamou Hawkins.

— Por quê? — quis saber Yolanda.

— Bem, Sua Graça disse-me claramente, antes de sair, que almoçaria com mademoiselle. Mas eu vim apenas avisar que é impossível que ele almoce com quem quer que seja.

— Como assim? — perguntou Yolanda, curiosa.

Hawkins hesitou e ela percebeu que se questionava se deveria responder-lhe ou não. Por fim, indagou:

— O que Sua Graça bebeu ou comeu quando estava aqui com mademoiselle?

— Eu não me encontrava no quarto — afirmou Yolanda. — Pelo que pude notar, tudo o que bebeu foi uma xícara de café que mademoiselle serviu de seu próprio bule. Eu a vi fazer isso.

Hawkins apertou os lábios.

— O que há de errado?

— É estranho... — continuou Hawkins, quase como se falasse para si mesmo. — E não sei que providências tomar.

— De quê se trata? — ela insistiu.

— Bem, madame, é uma coisa estranha. Sua Graça voltou da cavalgada parecendo muito bem disposto e contente consigo mesmo. Na verdade, há tempos não o via tão bem-humorado como nesta manhã.

— Então, o que aconteceu?

A voz dela mostrava apreensão, pois tinha o pressentimento de que o duque soubera de más notícias.

— Voltou dos aposentos de mademoiselle — continuou o valete —, jogou-se na cama e não se levantou mais!

— Na certa, ele deseja dormir! — exclamou Yolanda.

— Nestes quinze anos que estou a serviço de Sua Graça, nunca o vi fazer tal coisa uma só vez. Além disso, está pálido como um cadáver e, embora eu o tenha chamado e mexido nele, não se manifestou!

— Que esquisito!

— Não gosto dessa situação, madame, não gosto! — falou Hawkins. — Posso cuidar de febres, dores e males de estômago! Nesses casos não encontro dificuldades, mas nunca vi Sua Graça prostrado dessa maneira. Parecia drogado!

— Drogado? — Yolanda repetiu, como um sussurro. Então, com os olhos arregalados, disse:

— Espere um minuto! Vou tentar achar uma coisa.

Voltou para o quarto, a fim de procurar a carta que entregara, pela manhã, a Gabrielle Dupré.

Olhou sob os travesseiros, onde a atriz sempre deixava suas cartas, mas não havia sinal daquela missiva misteriosa. Abriu o borrador, usado por ela para escrever a carta a monsieur Fouché, e não a encontrou.

Tentou o cesto de lixo, em vão.

Deveria estar escondida em algum lugar. Tinha certeza disso. E, se a atriz quisesse esconder algo dela, não usaria uma das gavetas onde guardava roupas, lenços ou meias de seda.

Olhou à sua volta, imaginando onde pudesse ocultar alguma coisa.

Ela tivera muito pouco tempo para esconder a carta, antes que o duque entrasse.

Talvez devesse ter enfiado a carta entre os travesseiros e roupas de cama até que ele saísse, e depois guardado em outro lugar. Yolanda abriu todas as gavetas da penteadeira, da cômoda e de um outro móvel onde estavam as roupas íntimas da atriz.

Vasculhou tudo, mas não havia sinal da carta. Continuava convicta de que estaria em algum canto do quarto.

Então, descobriu que em uma das paredes havia uma pequena estante feita de pau-rosa, trabalhada, repleta de pequenos volumes de poesia encadernados em couro.

Eram apenas decorativos, pois a atriz nunca abrira um deles desde que se instalara naquele quarto.

Como que impelida por sua intuição, ela retirou dois livros que estavam ao centro da prateleira e descobriu o que procurava!

Oculto atrás deles, encontrava-se o envelope que entregara a Gabrielle Dupré. Notou que ainda continha o mesmo volume.

Primeiro retirou a carta e, como tivesse certeza de que dizia respeito ao duque, leu-a.

Eram apenas algumas linhas, escritas com uma caligrafia tipicamente masculina:

“Dê-lhe uma dose a cada quatro horas, conforme as instruções”.

Por um momento, aquilo lhe pareceu tão incompreensível que teve que reler a mensagem.

Viu então, num canto do envelope, algo que parecia ser uma pequena caixa de pílulas.

Antes de abri-la, adivinhou o que continha.

Era uma droga para dormir, freqüentemente ingerida pelas damas da sociedade que tinham problemas de insônia.

Foi então que se lembrou de ter visto a atriz colocando algo na xícara de café do duque e que pensara tratar-se de açúcar.

Agora, sabia por que ele estava dormindo

!

Levando consigo a carta e a caixinha, voltou à sala-de-estar.

Hawkins não estava lá. A porta que dava para o quarto do duque se encontrava aberta.

Yolanda parou no batente e olhou para a grande cama, coberta com um cortinado de seda vermelha.

Hawkins fechara as cortinas e o quarto ficara na penumbra. Mas ela podia ver o duque claramente, com a cabeça recostada sobre o travesseiro enfeitado com rendas e o corpo estendido sobre a colcha de cetim.

Ainda vestia seu casaco e botas de montaria, parecendo um herói derrotado. Com um súbito aperto no coração, teve medo de que a atriz o tivesse matado.

Compreendeu, então, num relance, que o ministro da polícia, sem dúvida sob instruções de Bonaparte, não o queria morto e sim vivo!

Se seus países iriam entrar em guerra, que triunfo poderia ser maior para os franceses que manter como refém alguém tão importante como o duque de Ilkeston?

— Preciso salvá-lo! — resolveu Yolanda. — De alguma forma, preciso salvá-lo!

Hawkins estava ocupado no outro lado do quarto, mas aproximou-se dela.

Ambos foram para a sala-de-estar e Yolanda estendeu-lhe a carta, mantendo consigo a caixa de pílulas.

— Isto chegou esta manhã — informou ela. — Recebi instruções para entregá-lo pessoalmente a mademoiselle, sem que ninguém mais visse.

— Veio da parte de quem? — perguntou Hawkins.

— Do ministro da polícia. Ele jantou com Gabrielle anteontem.

— Monsieur Fouché! — exclamou Hawkins.

Um lampejo de preocupação surgiu em seus olhos, enquanto Hawkins lia a carta lentamente. '

— A mensagem diz que mademoiselle deve dar a ele, que presumo seja Sua Graça, algo a cada quatro horas — confirmou Hawkins.

— Exato! E isto veio junto com a carta.

Colocou a caixa de pílulas na palma da mão e Hawkins apanhou-a. Removeu a tampa, examinou as pílulas, cheirou-as e disse, em inglês:

— Diabos! Eles pensam em mantê-lo prisioneiro!

— Foi o que pensei — concordou Yolanda, com voz assustada

— Temos que partir hoje mesmo — disse Hawkins, quase murmurando.

— Hoje? — repetiu Yolanda. Hawkins assentiu com a cabeça.

— Exatamente, madame. Já tinha solicitado os cavalos, mas acho improvável que lhes dêem permissão.

— Quer dizer que os franceses não vão deixar Sua Graça partir? Sem que se desse conta, Yolanda falava agora em inglês. Hawkins confirmou.

— Fizeram o mesmo com o embaixador — disse o valete. — Quando Sua Excelência quis sair, as permissões para mudança de cavalos na posta não chegaram. Isso deu aos franceses outra chance para continuarem com as negociações.

Yolanda olhou para o valete, com medo.

— E se Sua Graça não conseguir se levantar? Além disso, se recusarem a autorizar os cavalos da posta, o duque estará aqui quando a guerra for declarada. Eles poderão mantê-lo no país, sendo ele um civil e não um soldado?

— Farão o que quiserem e quebrarão qualquer regra — explicou Hawkins. — Antes de virmos, adverti Sua Graça de que não confiasse em Bonaparte. Agora, veja o que aconteceu!

— Mademoiselle colocou a droga no café — garantiu Yolanda. — Eu a vi fazer isso, mas pensei que fosse açúcar! Ele não poderá tomar outra dose!

— Eu cuidarei disso pessoalmente, mas o mais importante agora é tirá-lo daqui!

— Como? — perguntou Yolanda.

Até agora, Hawkins conversara com ela sem problemas, demonstrando confiança. De repente, ela notou uma expressão diferente em seu rosto. Depois de uma breve pausa, Hawkins continuou:

— Não precisa preocupar-se, madame. Deixe tudo por minha conta. Fico-lhe grato por sua ajuda. Mas siga meu conselho e não se meta nesta confusão! Coloque a carta e a caixinha onde as encontrou e finja que nunca as viu em sua vida.

— Crê que pode levar o duque embora?

— Não estou prometendo nada — disse o valete. — Quanto a você, esqueça que isto

aconteceu!

— Quero ajudar — pediu Yolanda. — Insisto nisto. Além disso, precisa de mim. Posso vigiar mademoiselle e impedir que diga a mon-sieur Fouché qualquer coisa que possa ferir ou prejudicar o duque.

Hawkins estava impressionado por sua maneira de falar. Depois de um momento, teve uma idéia.

— Na verdade, preciso que você ou seu marido leve uma mensagem a uma pessoa.

— Pode confiar em nós — garantiu Yolanda. — Prometo-lhe. Hawkins a observava intensamente, como se quisesse certificar-se de que era uma pessoa confiável. Então, ela insistiu outra vez:

— Deixe-me ir buscar meu marido para que possa dizer-lhe exatamente o que quer que ele faça. Juro-lhe, por tudo o que é sagrado, que não o decepcionaremos.

— Só me resta arriscar, não é, madame?

Yolanda sentiu que ele confiava nela, sem precisar manifestar-se a respeito disso, e saiu do quarto.

Um dos lacaios do vestíbulo avisou-a que Peter estava nos estábulos.

— Pode ir buscá-lo imediatamente? — pediu. — Mademoiselle deixou algumas instruções para ele.

O criado sorriu.

— Vigie bem seu marido, madame. Mademoiselle Gabrielle Dupré sempre encontra algo para os homens de boa aparência fazerem...

Disse isso com malícia e, para não ouvir uma resposta áspera à sua observação insolente, saiu depressa.

Para Yolanda, aquela espera de alguns minutos parecia interminável, até que Peter apareceu no fim do corredor.

Yolanda correu em sua direção. E, com voz sussurrante, começou a contar-lhe o que acontecera.

Enquanto ouvia, Peter olhava para ela quase sem acreditar. Então, quando percebeu a intenção dos franceses em manter o duque cativo, lembrou:

— Se Ilkeston partir, teremos que ir com ele!

— Foi o que pensei — concordou ela. — Mas não mencionei nada a Hawkins.

— É claro que não deveria. Mas se isso significa o início da guerra, precisamos sair do país.

— E como faremos isso sem ter cavalos?

— Deixe-me falar com Hawkins — disse Peter. Seguindo pelo corredor, entrou na sala-de-estar.

Um segundo mais tarde, o valete saiu do quarto do duque.

— Ele ainda dorme? — quis saber Yolanda, considerando isso a coisa mais importante.

— Como um morto!

Para Yolanda, aquelas palavras soaram como uma punhalada. Sentiu uma dor tão intensa, como se tivesse sido realmente ferida.

Parecia-lhe impossível que pílulas tão pequenas como aquelas pudessem manter inconsciente um homem tão forte como o duque!

Temos que salvá-lo, temos que salvá-lo! gritava interiormente.

Peter conversava com Hawkins.

— Creio que tem uma mensagem para eu entregar — começou ele. — Minha esposa foi bastante esperta ao dizer aos criados que mademoiselle requeria meus serviços.

— A criadagem não deve perceber nada de anormal — respondeu o valete.

Olhou para Peter, de maneira penetrante, antes de continuar:

— Fique sabendo, Latour, que se trair Sua Graça eu o matarei antes que sejamos aprisionados.

Falava calmamente, mas mostrava-se mais imponente do que se tivesse levantado a voz ou gritado.

— Não o trairei — tranqüilizou-o Peter, como fizera Yolanda. — Temos nossas razões particulares para ajudar o duque. Mas não é hora de expô-las agora. Diga-me o que quer que eu faça.

— Quero que vá ao Quai du Louvre — falou Hawkins — e procure um homem chamado Bouvais. É um guardador de barcas.

Yolanda interveio:

— Então, é assim que pretendem fazer com que o duque saia de Paris?

Ela falava em inglês, e o valete olhou em direção à porta do corredor, como se temesse que fossem ouvidos. Yolanda tapou a boca com a mão.

— Desculpe-me! Sem dúvida, é uma idéia brilhante, já que não podemos usar cavalos.

— Continue o que estava me dizendo — pediu Peter.

— Avise a Bouvais que, tão logo escureça, ponha em prática as instruções que já recebera anteriormente. Ele é um homem inteligente e acredito que podemos confiar nele. De qualquer forma, dê-lhe algum dinheiro. É o que realmente lhe interessa.

O valete caminhou pelo quarto e retirou um maço de notas de uma das gavetas da escrivaninha, sobre a qual Yolanda vira a atriz escrevendo. Separou algumas notas e, entregando-as a Peter, disse:

— Ele sabe que outras mais lhe serão dadas, se seguir às instruções. Peter guardou o dinheiro dentro do bolso interno do paletó e respondeu:

— Partirei imediatamente. Gostaria apenas de arranjar um envelope, de forma que os criados pensem que estou levando apenas um billet-doux a um dos admiradores de mademoiselle.

Yolanda sorriu.

Sabia que Peter se engajava bem no espírito da aventura e estava até começando a gostar da intriga. Ao mesmo tempo pensou que a situação era muito grave e, com relação a eles, uma questão vital.

Hawkins colocou um pedaço de papel em branco dentro de um envelope, fechou-o e entregou-o a Peter.

— Tome cuidado! — advertiu em voz baixa. — E lembre-se de que Fouché tem

espiões por toda à parte e que você poderá ser seguido, quando deixar a casa.

— Já tinha pensado nisso — comentou Peter. — Irei cavalcando e alcançarei o Quai du Louvre através do bois. Por isso, não fique surpreso se sua mensagem levar algum tempo até chegar ao destinatário.

— Você é inteligente, Latour, mas, como sabe, eu e sua esposa estaremos esperando impacientemente!

Yolanda intuiu que, caso Hawkins tivesse qualquer desconfiança em relação a Peter quanto àquela enorme soma de dinheiro, ela permaneceria ali, assegurando não só sua honestidade, mas o retorno do irmão.

Era quase impossível que alguém suspeitasse que ela e Peter fossem espiões. Apenas Hawkins poderia imaginar isso, pois pensava que os dois eram franceses e que, portanto, deveriam ser leais ao todo-poderoso Napoleão e não à Inglaterra.

Assim que Peter deixou o quarto, Hawkins pediu:

— Agora, madame, gostaria que me ajudasse a cuidar do duque!

— Pois não! — respondeu Yolanda. — O que posso fazer?

— Primeiro, quero que traga café — disse Hawkins. — O mais forte possível! Não deixe que mais ninguém fique sabendo do estado de Sua Graça.

— É claro que não — concordou Yolanda. — Eles pensarão apenas que está tão ocupado que não pode descer pessoalmente.

— Obrigado! Estarei realmente muito ocupado e precisarei ainda mais de sua colaboração.

— Vou pedir o café — disse Yolanda, e correu para o topo das escadas.

Com um novo tom de autoridade na voz, ordenou que um dos criados do vestíbulo trouxesse, para a sala-de-estar, o que Hawkins solicitara.

Ao retornar, o valete estava tentando retirar o casaco de montaria do duque.

Era uma tarefa difícil, pois Ilkeston era muito forte e Hawkins, embora fosse troncado, era bem menor que ele.

Com a ajuda de Yolanda, conseguiu. Depois recostou Sua Graça sobre os travesseiros.

— Agora, por favor, molhe seus cabelos e sua testa com água fria — ordenou Hawkins gravemente.

Yolanda foi buscar uma bacia e, removendo o duque para o canto da cama, conseguiu mergulhar todo o seu rosto na água.

Enquanto se ocupavam do duque, ouviram alguém entrar na sala-de-estar. Hawkins rapidamente deixou-a a sós, dirigindo-se para a porta e trancando-a.

Yolanda recostou de novo a cabeça do duque sobre os travesseiros e começou a enxugar seu rosto. Visto assim tão de perto, parecia-lhe ainda mais bonito. De olhos fechados, ele aparentava ser mais jovem e menos amedrontador.

No entanto, notou que as indisfarçáveis marcas que expressavam seu cinismo desciam do nariz aos lábios. Ela se perguntou naquele momento por que ele seria tão desiludido e por que não era feliz com tudo o que tinha.

Ao observá-lo melhor, percebeu que todos os nervos de seu corpo se esforçavam

para que ele voltasse a si.

— Você tem que ficar firme... Você precisa! — dizia, murmurando. — E, mais que tudo, é necessário voltar à Inglaterra, onde terá muito o que fazer. Não pode ser obrigado a ficar aqui, humilhado, como prisioneiro de nossos inimigos!

Ao dirigir-se a ele, desejava que o duque lhe respondesse. Mas ele ainda estava inconsciente, respirava profunda e irregularmente, como uma pessoa drogada.

— Meu Deus, por favor, salve-o! — rezava Yolanda. — Salve-o... precisa ajudá-lo!

O valete voltou, trazendo uma bandeja.

— Vamos dar-lhe o café — ele sugeriu.

Falava com voz normal, que a tranqüilizou um pouco.

Na companhia dele, agira de modo tão prático que teve a certeza de que seriam bem-sucedidos, e de que o duque não só se recobriria como também estaria a salvo.

— Vou despejar café preto em sua boca com a colher — falou Hawkins. — Poderia segurar-lhe a cabeça enquanto tento fazer isso?

Ele colocou uma toalha limpa sob o queixo do duque para proteger-lhe a roupa. Então, cuidadosamente, despejou apenas uma ou duas colheres de café entre os lábios dele.

Não era fácil. Após cinco ou dez minutos, Yolanda percebeu que tinham progredido muito pouco na tarefa, para alcançarem algum resultado positivo.

Hawkins sentia o mesmo e olhou para o relógio.

— Talvez a melhor coisa seja esperar que às quatro horas passem normalmente — disse ele.

— Mas mademoiselle voltará — observou Yolanda, apavorada.

— E tentará convencê-lo a beber — disse Hawkins. — Agora, não há outra forma de ela ministrar-lhe outra dose.

— Vamos tentar um pouco de brandy — sugeriu Yolanda. — Temos que acordá-lo e avisá-lo sobre o que está acontecendo.

Tentaram incansavelmente. Mas três horas se passaram antes que o duque, sem abrir os olhos, começasse a mexer os lábios.

Como se sentisse a presença alarmada deles, abriu a boca ligeiramente, apenas o suficiente para que Hawkins conseguisse despejar uma colherinha de brandy.

Ela colocou suas mãos sob o queixo do duque e, assim, ele engoliu o gole de bebida. Tentaram novamente.

Três horas e meia haviam decorrido até que ele conseguisse beber mais e produzir um inarticulado murmúrio.

— Ele está voltando a si! — disse Yolanda. Cinco minutos depois, o duque abriu os olhos.

Yolanda estava curvada sobre ele. Ao olhar para ela, não a reconheceu. Imaginou, então, embora não tivesse certeza, que ele sussurrava seu nome.

Hawkins aproveitou a oportunidade e colocou outra colherada de brandy em sua boca.

Ele engoliu e, com voz sonolenta, perguntou:

— O que... aconteceu? Por que você está aqui?

— Acorde! Por favor, acorde! — implorou Yolanda. — É importante! O senhor foi drogado!

Os olhos do duque se fecharam de novo, como se fosse um esforço muito grande mantê-los abertos. Depois, abriu-os novamente e falou, com uma voz um pouco mais firme:

— Drogado? Você disse drogado?

— Sim — respondeu Yolanda. — Está em perigo! Acorde!

Mais dez minutos se passou até que conseguissem recostá-lo sobre os travesseiros. O valete foi buscar mais um pouco de café.

O duque sentou-se na cama, com uma expressão cansada no olhar. Tentava fixar-se em Yolanda, como se ainda achasse incompreensível aquela situação. Sabia apenas que podia vê-la.

— Tente entender — disse suavemente Yolanda. — Os franceses querem mantê-lo prisioneiro aqui, como refém... E o senhor tem que escapar imediatamente.

O duque não respondeu. Pela expressão de seus olhos, parecia que começava a pensar mais claramente.

Hawkins voltou com o café. Segurando sua mão para que não derramasse a xícara, Yolanda ajudou o duque a beber.

Tomou tudo, demorando para engolir a bebida, por estar muito quente. Então, Hawkins encheu-a novamente.

Yolanda olhou para o relógio.

— Ouça — disse ela. — A qualquer momento, mademoiselle Dupré voltará para dar-lhe à segunda dose. Precisa fingir que ainda está inconsciente. Na verdade, ela deve convencer-se de que é impossível que o senhor tome qualquer coisa a mais, nesse momento. Mas tenha em mente que ela continuará tentando!

— É necessário que aja assim — interveio Hawkins. — Qualquer coisa que aconteça, os franceses não podem saber que está desperto e a par de todo o esquema.

— Você tem razão, Hawkins — respondeu, com dificuldade, o duque. — Fingirei estar inconsciente. Quanto a você, deve manter mademoiselle o mais longe possível. Disse a Bouvais que vamos precisar dele?

— Latour ficou encarregado disso, Vossa Graça — respondeu o valete. — Confiei nele. Não podia deixá-lo sozinho aqui!

— Latour? — perguntou o duque após um momento, como se não conseguisse se lembrar de quem se tratava.

Então, olhou para Yolanda e sua memória funcionou.

— Pode confiar em Pierre — confirmou Yolanda.

— Como estou confiando em você — respondeu o duque, com um sorriso débil.

— Sabe que pode.

— Beba mais café, Vossa Graça — insistiu Hawkins. — Quero retirar tudo daqui. Não desejo que mademoiselle suspeite que tentamos acordá-lo.

— Não, é claro que não — concordou o duque.

Bebeu o que restava na xícara. Colocando-a sobre a bandeja, o valete levou-a para fora do quarto. O duque olhou para Yolanda.

— Obrigado — disse ele. Não sei por que está me ajudando, mas sou-lhe eternamente grato!

— Tenho... algo a lhe pedir — falou Yolanda.

Ela não sabia se aquele era o momento adequado, mas estava a sós com o duque e poderia ser que não houvesse outra oportunidade.

— O que é? — perguntou ele.

— Quando voltar para a Inglaterra... ou para onde quer que vá, permita, por favor, que eu e Peter sigamos juntos!

Viu a expressão de surpresa estampada no olhar do duque e confessou, rapidamente:

— Somos ingleses! Se ficarmos aqui... Peter será forçado a lutar contra seu próprio país! Por favor... por favor, diga que nos levará junto!

CAPÍTULO VI

Por um momento, o duque ficou pasmado, como se não tivesse entendido o que Yolanda lhe pedira, em tom de súplica. Então, sorrindo levemente, tentou falar:

— Eu lhe disse... que havia algo que estava me escondendo!

— Não tenho tempo para lhe explicar tudo agora — afirmou Yolanda — mas... por favor, deixe-nos seguir com o senhor!

— Talvez corram mais riscos comigo — ponderou o duque — do que se partirem por conta própria.

— Por favor, por favor! — implorou Yolanda. Diante do desespero dela, concordou:

— Está bem. Nós nos salvaremos ou fracassaremos... juntos! O rosto de Yolanda se reavivou.

— Obrigada... muito obrigada!

Nesse instante, viu que Hawkins voltava para o quarto.

— Há uma carruagem chegando — informou ele em voz baixa. — Deite-se, Vossa Graça, e finja estar inconsciente. Ela pensará que lhe deu uma dose muito forte.

O duque ajeitou-se na cama para fazer o que Hawkins sugeria e Yolanda saiu do aposento.

Foi ao quarto de mademoiselle, certificar-se de que a porta de vidro da estante estava fechada.

Não havia razão, pensou ela, para que Gabrielle Dupré suspeitasse que seu plano maligno, seguramente idealizado pelo ministro da polícia, tivesse sido descoberto por alguém tão sem importância quanto uma criada.

Yolanda permaneceu no quarto e ouviu a atriz caminhando pelo corredor.

A porta abriu-se e mademoiselle entrou. Como sempre, estava muito bonita, ostentando sua imagem teatral. Yolanda sentia que seu fascínio pela figura extravagante da atriz tinha desaparecido totalmente.

Agora, não somente odiava a francesa como também tinha medo dela.

Era terrível pensar que ela traía o duque, depois de toda a generosidade que ele lhe demonstrara. Além disso, conspirara para mandá-lo para a prisão, a fim de servir como “armadilha” para Bonaparte.

Gabrielle entregou a Yolanda as luvas e a bolsa de mão. Então, começou a tirar o chapéu..

— Aconteceu alguma coisa por aqui, enquanto estive fora? — perguntou ela.

Estava tentando falar naturalmente, mas sua voz parecia impostada demais.

— Não, mademoiselle — respondeu Yolanda. — Hoje não lhe enviaram nenhum buquê de flores, nem cartas, a não ser aquela que chegou pela manhã.

Gabrielle Dupré não respondeu.

Sentada à frente do espelho, olhava sua imagem, virando o rosto de um lado para

outro, apreciando sua própria beleza.

Como não pudesse mais agüentar o suspense, quis saber mais detalhes.

— Monseigneur está em casa?

— Não tenho idéia, mademoiselle — afirmou Yolanda. — Quer que eu vá perguntar?

A atriz hesitou por um momento, mas logo recompôs-se:

— Eu mesma irei verificar.

Levantou-se da banquetta onde estava sentada. Entregou seu chapéu a Yolanda e atravessou o quarto, abrindo a porta da sala-de-estar.

O aposento estava vazio e ela vacilou um instante, antes de virar a maçaneta da porta do quarto do duque.

Yolanda caminhou silenciosamente atrás dela, de modo que pudesse ver e ouvir o que acontecia, sem ser notada.

Imaginou que Gabrielle Dupré pensasse encontrar o duque a sós, mas encontrou Hawkins, que apareceu quase sem ser notado.

— Oh, você está aí! — exclamou ela.

— Sim, mademoiselle.

— Monseigneur está doente? Por que está deitado a esta hora do dia? Hawkins postou-se de maneira a obrigá-la a voltar para a sala-de-estar.

Fechou a porta do quarto do duque.

— Monseigneur não está bem, mademoiselle!

— Não está bem? — repetiu com ênfase Gabrielle Dupré, demonstrando uma surpresa simulada. — O que há de errado com ele?

— Creio, mademoiselle, que está cansado demais! — respondeu Hawkins. — Assim, vou deixá-lo dormir mais um pouco.

— Parece-me estranho — disse a atriz. — Gostaria de vê-lo.

— É uma pena acordá-lo, mademoiselle.

— Tem certeza de que ele está dormindo?

— Como um morto, mademoiselle. Deve ter tido uma péssima noite, ontem...

A voz de Hawkins revelava um leve toque de irreverência.

— Penso que talvez seja uma boa idéia — concordou ela, após uma pausa. — Quem sabe ele se reanime com uma xícara de café? Vou mandar minha criada providenciar isso. Eu e o duque tomaremos café a sós.

— Pois não, mademoiselle — assentiu Hawkins.

Yolanda mal teve tempo de sair detrás da porta, quando a atriz voltou para o quarto.

— Mande buscar café para dois, a ser servido na sala-de-estar imediatamente — ordenou ela.

— E quero vestir um negligé.

Yolanda sabia que aquilo era um pretexto para que ela saísse do quarto, para que mademoiselle pudesse retirar a droga da estante.

Ela pediu o café, imaginando como Hawkins iria impedir que o duque ingerisse a pílula novamente.

Ao voltar para o quarto, teve uma idéia. Apanhou, então, uma xícara extra que

estava sobre a mesa de fora e abriu a porta da sala-de-estar.

Quando Hawkins apareceu, ela lhe mostrou a xícara, escondendo-a, a seguir, atrás de um vaso de porcelana.

Não precisou dizer nada, pois ele captou seu raciocínio. Yolanda saiu, sem dizer uma palavra, e voltou para o quarto de mademoiselle.

Cinco minutos mais tarde, o café chegava à sala-de-estar. Gabrielle Dupré, usando um negligé de chiffon azul, transparente, dirigiu-se à mesa em frente ao sofá, onde o bule fora colocado.

Apanhou duas xícaras, sem saber que a criada a observava, através da minúscula fenda da porta.

Yolanda teve a impressão de que o valete fazia o mesmo. Ambos não queriam perder a oportunidade de saber em que xícara Gabrielle Dupré colocaria a droga que trazia escondida na mão.

Quando ela finalmente colocou a pílula na xícara à direita do bule, Yolanda teve a certeza de que não era a primeira vez que ela drogava um homem.

Talvez tivesse agido assim no passado, quando queria tirar dinheiro de um de seus admiradores.

A atriz levantou-se e abriu a porta que conduzia ao quarto do duque.

Hawkins ficou a postos, ao lado da cabeceira da cama.

– Como está o duque? – quis saber Gabrielle.

– Creio que está acabando de acordar, mademoiselle.

– Ótimo! – comentou a atriz. – Preciso muito conversar com ele. O duque, como se esperasse o momento oportuno, mexeu-se e bocejou.

– Estou... terrivelmente... cansado – disse ele, com voz profunda.

– Mon pauvre, os prazeres de Paris também podem ser muito exaustivos!

O duque bocejou novamente. : – Onde... você... esteve?

– É o que quero lhe contar!

– Também estou... exausto!

– O que você precisa, mon cher – recomendou Gabrielle Dupré – é de uma boa xícara de café. Vou apanhar uma para você e então conversaremos. Eu o farei dar boas gargalhadas!

– Deseja que eu traga o café, mademoiselle? – perguntou Hawkins.

– Não, eu mesma o farei! – insistiu Gabrielle Dupré. – Veja se consegue fazer com que seu patrão se sente. Será mais fácil para ele tomar o café!

Dirigiu-se, então à sala-de-estar, sem saber que Yolanda entrara ali furtivamente e retirara a xícara com a droga da bandeja, substituindo-a pela outra que deixara escondida atrás do vaso de porcelana.

Ficara inquieta ao fazer aquilo, pois sabia o risco de ser descoberta.

Mas tinha certeza de que Hawkins adivinharia seus movimentos. Se a atriz não tivesse se detido para conversar um pouco com o duque, ele teria feito qualquer coisa para impedi-la de ver o que estava acontecendo na saleta ao lado.

Com uma das xícaras contendo a droga, entrou no quarto.

Ia jogar fora o conteúdo, quando teve outra idéia.

Escondeu-a e saiu do quarto, o mais rapidamente possível, em direção às escadas.

— Mademoiselle disse — gritou para o criado lá embaixo — que não há café suficiente. Ela precisa de outro bule, imediatamente, em seu quarto.

O criado fez um gesto de impaciência com as mãos.

— Reclamações, sempre reclamações! — resmungou ele.

— Rápido, ou ficará em apuros!

Ele desapareceu em direção à cozinha e Yolanda voltou ao quarto, rezando para que não se demorasse.

Podia ouvir mademoiselle falando com o duque, num tom dissimulado. E, ao escutar a porta da sala-de-estar fechar-se, percebeu que Hawkins os deixara a sós.

Ele espiou dentro do quarto.

— Você trocou as xícaras? Yolanda assentiu com a cabeça.

— Sabia que o faria.

— Tive outra idéia.

Yolanda contou-lhe do que se tratava e Hawkins sorriu.

— Estava certo em confiar em você!

— As coisas podem não dar certo — afirmou, desapontada. — Pierre já deve ter voltado. Não podemos esperar que ele suba até aqui! Por que não tenta encontrá-lo?

O valete saiu rapidamente, sem fazer nenhum comentário. Yolanda continuou à espera, querendo ouvir o que mademoiselle conversava com Sua Graça.

Seria compreensível que agisse assim, considerando que a segurança dele estava em jogo. Ao mesmo tempo, achava que o duque poderia se ressentir com o fato de ela estar espionando.

Por motivo de ética, decidiu aguardar, sentindo-se tensa e apavorada.

E se mademoiselle, para garantir o resultado da operação, tivesse colocado mais pílulas? Nesse caso, o duque ficaria inconsciente por mais quatro horas e esse tempo poderia ser fatal para todos eles.

Yolanda pôs-se a rezar.

— Por favor, meu Deus, deixe-nos partir... Ajude-nos! Ele não pode ficar aqui, assim como eu e Peter também não.

Uma batida à porta deixou-a mais nervosa, até que se deu conta de que era o criado trazendo o café que pedira.

Apanhou a bandeja, colocou-a sobre uma mesa junto à cama da atriz e trocou a xícara vazia por aquela que continha a droga.

Justamente no momento em que acabava de esconder a xícara substituída atrás do vaso de porcelana, a atriz entrou no quarto.

Sorria e parecia feliz consigo mesma.

Como sempre, caminhou em direção à penteadeira.

— Eles mandaram duas bandejas de café por engano, mademoiselle — explicou Yolanda. — Mas considere que pudesse querer outra xícara e, assim, não a dispensei.

Com certeza, a atriz estivera tão preocupada em fazer com que o duque bebesse o

café que não tivera tempo de tomar o seu.

— Acertou! — concordou Gabrielle Dupré, demonstrando alegria.

— Espero que esteja quente!

Yolanda já enchera a xícara com o café recém-vindo da cozinha, que ainda permanecia quente.

Colocou-o sobre a penteadeira, ao lado da atriz, rezando para que ela bebesse o líquido naquele instante.

— Precisa repousar, mademoiselle — sugeriu ela, solicitamente. — Seu almoço foi divertido?

— Muito divertido — confirmou mademoiselle. — Recebi muitos elogios. Não há ninguém como o parisiense para fazer uma mulher se sentir satisfeita.

— É verdade!

Quando a atriz apanhou a xícara, Yolanda prendeu a respiração.

— Fui convidada para um jantar, hoje à noite, no qual terei que estar fulgurante como uma estrela.

— Mademoiselle sempre está esplendorosa — enfatizou Yolanda. — Mas se vai a um jantar de gala, deve repousar.

— Tem razão — concordou a atriz.

Tomou um gole do café, olhando para seu reflexo no espelho.

— Acho — disse ela, murmurando — que, hoje à noite, terei muito que comemorar.

Yolanda não falou nada, para não desviar sua atenção. A atriz tomou outro gole, e mais outro.

Em seguida engoliu o resto e, então, abriu os braços.

— Sou muito inteligente — reconheceu ela. — Não apenas bonita, mas esperta e inteligente. Napoleão Bonaparte certamente terá que reconhecer isso!

Yolanda compreendeu exatamente por que ela fizera a trama com Fouché, contra o duque.

Desejava a aceitação social e, mais que isso, ser admirada pelo primeiro cônsul, podendo assim ser recebida por sua esposa, Josephine.

Sua atitude, apesar de desleal, era ao mesmo tempo compreensível.

A atriz levantou-se e dirigiu-se à cama.

Ao alcançá-la, abriu a boca de repente, num grande bocejo, que parecia vir das profundezas de seu estômago.

— Mon Dieu! — exclamou ela. — Como estou cansada!

Antes que pudesse falar mais alguma coisa, caiu pesadamente sobre os travesseiros.

Yolanda arrumou seus pés sobre a cama e descalçou-lhe os chinelos. Mademoiselle estava agora tão inconsciente quanto o duque, minutos atrás.

Saiu então apressada do quarto, atravessou a sala-de-estar e bateu à porta do duque.

Ouviu-o responder: “Entre” e, ao fazê-lo, deparou não só com Hawkins, mas também com Peter!

— Mademoiselle desmaiou! — informou ela. — Temos agora quatro horas para ajeitar tudo!

— Foi idéia sua, Hawkins? — perguntou o duque.

— Não, Vossa Graça, foi um plano inteiramente criado e executado por madame. A mim coube apenas tomar providências para que o senhor não fosse drogado pela segunda vez, hoje.

O olhar do duque fixou-se por um instante em Yolanda, antes que prosseguisse:

— Temos duas horas para alcançar o rio até o lugar onde Latour nos disse que Bouvais estará esperando.

— Ele garantiu que um barco estaria nos aguardando lá — observou Peter.

O duque franziu a testa, ao reconhecer:

— A única dificuldade é sair daqui sem ser visto. Posso estar enganado, mas tenho a impressão de que os homens de Fouché já estão vigiando, à frente da casa.

— É o que temo, Vossa Graça! — concordou rapidamente Hawkins.

— Deve haver uma maneira de sair pelos jardins! — sugeriu Yolanda.

— Tem razão! — exclamou o duque. — Mas é provável que o portão esteja trancado.

— Vou lhe explicar o que posso fazer nesse caso, Vossa Graça — interveio Peter. — Posso dirigir-me a quem tem a chave sob sua guarda e inventar que estarei de serviço hoje à noite, mas mesmo assim quero sair para me encontrar com uma mulher.

Fez uma pausa, para continuar, um pouco embaraçado:

— Eles costumam brincar comigo lá embaixo, por causa das minhas conquistas. Por isso, compreenderão quando eu disser que tenho um encontro secreto. Direi ainda que estarei me arriscando, caso o chefe dos cavaleiros descubra que não estou nos estábulos, como deveria.

— Sem dúvida, uma ótima idéia! — concordou rapidamente o duque. — Tem certeza de que poderá se sair bem dessa?

Peter assentiu com a cabeça e o duque disse:

— Muito bem. Sairemos às seis horas. Não devemos levar nada, a não ser o que pudermos carregar em nossos bolsos ou nos ombros. Transportar bagagem poderia chamar a atenção.

Olhou para Yolanda, enquanto falava, e continuou:

— Uma vez longe da casa, madame e eu seguiremos por entre as árvores que levam até as margens do rio. Não devemos demonstrar que sabemos que Hawkins e você, Latour, estão nos seguindo à pequena distância. Não podemos demonstrar que existe qualquer ligação entre nós.

— Entendo, Vossa Graça — observou o valete.

— Quando, finalmente, avistarmos o barco, devemos todos nos apressar.

Quando o duque parou de falar, Peter observou:

— Tentarei agora conseguir a chave do portão do jardim, Vossa Graça. Informo-o também que levarei comigo a pistola que sempre carrego como batedor, e, além disso, uma faca, que os franceses consideram uma arma útil e silenciosa, para ser usada em brigas de rua.

— Oh, não! — exclamou Yolanda, mas ninguém pareceu ouvir. Peter saiu do quarto e Hawkins o seguiu. Ela e o duque permaneceram a sós.

Yolanda olhou-o atentamente e perguntou, com uma voz sussurrante:

— O senhor está bem?

— Tudo certo comigo. Obrigado!

Não havia necessidade de dizer mais nada. Quando seus olhos ficaram quase hipnotizados pelos do duque por um longo tempo, Yolanda sentiu que o perigo se tornava cada vez mais iminente.

Com um impulso para livrar-se da situação, virou a costa e saiu, deixando-o sozinho.

No cais, misturavam-se sons variados de rangidos de velas sendo içadas, de pessoas que se movimentavam apressadas, de vozes gritando ordens e das ondas batendo contra a madeira da barça.

Sentada na cabina desarrumada e abafada, Yolanda percebia que também o duque prestava profunda atenção ao que estava se passando lá fora.

Enquanto desciam rio abaixo em direção ao Quai du Louvre, em um pequeno bote que parecia querer afundar na água com o peso, ela imaginava que, a qualquer momento, poderiam ouvir gritos que significavam terem sido descobertos.

Nenhuma experiência tinha sido mais aterradora do que a saída deles de casa. Com Hawkins à frente, tinham descido as escadas do fundo e atravessado a porta que conduzia ao jardim.

Tiveram que movimentar-se rapidamente, ocultando-se atrás das moitas e das árvores, até a porta do jardim.

Peter trazia a chave. E, quando atravessaram a porta, um a um, olharam todos para os lados e através das árvores, temendo que os homens de Fouché estivessem a postos para capturá-los.

Contudo, saíram-se muito bem. E, como o duque planejava, ele e Yolanda seguiram à frente, como um casal que não estivesse preocupado com outra coisa a não ser com eles próprios.

Peter e Hawkins caminhavam atrás, mantendo uma discreta distância do par.

De propósito, o duque andava em ziguezague, sem usar a trilha existente. Caminhava pela grama, disfarçando a fuga, a observar, descontraidamente, alguma flor silvestre.

Yolanda não conseguia falar. Se tivesse realmente saído para um passeio com o duque, sentiria o mesmo encantamento da noite anterior.

Mas, agora, cada nervo de seu corpo estava tenso de pavor, ainda que seu sexto sentido a tranquilizasse um pouco, dizendo-lhe que tudo correria bem.

Ela e Peter realmente tiveram muita sorte, ao encontrar Ilkeston em Calais e em serem contratados para servi-lo.

Não podia acreditar que agora, no último momento, suas esperanças de liberdade pudessem desmoronar e tivessem que voltar para casa sem ter consertado a situação de Peter; ou talvez para a prisão, por intermédio dos homens de Fouché.

Avistaram, então, a barça, que nada mais era do que uma embarcação criada no final do século passado.

Seu pai sempre se mostrara interessado nos canais construídos na Inglaterra pelo

segundo duque de Buckingham. Frequentemente, falava a respeito das barcas, com seus arcos pontudos e sua popa diferente.

Nos rios rasos e nos canais, as barcas eram propelidas por mastros, mas, em águas mais profundas, como as do Sena, usavam-se velas.

Ergueu a cabeça, para certificar-se de que haveria vento suficiente para mantê-los em movimento. Temia que, em virtude do calor, à noite, pudesse haver calma.

No entanto, não havia tempo para muitos devaneios e considerações. Um dos marinheiros de Bouvais tinha sido encarregado de apanhá-los com um bote. Quando subiram a bordo da embarcação, um homem forte, que deveria ser o próprio Bouvais, conduziu Yolanda e o duque para baixo do tombadilho.

— Não previa, monseigneur, que traria uma dama — comentou Bouvais, quando já estavam dentro da cabina, cujo teto era tão baixo que o duque não conseguia ficar totalmente ereto.

— Se conseguir levar a todos em segurança até Havre — negociou o duque — pretendo triplicar o que já concordou em receber por nossa travessia.

Não havia dúvida de que Bouvais mostrava-se satisfeito. Por outro lado, havia um sinal de apreensão em sua voz, quando respondeu:

— Sempre encontro explicações plausíveis para um homem a mais que viaja comigo, quando os oficiais da alfândega sobem a bordo. Mas como justificar-lhes a presença de uma mulher?

Yolanda suspirou.

Perguntou-se se deveria se oferecer para ficar. Mas sabia que, se o fizesse, Peter permaneceria a seu lado e não seguiria viagem.

Como se tivesse adivinhado seus pensamentos, o duque respondeu imediatamente:

— Acreditamos que possa levar-nos com segurança e prometo-lhe que serei muito generoso se tiver sucesso.

— Se ninguém vier bisbilhotar a bordo — insistiu Bouvais — os outros dois passarão sem problemas. Mas com o senhor é diferente. Vou mostrar-lhe onde deve esconder-se com a senhora em um caso desses.

Colocou de lado algumas cordas e bugigangas jogadas no chão e abriu o que parecia ser a parede lateral da própria cabina.

Viram, então, um pequeno armário embutido, vazio, no qual havia um pequeno assento de madeira fixado na parede.

— Um excelente esconderijo — observou o duque, secamente, — Suponho ter sido bastante usado anteriormente.

O francês sorriu.

— Tenho transportado cargas preciosas, monseigneur, que dariam grande prazer aos oficiais, se fossem confiscadas. Mas até hoje nunca caí nas mãos deles!

— Então espero que não sejamos uma exceção! — comentou o duque.

A barca movimentou-se, como se tivesse sido empurrada pelo vento. Bouvais, sem dizer mais nada, saiu da cabina e eles puderam ouvir seus pesados passos acima de suas cabeças, no tombadilho.

Yolanda sentou-se em um tosco banco de madeira, à frente de uma mesa fixada ao chão.

A cabina estava repleta dos mais estranhos objetos, a maioria dos quais jogados sobre bancos, em grande desordem.

Havia velas extras, barris de vinho, almofadas, mantas sujas e o que ela supôs serem estreitos colchões de palha, que poderiam ser usados para dormir.

O duque seguiu seu olhar, dizendo com os lábios tensos:

— Temos sorte por ser verão. A maioria da tripulação contentar-se-á em dormir no convés. Se estivesse frio, viriam ficar aqui conosco.

Explicava isso sem demonstrar nenhum desânimo, mas como se tudo aquilo fosse muito divertido. Quando Yolanda o encarou, percebeu que, desde que tinham deixado a casa, seu habitual ar de preguiça havia desaparecido, e ele não falava mais de modo arrastado.

Ao contrário, conversava rápida e autoritariamente e movimentava-se da mesma forma.

Um certo brilho surgiu em seu rosto, revelando que o perigo daquela aventura mais o excitava que amedrontava.

Tornava-se difícil enxergar claramente na cabina. As portinholas estavam empoeiradas por dentro e sujas por detritos marinhos por fora. Além disso, já estava escuro.

O duque sentara-se também no banco de madeira e observava por uma portinhola, enquanto o barco começava a se mover.

— Muito bom... excelente! — considerou ele. — Ao escolher Bouvais, pressenti que era um homem digno de confiança.

— Esperava que... isto acontecesse? — perguntou Yolanda.

— Ao chegar a Paris, acreditei a princípio que não encontraria dificuldades para voltar — respondeu o duque. — Então, quando lorde Withworth, o embaixador britânico, disse-me que sofrerá obstáculos ao tentar conseguir cavalos para deixar a cidade, percebi que deveria encontrar outros meios que me possibilitassem uma partida de emergência.

— Se tinha noção de que as coisas iam se complicar assim, por quê não partiu antes? — quis saber Yolanda.

O duque não respondeu de imediato. A moça achou que ele estava escolhendo as palavras, em vez de confiar-lhe a verdade.

— Desculpe-me... — justificou-se ela. — Não queria fazer-lhe perguntas embaraçosas!

— Não são realmente embaraçosas — explicou o duque. — Estou apenas sendo cuidadoso, caso venhamos a ser interrogados. Os métodos de Fouché não são muito civilizados!

Yolanda mostrou-se apreensiva.

— Não podemos ser apanhados! Precisamos sair daqui! Sua presença é necessária na Inglaterra!

Ao falar, percebeu que não poderia dizer o mesmo de si própria e muito menos de

Peter.

Se escapassem de Paris, ainda teriam que resolver esse assunto. Onde se esconderiam agora?

Talvez a Irlanda fosse uma solução. Com um aperto no coração, pensou que, para onde quer que fossem, teriam que pedir dinheiro emprestado ao duque. Teriam também que lhe contar a verdade. E talvez ele ficasse horrorizado ao saber que seu irmão matara alguém tão importante quanto o marquês de Ramsbury!

Considerou ainda a possibilidade de que o marquês fosse amigo íntimo do duque. Isso significava que seu comportamento em relação a eles mudaria!

Não podemos lhe contar, cogitou rapidamente. Seria um terrível erro! terrível erro!

— O que a está preocupando? — indagou o duque.

Nesse momento, um gesto brusco da embarcação fez com que ficasse mais fácil, para Yolanda, desviar o olhar para cima e demonstrar que estava apreensiva.

— Estou com medo...

— Sei disso — continuou ele — mas há alguma coisa mais. Tive certeza disso desde aquela noite quando lhe pedi que dissesse a verdade sobre você. Seguramente, agora não há mais necessidade de manter mistério, não é mesmo?

— Suponho que... não — disse Yolanda, calmamente. — Mas ainda não posso contar-lhe... não neste momento!

O duque sorriu.

— É claro que não. Cada coisa no seu devido tempo!

Devia soprar uma brisa. Agora, o barco estava no meio do rio, movimentando-se agilmente. As velas pareciam contar com vento suficiente para que a barça continuasse a travessia.

Quando embarcaram, Yolanda vira que a barça estava carregada com toras de madeira.

Transportando uma carga comum, concluiu ela, não chamariam atenção, pois madeira era um material solicitado em qualquer lugar. Principalmente agora, quando se comentava que grande quantidade de navios estava sendo construída no norte, para uma invasão à Inglaterra.

À medida que o barco descia o rio, ela sentia uma súbita sensação de alegria.

Afinal, já tinham conseguido bons resultados. Ela e Hawkins haviam salvo o duque das drogas que Fouché lhe prescrevera, tinham escapado da casa e agora viajavam de volta ao lar.

Imaginou, então, quanto tempo levariam para descobrir que tinham partido.

Provavelmente, muito tempo. Primeiro, porque ninguém iria perturbar mademoiselle. Segundo, porque nenhum dos criados entrava no quarto do duque, a não ser Hawkins.

Com alguma sorte, ficariam sabendo somente na hora do café da manhã, quando o mordomo, inquieto por não ter recebido nenhuma ordem dos apartamentos do duque, se dispusesse a investigar pessoalmente o que acontecia.

Nesse momento, já estaremos bem longe, pensou, esperançosa, mesmo sentindo um

pequeno arrepio de temor.

De repente, o duque estendeu-lhe a mão.

— Ainda está com medo?

— É claro que sim! Com muito medo... apavorada!

Colocou, então, sua mão sob a dele, e sentiu os dedos do duque apertarem os seus.

— Agora, diga-me a verdade — pediu ele, calmamente.

Yolanda sentiu uma estranha excitação tomando conta de si. Mas, antes que pudesse analisar isso, antes que pudesse entregar-se àquela emoção que lhe percorria o corpo, ouviu o barulho de passos pesados e a porta da cabina foi aberta.

— Há um barco da alfândega vindo em nossa direção — avisou Bouvais secamente.

— Penso que seja uma inspeção de rotina, mas não devem ser vistos!

— Sim, naturalmente! — disse o duque com calma. Largou a mão de Yolanda. Bouvais começou a retirar as coisas que escondiam o armário secreto.

Assim que a porta se abriu, o duque fez um pequeno gesto de cortesia e Yolanda entrou dentro do armário, sendo seguida por ele.

A porta foi fechada e eles ouviram Bouvais empilhando as coisas contra ela.

Na completa escuridão, ouviam som de passos e vozes sobre suas cabeças.

Por um momento, Yolanda ficou imóvel. Depois sentiu o braço do duque a sua volta e, com um pequeno gesto impulsivo, voltou sua cabeça e escondeu o rosto nos ombros dele.

— Está tudo bem — tranqüilizou-a o duque. — Os oficiais nunca descobriram este esconderijo antes. Não há razão para que isso aconteça agora.

— Mas... estou apavorada!

— Eu sei.

— Estou... rezando — murmurou ela —, rezando desesperadamente para que o senhor consiga escapar.

— Está rezando por mim?

— Sim, esta manhã, enquanto estava inconsciente, pensei que não agüentaria ver os franceses capturando-o!

Quando o braço do duque a apertou mais, ouviram novas vozes e perceberam que o barco da alfândega estava ao lado do deles.

Dois homens faziam perguntas, que eram respondidas por Bouvais.

Era impossível ouvir exatamente o que diziam. Atenta, embora tensa, Yolanda percebeu que se tratava de uma inspeção de rotina.

Continuaram conversando por muito tempo, até que, finalmente, a voz de Bouvais soou muito clara: — Au revoir, messieurs! Au revoir!

Quando Yolanda tomou consciência de que tinha prendido a respiração por muitos minutos, soltou-se aliviada nos braços do duque.

Ergueu o rosto do ombro dele e murmurou:

— Eles... partiram! Foram embora!

Neste instante os lábios do duque uniram-se aos dela.

Yolanda permaneceu quieta, surpresa e um tanto chocada.

Mas, à medida que o duque a abraçava com mais força e seus lábios se tornavam mais possessivos, ela sentiu, como da vez anterior, que uma forte vibração tomava conta de todo o seu ser.

Agora, o contato era mais intenso, mais emocionante, e mais maravilhoso do que tudo o que pudesse imaginar!

Sentia-se envolvida por um calor mágico, que dominava seu coração. Com seus beijos ardentes, ele provocava uma união profunda entre eles, como se estivessem fundidos num só ser.

Quando ele a apertou ainda mais, ela achou que aquilo era o paraíso. Seus beijos pareciam iluminar tudo, enquanto um som angelical penetrava em seus ouvidos.

Isso era amor, o que ela sempre procurara sem jamais ter encontrado. Era o que sempre havia acalentado em seus sonhos. Só agora sabia que aquele sentimento existia realmente.

Não podia explicar a si mesma como se apaixonara tão rápida e inesperadamente. Mas não duvidava um instante sequer de que o que sentia era o verdadeiro amor. E tão completo que era sagrado e fazia parte do ser divino.

— Eu... o amo!

Primeiro disse essas palavras somente para si mesma. Porém quando o duque ergueu sua cabeça, elas foram pronunciadas instintivamente por seus lábios.

Ficou surpresa ao ouvi-las, como se saíssem da boca de outra pessoa.

O duque não respondeu. Apertava-a e beijava-a mais apaixonadamente ainda, como se sentisse medo de tê-la perdido naquele momento de perigo pelo qual acabavam de passar.

Somente ao atravessarem lentamente aquele instante de magia é que Yolanda recostou de novo sua cabeça sobre os ombros dele, murmurando:

— Como... isso pôde ter acontecido? Como posso amá-lo?

— É o que desejava ter ouvido na noite anterior — disse o duque. — Mas tinha medo de amedrontá-la ainda mais.

— Acho... que eu também queria... — sussurrou Yolanda. — É que fiquei apavorada...

— Teve medo de mim?

— Acho que de mim... e do que me fez sentir, quando beijou minha mão.

— Prefiro beijar seus lábios — falou o duque.

E beijou-a novamente, com uma paixão que vibrava dentro dela.

Somente ao ouvir Bouvais movimentando-se na cabina é que Yolanda recobrou a serenidade.

Enquanto ele mexia na porta, Yolanda fechou os olhos.

Agora, deveria encarar a realidade.

Por um instante mágico, fora transportada aos píncaros de uma glória que parecia não pertencer a este mundo.

Ela e o duque tinham se tornado um único ser. Tudo tinha sido tão perfeito, tão puro, que, nem por um momento, deixou de acreditar que essa graça lhe fora proporcionada

pelo próprio Deus.

Mas, ao recobrar a consciência, lembrou-se de que o homem que a beijara era o duque de Ilkeston e, ela, uma simples inglesa, desempenhando o papel de criada... e de uma mulher casada!

A realidade despertou-a ainda para o fato de que era irmã de um homem obrigado a partir para o exílio, em virtude de um ato que a lei considerava assassinato!

Uma grande angústia parecia crescer dentro dela, como uma tempestade. Yolanda quis morrer naquele instante, após ter conhecido o amor em toda sua plenitude!

Então, ouviram a voz de Bouvais:

— Podem sair agora, monseigneur. Já me livrei deles!

CAPÍTULO VII

Ao ler os jornais, no dia seguinte, o duque mudou os planos que arquitetara.

Na noite anterior, Yolanda sentia-se embaraçada ao pensar que dormiria ao lado do duque na cabina. Mas, após uma refeição simples, que fizera junto com os outros, o duque subira ao tombadilho. E, quando Hawkins desceu para apanhar um colchão, uma almofada e uma manta para seu patrão, Yolanda percebeu que ele pretendia dormir ao ar livre.

Estava bastante quente e abafado no interior da cabina. Yolanda considerou ser preferível dormir sob a luz das estrelas.

No entanto, livre de qualquer embaraço, pudera deitar-se sobre uma nuvem de felicidade, pensando somente nos lábios do duque, na força de seus braços e no êxtase incrível que lhe proporcionara aquele contato.

Mostrou-se envergonhada ao encontrá-lo pela manhã. Houve um alvoroço a bordo, quando o duque anunciou que mudara seus planos, preferindo seguir por terra.

— Suponho que esteja acostumada a cavalgar, não? — perguntou a Yolanda, com um tom que lhe pareceu indiferente.

Quando ela o encarou, com expressão interrogativa, o duque voltou-se para dar instruções a Peter e Hawkins, que estavam na cabina.

— Quero que me comprem quatro bons cavalos — ordenou ele.

— Pretende realmente cavalgar até o Havre? — perguntou Peter.

— Estou convencido de que devemos sair da França o mais rapidamente possível — argumentou o duque.

— Por que hoje o retorno se torna mais urgente do que ontem? — quis saber Peter.

Falava como se estivesse se dirigindo a um igual. Yolanda ficou imaginando se o duque notara isso. Ele simplesmente explicou:

— A situação entre França e Inglaterra piorou consideravelmente. Os jornais informam que o embaixador francês em Londres foi chamado de volta às pressas.

— Isso significa que a guerra é inevitável — observou Peter.

— Temo que sim — respondeu o duque. — E a última coisa que poderia nos acontecer é estarmos na França nesse momento.

— Tem razão no que lhe diz respeito — observou Peter. — Mas imagino que nós, meros civis, estejamos a salvo. Talvez tenhamos apenas dificuldade em conseguir um navio que nos leve para casa.

O duque mostrou uma expressão mais preocupada ainda.

— Há algo mais, monseigneur?

— O embaixador britânico em Paris informou-me que Napoleão ameaçou, em caso de guerra, prender qualquer turista inglês que estivesse no país.

— Meu Deus! — exclamou Peter. — Nunca se ouviu falar de uma atitude tão radical em toda a História!

— É uma medida contrária a todos os preceitos civilizados, mas sempre achei que Bonaparte, no fundo, era um selvagem! — afirmou o duque.

— Então, Vossa Graça, temos que fugir daqui o mais cedo possível! — interveio Hawkins.

— É o que penso! — concordou o duque. — Você e Latour tentem arranjar os cavalos, e lembrem-se de que precisamos de uma sela feminina para madame.

A expressão de Peter revelava que ele aguardava ansiosamente a hora de sair para comprar cavalos. Preferia cavalgar do que viajar numa barçaça.

O duque olhou o relógio.

— Encontrem-nos daqui a duas horas. Enquanto isso desceremos um pouco mais pelo rio.

— Não podemos nos desencontrar — recomendou Peter.

Saiu, então, com o valete, parecendo um garoto que ganhara um presente inesperado.

Yolanda achou que o duque aproveitaria a oportunidade para conversar com ela a sós. Ficou esperando ansiosamente na cabina, mas decepcionou-se, pois ele permanecia no convés.

Ela tinha muito o que lhe dizer e queria sentir novamente o êxtase daquela sensação luminosa que nunca conhecera antes!

— Eu o amo! Eu o amo! — dizia para si mesma.

Algumas vezes, ouvia-o conversar com Bouvais e com os outros homens que cuidavam da barçaça. O tempo foi passando e ele não desceu.

Ao fazê-lo, mais tarde, Bouvais o acompanhava, trazendo pão fresco, queijos e uma cesta de frutas recém-colhidas.

— Não é muita coisa, madame — desculpou-se. — Mas foi o que um de meus homens arranjou na cidade ontem à noite. Assim não sentirá fome.

— Não estou com fome agora — afirmou Yolanda — e espero, monsieur, que me permita cozinhar algo quente para o jantar.

— Será muita bondade de sua parte, madame — agradeceu Bouvais. Tão logo acabaram de conversar, Yolanda olhou com insistência para o duque.

— Espero — disse ele, respondendo à pergunta que Yolanda não fizera — termos conseguido os cavalos para podermos reiniciar nossa viagem, tão logo os camponeses deixem o trabalho nos campos.

— Isso é sensato — observou Bouvais — se não quer ser visto, monseigneur.

— Quatro cavaleiros vindos da direção do rio poderiam causar comentários — ponderou o duque.

Bouvais assentiu com a cabeça.

Pela maneira como o marinheiro olhava o duque, dava a entender que seria difícil alguém tão distinto e elegante como Sua Graça não ser notado.

Ele terá que tomar muito cuidado, pensou ela, lembrando-se da longa viagem até Havre.

Peter e Hawkins se encontraram com eles, depois de duas horas, muito excitados

com o que tinham conseguido.

O duque acompanhou-os até a cabina, onde poderiam conversar sem serem ouvidos.

— Achamos quatro excelentes animais, Vossa Graça — exclamou Peter. — Custaram caro, mas achei que seria um erro pechinchar por eles.

— Muito bem! — concordou o duque.

— Dissemos ao dono que os apanharíamos às seis horas — continuou Peter. — Naturalmente, não mencionei que estávamos viajando de barco.

O duque pareceu assentir. Então, perguntou:

— Como são as lojas da cidade?

— Pareciam grandes e prósperas — informou Peter.

— Sugiro, então, que compre trajes de montaria para sua esposa — comentou o duque.

— Tenho certeza... de que não preciso disso — murmurou Yolanda. Na verdade, estava preocupada ao pensar no desconforto de fazer uma longa viagem sem trajes apropriados.

Em casa, freqüentemente cavalgava pelos campos e até as cidades próximas usando vestido. Mesmo enfrentando pequenas distâncias, a cavalgada era desagradável.

Contudo, estava certa de que não deveria se tornar um empecilho para que o duque pudesse avançar, obrigando-o a diminuir o passo, o que poderia ser perigoso.

Ela era uma boa amazona, embora desde a morte de seu pai não tivessem mais condições de sustentar cavalos bons como aqueles em que montavam quando criança.

O duque ignorou sua observação e ordenou a Peter:

— É melhor partir imediatamente!

Como achasse um erro querer parecer elegante, naquela ocasião, Yolanda não pusera o bonito chapéu que usara ao sair da casa.

Amarrara um lenço de seda na cabeça, que a deixava com o aspecto de uma francesa comum indo às compras na cidade.

Lembrou-se, então, de que seria tolice gastar o único dinheiro que possuíam em coisa tão desnecessária como roupa.

— Posso viajar como estou, Vossa Graça — insistiu ela, firmemente. — Não é necessário que eu deixe a barcaça.

— Peço-lhe que faça o que sugeri — respondeu o duque. — E há outras coisas de que você vai precisar, já que não trouxe nada.

Sorrindo levemente, sabendo que ela não ousaria desafiá-lo, o duque tirou algumas notas de sua carteira e as entregou a Peter.

— Não... por favor! Eu posso pagar — disse, instintivamente, Yolanda.

— Não é verdade! — afirmou Peter. — E obrigado, Vossa Graça! Somos muito gratos por sua generosidade!

Não havia mais nada que Yolanda pudesse dizer. Só quando se afastaram da barcaça, ancorada agora à margem do leito principal do rio, ela perguntou, furiosamente:

— Como pôde deixar que o duque pagasse meu traje?

— Por que deveríamos gastar um dinheiro que não podemos? — observou Peter.

— É errado.

— Não é mais errado eu andar vestido com um uniforme de batedor? — continuou Peter. — Esqueceu-se, senhorita Arrogância, que é uma criada?

Estava apenas brincando, mas suas palavras feriram Yolanda como uma punhalada.

Certamente ela era apenas uma criada aos olhos do duque, mas o amava. Hoje, ele mal olhara para ela. Isso a ferira tanto, que não conseguia desviar-se de seu sofrimento.

Ela e Peter dirigiram-se à loja mais sofisticada, pois estavam com pressa.

Acharam um traje de verão bem cortado, confeccionado em um fino tecido azul, cor que combinava perfeitamente com os olhos de Yolanda.

Ela o experimentou. A não ser a necessidade de apertar um pouco a cintura, a roupa parecia ter sido feita sob encomenda para ela.

— Vou levá-la — disse ao vendedor.

— Há alguma coisa mais aqui, madame, que lhe interesse? — ofereceu ele.

Yolanda ia responder negativamente, quando viu um vestido cor-de-rosa muito charmoso.

Não conseguia deixar de olhá-lo. E, embora tivesse tentando resistir ao desejo de experimentá-lo, acabou cedendo às lisonjas do vendedor.

— Parece ter sido feito para a senhora, madame. Cai-lhe como uma luva, e fica ainda mais atraente com ele.

Yolanda olhou para sua imagem refletida no espelho.

Ao obedecer às instruções do duque de partir apenas com o que estava vestindo, trouxera, como única peça extra, o casaco de viagem.

Quando alcançassem o Havre e iniciassem a travessia do canal, teria apenas um vestido para usar, por mais tempo que ficassem no mar.

Sua consciência lhe dizia que não tinha o direito de gastar o dinheiro do duque, a não ser para comprar o traje de montaria.

O vestido não era caro. E o vendedor estava certo ao dizer-lhe que ela ficava mais atraente ao usá-lo.

Ele possuía aquele indescritível charme que notara nos vestidos de Gabrielle Dupré.

Quero que o duque me veja assim, pensou Yolanda, ao ver novamente sua imagem refletida no espelho, e não como tenho me vestido até agora.

Impulsivamente, com medo de mudar de idéia, disse ao vendedor:

— Vou levá-lo!

Ele o embrulhou junto com o traje de montaria. Yolanda comprou ainda um par de pequenas botas, como as que usava para cavalgar em casa, e partiu rapidamente com Peter, em direção à barcaça.

Esta não se deslocara muito rio abaixo, desde que tinham saído. O duque deveria estar acertando as contas com Bouvais.

Ao chegarem ao convés, o duque cumprimentou efusivamente Peter, mas não se dirigiu a ela.

De repente, ela se perguntou se ele estava arrependido daquele momento de aventura dentro do esconderijo, quando a beijara e a fizera compreender que o amor era

algo divino!

Talvez... eu o tenha desapontado, pensou desesperadamente.

Vestiu o traje de montaria e ele não fez qualquer comentário. Ela imaginou que, por alguma razão que não compreendia, tinha perdido a admiração dele.

Fizeram uma rápida refeição antes de deixarem o barco. Yolanda preparara uma deliciosa omelete, mas o duque não lhe dirigiu qualquer elogio. Ficara discutindo com Bouvais sobre o caminho mais rápido para se chegar ao Havre.

— Cavalgaremos a noite — afirmou ele — e ficaremos sob a proteção das árvores, durante o dia.

— Há muitos bosques, monseigneur. O Sena serpenteia por entre poucos deles, mas se o senhor se deslocar para o lado norte do rio, ficará protegido durante todo o caminho.

Ao se despedirem, Bouvais foi muito eloquente ao desejar votos de boa sorte, demonstrando que o duque tinha sido muito generoso no pagamento da curta viagem na barça.

Então, enquanto os habitantes que viviam nas cidades e pequenos chalés jantavam, eles cavalgavam pelos campos vazios, dirigindo-se para o oeste, em meio ao frio ar da noite.

Os cavalos que Peter e Hawkins haviam escolhido não eram propriamente bonitos, mas de boa cepa e bastante vigorosos.

Yolanda lembrou-se de que seu pai dizia que Peter tinha um “bom olho para cavalos”. Acrescentava que isso era algo que não se aprendia, mas se constituía num dom inato.

Ele tinha razão, pois bastou montar o animal para perceber que ele não teria dificuldades em transportá-la durante uma longa viagem.

Seguiam na velocidade ordenada pelo duque, que também mostrava suas habilidades de cavaleiro, mantendo-se num ritmo satisfatório para não cansar nem o cavalo nem o homem.

Eram quatro horas da manhã. O dia começava a nascer no horizonte, quando pararam em um bosque cerrado. Então, o duque falou pela primeira vez.

— Ficaremos aqui e dormiremos. Bouvais nos deu algo para comer e beber. Mais tarde, você, Latour, irá até a cidade mais próxima para nos comprar alimentos suficientes até amanhã.

O duque trouxera comida na bolsa de sua sela e Peter carregava duas garrafas de vinho na sua.

Sentaram-se em um dos cantos do bosque, onde podiam observar tudo sem serem vistos. Os cavalos pastavam sobre a grama.

Tinham parado duas vezes durante a viagem, para que os cavalos bebessem. È agora Yolanda percebeu que também ela estava sedenta.

Todos comeram juntos, mas Yolanda imaginou que o duque se comportava assim porque todos estavam correndo os mesmos riscos.

Naquele momento, a hierarquia social perdia seu valor. Unidos naquela fuga, o duque era igual a seu valete e a Peter, a quem ainda devia considerar como um de seus

criados.

Conversaram sobre a viagem à frente, que era a única coisa que importava no momento. Havia uma certa camaradagem, no desejo de todos, em alcançar o mesmo objetivo: a segurança.

Depois que Yolanda comeu e bebeu um copo de vinho, Hawkins apanhou uma manta limpa e estendeu-a para ela embaixo de uma árvore, pouco além de onde todos estavam sentados.

Ela agradeceu e ele lhe garantiu:

— Se ficar com medo, madame, lembre-se de que estamos todos aqui para protegê-la! Yolanda sorriu.

— Acho realmente que a pessoa que precisa mais de proteção é Sua Graça — comentou ela.

— É verdade! — concordou Hawkins. — Mas Sua Graça tem sorte: sempre vence e consegue o que quer. Nunca o vi perder.

Quando Hawkins a deixou, Yolanda deitou-se sobre a manta. Sentindo-se infeliz, pensou que realmente não era a mulher que o duque desejava.

Ele não lhe tinha dirigido palavra alguma durante todo o dia, nem sequer a olhara. Não seria fácil conversar depois de tudo o que acontecera.

Ao mesmo tempo, ansiava somente um olhar dele, um toque de sua mão, e a leve sensação de intimidade que existira entre ambos desde aquela noite em que ele a levava para conhecer Paris.

— Eu o amo! — murmurou ela.

Sua refeição misturava-se inexplicavelmente com suas preces.

Na manhã seguinte, reiniciaram a longa viagem, percorrendo apenas uma curta distância durante o dia, esquivando-se de bosque em bosque, sempre explorando à frente, para ver se não havia ninguém, cada vez que tinham que se expor.

Os cavalos estavam descansados. Tinham cavalgado uma distância considerável, antes que parassem novamente, ao amanhecer.

No outro dia, não fazia tanto calor e caíram algumas pancadas de chuva.

— Acredito que amanhã à noite estejamos em Havre — informou o duque. — E pretendo passar a noite em uma hospedaria de qualquer espécie. Estará muito frio para permanecer ao ar livre.

Yolanda teve a impressão de que ele pensava no bem-estar dela, mas não tinha certeza disso. Na verdade, não sabia de mais nada que dissesse respeito ao duque.

Cada vez que o olhava, o ferimento que existia em seu coração tornava-se mais doloroso ainda.

Durante todo o tempo, remoia o pensamento de que ele não queria mais conversar com ela, e que não mais a achava bonita, como tinha dito antes.

— O que fiz? O que disse? — perguntou-se.

Parecia-lhe impossível que um beijo, que lhe trouxera a música celestial aos ouvidos, pudesse tê-lo deixado aborrecido e, mesmo, desgostoso com ela.

A hospedaria que escolheram era pequena e longe da estrada principal.

— Tenho um quarto para madame, monsieur — disse o proprietário, quando o duque perguntou se havia lugares disponíveis — e alguns quartos simples no sótão, não muito confortáveis.

— Está bem — disse o duque. — Latour, você e sua esposa ficarão com o quarto grande. Hawkins e eu iremos para o sótão.

— Não, por favor — suplicou Yolanda. — Sua Graça deve ficar com o aposento maior... Peter e eu ficaremos com os quartos simples.

O duque mostrou-se surpreso. Rapidamente, Peter interveio:

— Yolanda diz que eu ronco demais. Por isso, nunca dormimos juntos.

— Muito bem, então — disse o duque. — Madame deverá alojar-se no quarto grande. Yolanda tentou discutir, mas ele desconsiderou seus protestos, do mesmo modo autoritário que ela conhecera em Calais.

E, antes que pudesse analisar a situação, já estava no tão discutido quarto.

Achou que talvez Peter viesse até lá para conversar. Mas, assim que recostou a cabeça no travesseiro, dormiu pesadamente, de tão cansada que estava.

A hospedaria era muito simples, o quarto pobremente mobiliado, mas Yolanda não notou nada, até ser despertada por uma batida na porta e pela voz de Hawkins, que a chamava para partirem dentro de vinte minutos.

Tomaram um reforçado café da manhã. O dono da estalagem olhava para eles curiosamente e fazia perguntas. Queria saber de onde tinham vindo e para onde estava indo, mas sua curiosidade não parecia ter nenhum motivo sinistro.

Cavalgaram durante todo o dia seguinte e, à tarde, viram muitas pessoas seguindo pela estrada. Havia muitos chalés pequenos agrupados nos subúrbios de Havre, mas agora eles não despertavam tanta atenção.

À distância, Yolanda viu o mar, mal conseguindo conter uma exclamação de felicidade.

Ao se aproximarem mais e mais da costa, lembrou-se de que isso significava não somente o fim da fuga da França, mas também de sua convivência com o duque, se é que podia considerá-la assim.

Enfrentariam juntos a viagem de volta à Inglaterra, se tivessem bastante sorte de encontrar o iate à espera deles. Então, quando chegassem a seu país, ela e Peter teriam de desaparecer imediatamente.

Ainda não tivera oportunidade de perguntar ao irmão para onde ele gostaria de ir e quais os planos que tinha para o futuro.

Tudo o que conseguia pensar nesse momento era que, ao ter que deixar o duque, sentia a maior angústia de toda sua vida.

A cada momento que passava cavalgando a seu lado, mais o amava, ainda que ele nunca olhasse para ela.

Yolanda admirava a conformação de seus ombros, a maneira como erguia a cabeça, o modo como montava.

Ao observá-lo conversando com Peter ou Hawkins, sentia que o rosto dele ficaria gravado para sempre em seu coração e que nenhum outro homem a atrairia mais.

Seu coração lhe dizia, também, que nunca mais amaria como agora e ficaria solitária pelo resto da vida, já que ele não estaria a seu lado e nem sequer poderia ouvir sua voz.

Já estava escurecendo quando alcançaram Havre.

Embora o duque não houvesse mencionado nada a respeito, certamente estariam em perigo se tentassem entrar em contato com o iate. Fouché já deveria ter enviado seus homens para impedir o embarque.

Ela pensou em comentar isso com o duque, mas receou que ele achasse que estava interferindo.

Por isso, não se surpreendeu quando, em vez de seguirem em direção ao porto, cavalgaram através da cidade e ao longo da costa.

O duque desmontou e permaneceu olhando para o porto, que estava a uns oitocentos metros deles.

— Lá está, Hawkins! — disse ele em voz baixa.

Todos olharam para a direção apontada e viram o iate preso com uma âncora. ,

— Sim, é ele, Sua Graça! — concordou Hawkins.

— Tome cuidado para que ninguém o veja — recomendou o duque. — Nós cavalgaremos mais um quilômetro e meio.

Hawkins assentiu e, sem dizer mais nada, entregou as rédeas de seu cavalo a Peter e partiu na direção do porto.

— O que ele vai fazer? — perguntou Peter.

— Tentará subir a bordo, por barco ou a nado, para avisar ao capitão que levante a âncora e nos encontre um pouco abaixo da costa — respondeu o duque.

— É uma boa idéia! — exclamou Peter. — Como logo ficará escuro, os franceses não perceberão que o iate está se movendo, até que não tenham mais tempo para tentar impedir-nos!

— É o que espero — concordou o duque. — Você pode conduzir os dois cavalos?

— Sim, é claro.

Como Peter estava ocupado, Yolanda esperou que o duque se dispusesse a ajudá-la a montar.

Para sua surpresa, ele montou em seu próprio cavalo e ela foi obrigada a fazer o mesmo, sozinha.

O duque cavalgou a frente. Quase indistinto pela escuridão da noite, Yolanda teve a sensação de tê-lo perdido para sempre.

— Você deve pedir-lhe o dinheiro — insistia Peter.

— Como posso? — perguntou Yolanda.

— Diga-lhe que lhe pagaremos quando pudermos. Cem libras não significam nada para o duque de Ilkeston.

— Cem... libras? — murmurou, desanimada, Yolanda. Peter tinha vindo à sua cabina, logo que ela acordara.

Era estranho, após o desconforto das últimas quatro noites, poder desfrutar da maciez de um colchão e finos lençóis de linho.

Mais difícil ainda era constatar que tudo saíra conforme os planos do duque. Tinham

conseguido deixar o solo francês, sem que ninguém tentasse impedi-los.

Quando soltaram os cavalos e seguiram para a praia, para esperar pelo primeiro sinal do iate que navegava junto à costa, Yolanda tivera vontade de que o duque segurasse suas mãos.

Queria que ele a abraçasse, protegendo-a, enquanto aguardavam a embarcação que os levaria para longe do inimigo.

Mas, enquanto conversava com Peter, parecia ter-se esquecido completamente de sua existência. Ela permaneceu em silêncio, olhando as ondas que se espalhavam sobre a areia, sentindo como se elas batessem de encontro a seu coração.

Ele voltaria para o mundo social onde reinava, para suas ocupações junto à casa real, para seus amigos da Câmara dos Lordes e, naturalmente, para as mulheres que, com toda certeza, achavam-no irresistivelmente atraente.

Será que se lembraria, por um momento ao menos, da mulher que beijara no escuro?

Um bote transportou-os da praia até o iate. Enquanto o capitão lhes dava as boas-vindas a bordo, Yolanda notava, pelo luxo do navio, a que tipo de vida o duque estava acostumado.

Mostraram-lhe sua cabina e, quando um marinheiro lhe perguntou se gostaria de algo para comer ou beber, ela recusou, sentindo-se, naquele momento, infeliz demais para ter fome ou sede.

Desejava apenas dormir intensamente. Só acordara ao ouvir Peter bater à sua porta.

Ele parecia muito bem-humorado. E, para agradá-lo, ela tentara deixar de lado sua própria tristeza.

— Graças a Deus, o mar está calmo — comentou ele. — O capitão diz que faremos uma travessia muito agradável.

— Fico contente, querido.

— Agora... há algo que você precisa fazer — começou Peter. Quando lhe dissera do que se tratava, Yolanda gritou, protestando.

— Não seja tão enjoada — disse seu irmão. — Temos que ter algum dinheiro, especialmente se formos viajar para a Irlanda, como você sugeriu.

— Suponha que, chegando lá, não encontremos trabalho?

— Devo conhecer alguém na Irlanda. É só questão de me lembrar — afirmou Peter, vagamente. — Mas, para onde quer que vamos, as coisas não serão tão fáceis como foram para chegarmos a Paris. Assim, temos que ter algum dinheiro, Yolanda.

— Mas... não do duque — negou-se, firmemente, Yolanda.

— Muito bem — disse Peter. — Iremos para casa esperar que me prendam. Se você se recusa a me ajudar, não há mais nada que possamos fazer.

Yolanda suspirou.

Ele a convencera e ambos sabiam disso.

— Muito bem — continuou ela. — Mas não sei por que você mesmo não faz isso.

Peter riu maliciosamente.

— Tenho a impressão de que o rico duque de Ilkeston encontrará mais dificuldade em recusar esse pedido a uma bela mulher do que a um homem.

Era uma afirmação tão escandalosa que Yolanda sentiu vontade de rir. Mas antes que pudesse expressar-se, Peter retirou-se, deixando-a sozinha.

Ela lavou-se e, ao ver seu empoeirado traje de montaria sobre uma cadeira, onde o deixara na noite anterior, lembrou-se de que tinha algo muito diferente para vestir.

Durante todo o percurso, ela protegera cuidadosamente o vestido novo com sua capa de viagem, colocando-o na parte posterior da sela. E, assim, seu vestido ficou livre da poeira e da chuva. Mesmo cansadíssima, ao chegar ao quarto, lembrou-se de pendurá-lo no guarda-roupa.

Agora, ao vê-lo, e sem questionar se deveria tê-lo comprado ou não, vestiu-o.

Isso talvez lhe desse a necessária coragem para pedir ao duque o dinheiro emprestado.

Era a situação mais humilhante e embaraçosa que já passara em toda a sua vida.

Reconhecia, contudo, que Peter estava certo. Não conseguiriam fazer nada com o pouco dinheiro que tinham. A única alternativa seria voltar para casa e, nesse caso, ele seria preso.

— O que importa o que pense o duque? — perguntou-se. — Ele somente deseja se ver livre de nós. Deve considerar-nos um estorvo.

Levou um bom tempo se arrumando, enquanto reunia forças para sair da cabina.

Já era muito tarde. Por ter dormido demais, provavelmente teria perdido o café da manhã.

Enquanto pensava nisso, ouviu uma batida à sua porta. Ao perguntar quem era, respondeu-lhe um camareiro. ,

— Percebi que estava acordada, madame — disse ele — e trouxe-lhe café. Quer mais alguma coisa?

— Não, obrigada. Só o café já está ótimo!

Ele deixou uma bandeja sobre uma mesa fixada na parede da cabina e, quando estava para sair, Yolanda chamou-o:

— Pode dizer-me... onde posso encontrar Sua Graça? Sentia que sua voz tremia ao falar.

— Sua Graça está em sua cabina particular, madame, que fica na popa — informou-lhe o camareiro.

— Obrigada!

Bebeu, então, o café, esperando que isso lhe desse coragem.

Seu coração batia fortemente. Ao mesmo tempo que se sentia constrangida, ansiava por ver o duque. Então, saiu da cabina, dirigindo-se à popa.

Não era tão fácil localizar o aposento do duque, como ela esperava. Já se preparava para voltar ao convés em busca de auxílio, quando viu Hawkins no fim do corredor.

— Bom-dia, madame. Dormiu bem? — cumprimentou-a, sorrindo.

— Muito bem, obrigada — afirmou Yolanda. — Gostaria de ver Sua Graça.

— Eu direi a ele — disse Hawkins, voltando para dentro da cabina de onde saíra.

Yolanda ouviu o murmúrio das vozes do valete e do duque. Quando estava chegando à conclusão de que não conseguiria encará-lo e se preparava para voltar,

Hawkins reapareceu.

— Pode entrar, madame.

Abriu a porta e Yolanda entrou em um aposento tão imenso que tinha a mesma extensão do iate.

Confortável e muito bem decorada, a cabina combinava com o requinte do duque.

Havia uma grande escrivaninha, onde ele estava sentado, um cômodo sofá, cadeiras e uma estante presa à parede. Em todo o aposento rescendia um ar marinho, próprio de um iate daqueles.

— Bom-dia!

A voz do duque soava baixa e grave.

Pelo menos agora, pensava Yolanda enquanto avançava, ele seria obrigado a encará-la.

— Não quer sentar-se?

O duque indicou-lhe uma cadeira em frente à escrivaninha.

Enquanto se dirigia a ela, meio indeciso em virtude do balanço do iate, achou que ele desejava que a conversa girasse em torno de negócios. De outra forma, a teria convidado para se sentar no sofá.

— Espero que tenha dormido bem!

— Sim... obrigada.

Seguiu-se um breve silêncio. Então, ele disse:

— Tenho que elogiar a maneira como enfrentou o desconforto dos últimos dias. Se a viagem foi dura para um homem, imagino para uma mulher!

Yolanda não respondeu. A maneira como ele falava ainda era fria e impessoal.

Deveria ser aquele o modo como sempre elogiava qualquer pessoa que o tivesse servido bem, mas não a quem tivesse um interesse pessoal.

— Acho que já sabe — continuou ele — que aportaremos em Southampton. Talvez queira me dizer para onde deseja ir depois.

Era justamente a oportunidade de que ela precisava para dizer o que queria. Porém tornava-se difícil encontrar as palavras adequadas. Nervosamente, ela fechou a mão.

Então, sem olhar para o duque, tentou falar, com voz fraca:

— Antes... de chegarmos à Inglaterra... tenho algo a pedir a Vossa Graça.

— O que é?

Agora, era quase impossível continuar. Yolanda suspirou, antes de responder:

— Nós... precisamos de sua ajuda.

Sentia, mesmo sem encará-lo, que o duque erguera as sobrancelhas. De repente, com medo que não conseguisse prosseguir, falou rapidamente:

— Meu marido e eu imaginamos que talvez pudesse nos conseguir algum dinheiro... emprestado. Ainda que leve algum tempo, nós o... pagaremos.

Suas palavras soavam entrecortadas, mas, ao menos, conseguira pronunciá-las. Sentia-se tão tensa que achava difícil até respirar.

— Creio que tenho para com você um débito de gratidão, pela maneira como me ajudou — lembrou o duque, lentamente.

— Não... não! — disse Yolanda, com os nervos à flor da pele. — Não nos deve nada! Já foi muito bondoso... maravilhosamente generoso nos trazendo junto! Só queremos emprestar...

Sua voz sumiu de repente. Era-lhe impossível mencionar agora a soma que Peter desejava.

— Ainda não me disse para onde pretendem ir — comentou o duque.

— Não sei... Talvez para a Irlanda.

— Por quê Irlanda?

Ela não respondeu. E, após um intervalo, o duque insistiu:

— Penso que seria sensato que me contasse o segredo que vem guardando, Yolanda. Pelo que me disse, posso imaginar que estejam se escondendo por alguma razão. É verdade?

— Sim... sim...

Não havia mais como ocultar.

A pergunta fora tão incisiva que Yolanda achou que, se não lhe contasse a verdade, o duque se recusaria a ajudá-la.

— Estamos nos escondendo — disse Yolanda, com a voz dificilmente audível — porque Peter matou um homem!

— Matou um homem?

— Em um duelo... Foi um acidente. Mas ele será preso de qualquer forma, por assassinato!

— Se ele matou alguém em um duelo, e não pretendia fazê-lo, não pode ser acusado de assassino — garantiu o duque. — Como deve saber, os duelos acontecem apenas entre cavalheiros, e sempre por uma questão de honra.

Yolanda percebeu que ele desprezava a estupidez dela e de Peter, e completou rapidamente:

— O homem que Peter matou... era muito importante. É por isso que ele pode ser preso.

Olhou para o duque e achou que ele parecia cético quanto à história. E, então, ela prosseguiu:

— Juro-lhe que Peter pretendia apenas feri-lo no braço... mas seu rival bebera muito, vacilou na hora do ataque e o tiro feriu-o no peito!

— Você disse que esse homem era importante. Poderia dizer-me seu nome?

Yolanda ia obedecê-lo, quando de repente entrou em pânico:

— Se eu lhe contar... promete que não informará a ninguém que Peter voltou à Inglaterra?

— Acredita, realmente, que eu seja capaz de fazer tal coisa? — perguntou o duque, furiosamente.

— Queira... desculpar-me — continuou ela — mas tudo tem sido tão terrível, desde que isso aconteceu... O pouco dinheiro que tínhamos trazido da Inglaterra foi roubado, enquanto Peter se sentia mal, durante a travessia do canal.

Lágrimas escorriam de seus olhos e a voz de Yolanda estava mais débil do que

nunca.

— Ele matou quem? — insistiu o duque.

— O marquês... de Ramsbury!

Foi difícil pronunciar aquele nome, mas ela conseguiu. Depois, arrependeu-se, achando que fora imprudência de sua parte.

Como ela já imaginara, se o marquês fosse amigo do duque, ele se sentiria na obrigação de entregar Peter às autoridades.

— O marquês de Ramsbury? — repetiu ele.

— Sim.

— Tem certeza de que era ele?

— Claro que sim... Seu padrinho, lorde Basil Blake, que estava presente, afirmou que Peter seria condenado... por assassinato!

— Ele não tinha o direito de dizer tal coisa — afirmou o duque. — Em todo caso, garanto-lhe que o marquês não morreu!

— Não... morreu?! Não morreu?!

A pergunta parecia explodir em sua boca. O duque balançou a cabeça negativamente.

— O embaixador contou-me, semanas atrás, quando jantava com ele, que seu amigo Ramsbury se envolvera em um acidente com arma. Afirmou ainda que, provavelmente, teria sido fatal, mas, por um milagre, ele sobrevivera e, atualmente, está convalescendo.

— Não... posso acreditar! — murmurou Yolanda.

— É verdade! Yolanda fechou os olhos.

Por um momento, sentiu como se toda a cabina girasse à sua volta. Depois de tudo o que sofrera, de temer tanto pelo destino de Peter, de toda a preocupação em fugir, da perda do dinheiro, da ida e da fuga a Paris, parecia-lhe impossível que tudo tivesse sido desnecessário.

— Compreendo que tenha sido um choque para você — ouviu o duque dizer, como se estivesse muito, muito longe.

Levantou-se da escrivaninha e abriu um armário, onde havia bebidas e copos caprichosamente arrumados, de tal forma que, se o navio balançasse muito, eles não se quebrariam.

Virou-se com um cálice de brandy nas mãos e recomendou-lhe:

— Beba isto!

— Eu... estou bem!

Ele não se moveu. Ainda chocada, ela apanhou o cálice.

Ao pegá-lo, seus dedos tocaram os dele e Yolanda sentiu mais uma vez aquela sensação luminosa que a percorria, numa mistura de dor e êxtase.

Isso a reanimou mais que qualquer coisa que pudesse beber. Só para agradá-lo tomou dois pequenos goles e colocou o cálice sobre a escrivaninha.

— Agora... podemos voltar para casa!

— Onde fica? — quis saber o duque.

— Perto de Canterbury... Somos muito pobres e... a casa é velha e mal cuidada, mas,

ao menos, nos pertence.

— Fico contente por ter sido capaz de ter-lhe dado uma notícia tão boa! — falou o duque gravemente.

— Maravilhosa! — murmurou Yolanda. — Agora Peter pode voltar para Londres, para seus amigos e desfrutar de tudo, da vida que levava antes.

— Por que ele duelou com Ramsbury? Yolanda fez um pequeno gesto com as mãos.

— Realmente não sei... Mas penso que tenha sido por causa de uma mulher.

— Uma mulher? — repetiu o duque. Yolanda sorriu.

— Peter acha adoráveis as bonitas damas que conhece em Londres e é retribuído da mesma forma.

— E você não se importa? — perguntou o duque.

— Fico feliz em ficar em casa — afirmou Yolanda. — Embora, às vezes, me sinta solitária, agora que papai e mamãe morreram.

— Ainda não me disse seu verdadeiro sobrenome!

— É Tiverton. Tenho certeza de que nunca ouviu falar de nós, mas papai era quinto baronete, e Peter é o sexto!

Sentiu que o duque ficara tenso na cadeira. E, depois de uma pausa, ele indagou, com voz estranha:

— Não entendo. Você disse que seu pai era quinto baronete. Peter era seu primo, antes que vocês se casassem?

Yolanda deu uma pequena gargalhada.

— Esqueci de dizer-lhe que Peter é meu irmão! Nós apenas... fingimos ser casados...

— Seu irmão? — interrompeu o duque. Sua voz parecia ecoar por toda a cabina. — Seu irmão?! — repetiu ele.

Falava tão alto que ela o olhou, surpresa.

De repente, inclinou-se e seus braços enlaçaram-na.

— Seu irmão? — disse novamente. — E eu fiquei o tempo todo me crucificando, pois achava que você era casada! Oh, minha querida, você nem imagina a agonia que senti por não poder tocá-la!

Era impossível dizer qualquer coisa mais, pois seus lábios procuraram a boca de Yolanda para beijá-la ávida e apaixonadamente, com uma fúria que parecia aliviar algo que explodira dentro dele, e que não podia mais ser controlado.

Puxou-a cada vez mais para perto de si, de tal forma que ela não conseguia mais respirar e, muito menos, pensar! Yolanda apenas sentia que mais uma vez se elevava ao espaço.

O iate mudou de direção e o duque cambaleou.

Sem tirar os lábios da boca de Yolanda, alcançou o sofá e apoiou-se nele, fazendo-a ficar quase deitada sobre seus joelhos e pousando sua cabeça sobre os ombros másculos.

— Eu a amo! Deus, como eu a amo! — confessou ele. — Pela primeira vez em minha vida agi com reserva, pensando mais em você que em mim, pois achava que era casada!

Não esperou por uma resposta, beijando-a novamente, tão ardentemente que uma chama parecia sair de seus lábios e incendiava seu coração, despertando nela uma intensa

emoção.

Quando, finalmente, conseguiu falar, Yolanda comentou:

— Ao notar que você não me olhava nem conversava mais comigo, achei que tinha se decepcionado... ao beijar-me!

— Decepcionado? — exclamou o duque. — Foi o beijo mais perfeito que recebi em toda minha vida!

— Nunca alguém havia me beijado antes!

— Oh, minha querida, por que não confiei mais em meu instinto que em minha mente? Poderia ter evitado tanto sofrimento a mim mesmo ao pensar em expulsá-la de minha vida!

— Você... realmente pensou nisso?

— Tentei agir assim — respondeu o duque — Porque achava que era a coisa mais certa a fazer e porque não desejava corromper uma pessoa tão pura, como meu coração dizia que você era!

— Você me diz... coisas tão maravilhosas!

Olhando para dentro dos olhos profundamente abertos de Yolanda, o duque achou que nunca vira alguém tão bonito ou radiante!

O amor fazia com que seus olhos azuis transmitissem uma ternura misteriosa. E era também o amor que tornava seus lábios mais vermelhos e provocava rubor em suas faces.

— Como pude ter tido tanta sorte em encontrá-la? — perguntou ele. — Acreditava que todas as mulheres eram iguais: preocupadas apenas com seu próprio prazer!

— Por isso que se mostrava sempre... tão cínico e aborrecido?

— Um pouco por causa disso disse ele. — Mas agora não tem mais importância, querida. Encontrei você e prometo-lhe que nunca a deixarei.

Beijou suas faces macias, antes de prosseguir:

— Quando se casará comigo?

— Casar-me... com você?

— Eu a quero como nunca quis alguém em minha vida.

Yolanda sentia-se fascinada por uma luz que quase a ofuscava, de tanto brilho.

— Desde o primeiro momento que a vi — continuou o duque —, percebi que você era diferente de todas as mulheres que já conhecera.

— Como? — perguntou Yolanda.

— É difícil traduzir em palavras. Mas havia uma aura de pureza que parecia emanar de você.

— Realmente acha isso de mim?

— Naquela noite, quando passeamos juntos — respondeu o duque

— soube mais claramente qual era a diferença.

— E... qual era?

— Você era minha. A mulher que sempre buscara na vida.

— Não consigo acreditar nisso!

— Eu a farei acreditar, minha querida.

— Você é tão... Imponente, tão importante — murmurou Yolanda.

— Deve casar-se com alguém de seu nível.

O duque sorriu, sem exibir aquele seu constante sarcasmo.

— Estou muito impressionado com a filha do quinto baronete, e ainda mais encantado com seus grandes olhos, seu pequeno nariz reto e com seus lábios, feitos para receberem meus beijos.

Ao falar, sua boca aproximou-se dos lábios de Yolanda. Beijou-os novamente, até que ela sentisse que se integravam num só ser!

— Eu a amo! — repetiu ele. — E, quando chegarmos à Inglaterra, terei muito o que lhe mostrar, muito o que lhe dar, minha querida. Mas a primeira coisa que farei é tirar algo de você.

Yolanda olhou para ele sem entender. Então, com seus braços ainda em torno dela, tomou sua mão e retirou a aliança de casamento.

— Não vou começar a dizer-lhe o quando este anel perturbou minhas noites, fazendo com que eu não dormisse, pensando em você. — confessou ele. — Eu me questionava porquê, tendo o destino colocado você em minha vida, sua aliança pudesse permanecer como uma espada ferina entre nós, e não conseguia achar a resposta!

Colocou a aliança dentro do bolso do colete, antes de beijar seus dedos, um a um.

— Não usará nenhum anel, a não ser os que lhe der — continuou ele. — É, minha querida, você terá todas as jóias do mundo, embora nenhuma delas esteja a sua altura.

Beijou a palma de sua mão, antes de completar:

— Acho que as safiras combinam bem com uma mulher cujos olhos têm a cor do céu, e os diamantes com as estrelas que existem dentro deles, e que vi, pela primeira vez, quando passeamos juntos por Paris.

— Você... me disse coisas tão maravilhosas aquela noite — disse Yolanda. — E, agora não posso acreditar... quando diz coisas ainda mais bonitas, que você realmente seja inglês.

— Sou um homem apaixonado! — exclamou o duque — E meus sentimentos por você me impedem de me expressar de outra forma, a não ser através da beleza que só você sabe compreender.

— Eu o amo! Eu o amo! — murmurou Yolanda.

— Quero que repita isso um milhão de vezes, para que eu tenha certeza! — pediu o duque.

— Não imaginava que o amor pudesse ser tão... absoluto e se constituísse numa graça divina. Quando me beijou pela primeira vez, achei que tinha me transportado aos céus e quis... morrer!

— Não deixaria você morrer — disse firmemente o duque. — Você viverá muito para me amar, porque sem você serei tão desiludido e infeliz como era antes de conhecê-la!

— Prometa que nunca... ficará decepcionado comigo! — suplicou Yolanda.

— Nunca! Pode ter certeza disso, minha querida — confirmou o duque. — Porque nós pertencemos um ao outro. E, a partir de agora, nenhum de nós poderá se sentir completo sozinho.

Yolanda suspirou de felicidade.

Era assim, fascinada, que se sentira desde aquela primeira noite, quando ele tomara sua mão, ao passearem por Paris.

Recordando tudo o que acontecera, parecia-lhe ainda mais maravilhoso, uma aventura excitante, algo que um dia, talvez, viesse a contar a seus netos.

Mas, agora, tudo o que interessava era que estava em segurança nos braços do duque. Sua vida não seria mais marcada pelo medo e pela incerteza!

Ele a abraçou ainda mais intensamente e ela entregou-se totalmente à magia e encantamento de seus lábios ardentes.

FIM



AMOR, SOMENTE AMOR!

Ser acordada no meio da noite, ter seu corpo enlaçado por dois braços fortes e viris, sentir sobre o rosto os lábios úmidos de sir Wolfe, seu jovem e rico patrão, era o desejo secreto de Amanda. Uma noite isso aconteceu... Ela foi despertada por sir Wolfe e ele a agarrou em seus braços, mas para sacudi-la com horror e desespero! De seus lábios não saíram palavras de amor, saíram gritos de acusação: 'Você é uma ladra! Você e seus cúmplices seqüestraram minha filha!' Os olhos de sir Wolfe a ameaçavam com as iras do inferno! Amanda tinha de provar sua inocência. Mas, como?